

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL

Órgão oficial da Liga Brasileira de Higiene Mental
(Registrado no Departamento de Imprensa e Propaganda em 6/10/940)

Redator-chefe:
Presidente da Liga — Prof. Dr. HENRIQUE ROXO

Redator responsável :
EUDÓXIO PAIVA DE ARAÚJO

Redator secretário :
OSVALDO CAMARGO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO :
Praça Getúlio Vargas, n.º 2 - Edifício Odeon
6.º andar - Salas 610-611
RIO DE JANEIRO — BRASIL



ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL - NOVEMBRO 1944 ANO XV

Solicita-se permuta. — Exchanges are solicited. — On demande l'échange.
— Rogamos canje. — Wir bitten um Austausch von Publikationem. — Si
sollecita contraccambio.

LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL

Reconhecida de utilidade pública pelo Decreto n.º 4.778,
de 27 de dezembro de 1923.

SEDE CENTRAL: EDIFÍCIO ODEON, SALAS 610-611
TELEFONE: 22-3720 — RIO DE JANEIRO

Ambulatório Central:
Edifício Odeon — 6.º andar — Sala 610

Ambulatórios:
Instituto de Psiquiatria — Clínica do Prof. Henrique Roxo
Avenida Venceslau Braz — (Praia Vermelha)

DIRETORIA

Presidente — Prof. Dr. HENRIQUE ROXO
Vice - Presidente — Prof. Dr. ADAUTO BOTELHO
Secretário — Prof. Dr. SILVIO ARANHA DE MOURA

CONSELHO EXECUTIVO

MIR. ATAULFO DE PAIVA	PLÍNIO OLINTO
HEITOR CARRILHO	RAUL BITTENCOURT
ADALBERTO LYRA CAVALCANTI	XAVIER DE OLIVEIRA
LAUDELINO DE OLIVEIRA FILHO	NELSON BANDEIRA DE MELLO
EURICO DE FIGUEIREDO SAMPAIO	NEVES MANTA
PERNAMBUCO FILHO	JULIO PATERNOSTRO

ANO XV

NOVEMBRO DE 1944

N.º 1

ARQUIVOS BRASILEIROS DE HIGIENE MENTAL

SUMÁRIO

<i>Liga Brasileira de Higiene Mental</i>	3
<i>Problemas de Higiene Mental</i> — Prof. Dr. Henrique Roxo	5
<i>Idéias atuais sobre psiquiatria</i> — Prof. Dr. Henrique Roxo	9
<i>Considerações sobre higiene mental</i> — Prof. Adauto Botelho	16
<i>A Liga Americana de Higiene Mental</i> — Dr. Osvaldo Camargo	25
<i>Seleção do pessoal para o tráfego telefônico</i> — Dr. L. de Oliveira Lima Filho	32
<i>Higiene mental do trabalho</i> — Dr. A. de Lira Cavalcanti	38
<i>A incidência dos distúrbios mentais dos ferroviários</i> — Dr. Júlio Paternostro	43
<i>Psiconurose, moléstia profissional do bancário</i> — Prof. F. de Sá Pires	55
<i>Higiene mental das crianças em tempo de guerra</i> — Prof.ª Virginia L. Bicudo	62
<i>Introdução ao estudo da higiene mental</i> — Dr. Carlos Augusto Lopes	69
<i>A vida de Gustavo Riedel</i> — Dr. Valdemar de Almeida	72
<i>A Semana Anti-Alcoólica</i> — Prof. Henrique Roxo	79
<i>Alcoolismo e doenças mentais</i> — Prof. Adauto Botelho	81
<i>Semana Anti-Alcoólica</i> — Dr. Claudio Araujo Lima	84
<i>O alcoolismo no Continente Americano</i> — Dr. Osvaldo Camargo	87
<i>O uso inveterado do álcool e as carências vitamínicas</i> — Dr. Rodrigo Ulisses de Carvalho	90
<i>A higiene mental e o Clero na luta anti-alcoólica</i> — Dr. Osvaldo Camargo	93
<i>A colaboração da escola na campanha anti-alcoólica e fatos conexos</i> — Dr. Valdemar de Almeida	100
<i>Alcoolismo e higiene mental</i> — Dr. Carlos Augusto Lopes	105
<i>Alcool — remédio e veneno</i> — Dr. Brahim Jorge	108
<i>O uso constante do álcool pode ser grandemente prejudicial à saúde</i>	100
<i>Relatório apresentado pelo Prof. Dr. Henrique Roxo, Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, das principais ocorrências de sua gestão, durante o ano de 1943</i>	113
<i>O Instituto de Psiquiatria e seu papel na higiene mental</i> — Prof. Flávio de Souza	117
<i>Ata das sessões da Liga Brasileira de Higiene Mental</i>	131

LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL

No dia 7 de março de 1944, realizou-se, às 17 horas, na sede da Liga, Edifício Odeon, salas 610 e 611, a eleição da Diretoria e Conselho Executivo para o quadriênio de 1944 a 1948.

Foram reeleitos, por grande maioria, Presidente, Professor Henrique Roxo e Vice-Presidente, Prof. Adauto Botelho. Para Secretário Geral, Prof. Aranha de Moura.

Para o Conselho Executivo foram reeleitos: Ministro Ataúlfo de Paiva, Profs. Plínio Olinto, Nelson Bandeira de Melo, Xavier de Oliveira, Heitor Carrilho, Raul Bittencourt e Pernambuco Filho e eleitos: Prof. Dr. Eurico Sampaio, Prof. I. de L. Neves Manta e Drs. Laudelino de Oliveira de Lima Filho, Adalberto de Lira Cavalcante e Júlio Paternostro.

Tendo tomado posse na sessão de 9 de março de 1944, a atual Diretoria, bem como os membros do Conselho Executivo, resolveu ela que em cada uma das reuniões mensais se realizasse uma conferência, feita por membros da Liga, a respeito de assunto importante.

Pareceu mais conveniente à Redação dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, que são o órgão da Liga, fazê-los publicar em fins do ano de 1944, em vez de o serem em meados do ano, visto que assim seriam publicadas tôdas as Conferências, de grande interêsse científico.

É por este motivo que este número dos Arquivos, correspondente ao ano de 1944, só agora é publicado.

A Redação.

PROBLEMAS DE HIGIENE MENTAL

pelo

PROF. DR. HENRIQUE ROXO

Em cada um dos números dos *Arquivos Brasileiros de Higiene Mental* sempre procurei debater, sob este título, o assunto que estivesse mais em foco.

No momento atual, é o *Primeiro Congresso Pan-Americano de Higiene Mental*.

Quando estive em novembro de 1943, em missão científica, na Argentina, foi proposto pelo meu prezado amigo, o talentoso Prof. Gonzalo Bosch, Catedrático de Psiquiatria da Faculdade Argentina e Presidente da Liga Argentina de Higiene Mental, que depois da guerra, logo que esta findasse, se realizasse um Congresso Pan-Americano de Higiene Mental que começaria no Rio de Janeiro, durante uma semana, e continuaria em Buenos Aires, durante outra semana.

Ficou convenionado que eu escolheria a comissão organizadora, por parte do Brasil, e o Prof. Bosch, a pela Argentina.

A *Comissão Brasileira* ficou constituída por mim e pelos Profs. Aduino Botelho, Odilon Galoti, Pacheco e Silva, Plínio Olinto, Raul Bittencourt, Xavier de Oliveira, Silvio Aranha de Moura, Flávio Alves de Souza, e Drs. João da Costa Machado e Osvaldo Camargo.

A *Comissão Argentina* ficou formada pelos Profs. Gonzalo Bosch, Eduardo Krapf, Francisco da Veyga, Leon Morra, Néstor Rojas, Lanfranco Ciampi, Raimundo Bosch, Alberto Ewanck, Vicente Dimitri, José C. Belbey, Juan Montanaro, Alberto Rossi, Antonio Fós, Ramon Carrilo, Enrique Mouchet, Oswaldo Loudet, Alejandro Raitzin, Luis Esteves Ballado, Alberto Bonhour, René Arditi Rocha, Felix Roca, Fernando Gorriti, Mario Houbi, Julio d'Oliveira Esteves, Luis Martines Dalke, Carlos Pereyra, Roberto Luchir, Pedro Bagnati, Enrique Mó Gotti, José Pereyra Käfer e Carlos Fernandes Aperoria.

A *Comissão Brasileira*, foram acrescentados mais tarde os nomes dos Srs. Drs. Laudelino de Oliveira Filho, Adalberto Lira Cavalcanti, Prof. Eurico de Oliveira Sampaio, Prof. Inaldi Neves Manta e Prof. Júlio Paternostro que foram eleitos para o Conselho Executivo da Liga, em sessão de 7 de março de 1944, e o Dr. Oto Prazeres, jornalista muito notável que coopera para o progresso da Liga e é muito conhecedor de problemas de Higiene Mental.

O objetivo do Congresso Pan-Americano de Higiene Mental é encarar a situação em que vai ficar o mundo logo após a guerra e providenciar a respeito.

Buscará conseguir uma legislação que ampare os inutilizados pela guerra, sob o ponto de vista do estado mental.

Nela se cuidará do que fique completamente alienado, depois dos horrores, por que tenha passado, e do que fique numa grande excitabilidade emotiva, nervoso e aflito, com acentuado desequilíbrio mental.

Psicoses de situação, psicoses de reação, estados esquizofrênicos, crises maniaco-depressivas, estados neurasteniformes, etc., advirão, aos quais deverá ser dada assistência competente.

O Congresso terá ainda como objetivo fazer a profilaxia mental, evitando que se siga ao atual período horrível, uma procriação de indivíduos anormais, doentes mentais e nervosos.

Procurará o conclave prevenir os males de uma procriação sem valor, fazendo o tratamento dos progenitores nervosos e emotivos, para que haja uma raça pura e equilibrada.

O Congresso dará sua opinião aos governos dos países americanos e pedirá que se estabeleçam leis e processos que possam realizar seus objetivos.

A Comissão Executiva pedirá todo o apoio das nações americanas para que o seu propósito se transforme em realidade.

Desde logo buscou articular-se com a Comissão Diretora da Liga Norte-Americana de Higiene Mental, cujo Presidente, o Prof. Stevenson, tem estado mais de uma vez, em conferência com o nosso representante Dr. Osvaldo Camargo. O Dr. Camargo que vai ficar durante um ano em estudos nos Estados Unidos, em gozo de uma bolsa de estudos e faz parte da Liga Brasileira de Higiene Mental, em Comissão efetiva de sua Diretoria, tem estado freqüentemente com o Dr. Stevenson, a se entender sobre o plano de organização do Congresso.

Este é diferente do Congresso Internacional de Psiquiatria, de que é representante destacado o Prof. Dr. Plínio Olinto. Este teve suas reuniões interrompidas pela guerra e visava outros obje-

tivos. O nosso, claro está, não prescinde dos valiosos valores intelectuais, de que aquêle dispõe, mas é unicamente americano e só se poderá reunir depois da guerra. E não será realizado logo nos primeiros dias que se sigam à paz.

Lembram os Norte-Americanos que eles que vêm tomando uma parte tão ativa nesses horríveis combates, têm seus valores científicos dispersos pelas fileiras e só a pouco e pouco poderão voltar aos seus Centros Médicos e às suas Escolas.

Organizar-se-á, desde logo, um programa perfeitamente estabelecido, com articulação com elementos jurídicos e legisladores.

Tem de se tomar em consideração os que ficaram alienados durante a guerra. O Governo terá de interná-los em edifícios adequados, em que tenham um certo conforto, e deve amparar a família deles, dando uma pensão correspondente ao que ganhavam quando são. É o que se faz hoje no Brasil em suas Legislações Trabalhistas, nos Regulamentos dos Funcionários Públicos, em que o tuberculoso ou o alienado são aposentados com todos os vencimentos.

Suponhamos que o indivíduo volte da guerra num estado de grande excitabilidade nervosa, numa manifestação fronteiriça da loucura.

O Congresso terá como objetivo, fazer com que os indivíduos nestas condições sejam logo encaminhados aos especialistas e convenientemente tratados. Evitar-se-á assim que se percam valores que podem ser muito úteis à comunidade.

Se se houver estabelecido um desequilíbrio mental definitivo, um desajustamento em relação ao emprego que a pessoa tinha, deve o Estado ampará-la e ouvido especialista, encaminhá-la a serviços, em que possam ser proveitosas.

A descendência deve ser particularmente cuidada.

Muitas vezes, os filhos que foram gerados durante o período de guerra, nascem com uma intensa constituição emotiva, são avitaminóticos, hipocalcêmicos e assistidos por um médico cuidadoso, se transformam por meio de ultrapeptonas de tireoides, vitaminas A e D e cálcio.

O Estado contrai moralmente uma dívida para com aqueles que por ele sacrificaram a vida, embora com um fim muito nobre.

Deve amparar-lhes a família. Não se trata unicamente de dar dinheiro. Tem de cuidar também da sanidade mental dos descendentes.

Haverá, na *post-guerra*, uma articulação de encargos, uma conjugação de objetivos, a que a Liga de Higiene Mental terá de atender.

Dir-se-á que, por si só, ela nada poderá fazer. Mas, o caso é que ela poderá insinuar aos governantes o que deve ser feito, poderá lembrar aos Legisladores a elaboração de leis convenientes, poderá desempenhar um papel do mais relevante alcance.

Num Congresso, recentemente reunido em Chicago, debateu-se o problema da "Groop Therapy", no qual, estudando-se os distúrbios da personalidade de qualquer indivíduo, não é este encarado com uma peça autônoma, mas como uma figura integrante do meio social, dentro do qual ele reage, e sob cuja influência ele pode reajustar-se e retomar o equilíbrio.

No caso vertente tem de se tomar em consideração a terapêutica em grupo dos que vieram da guerra.

Claro está que se não poderá prescindir da análise individual, mas o Congresso Pan-Americano de Higiene Mental cuidará do problema numa visão panorâmica e providenciará para uma perfeita solução do problema.

Há uma série de problemas importantes a serem solucionados.

O Congresso deverá pensar em tudo:

O seu papel será da máxima relevância. Idéias serão sugeridas pelos cientistas das outras nações.

Recebe-las-emos com o máximo interesse.

Todos os esforços envidaremos, para que o futuro Congresso seja um modelo de máxima eficiência.

PROBLEMS OF MENTAL HYGIENE

SUMMARY

Speaks about the organization of the Pan-American Congress of Mental Hygiene and about what same intends to effect after the war.

Analyses problems of readjustments and questions concerning hereditary influences.

IDÉIAS ATUAIS SÔBRE PSIQUIATRIA

pelo

PROF. DR. HENRIQUE ROXO

Catedrático de clínica Psiquiátrica
da Fac. Nac. de Medicina

A Psiquiatria é uma especialidade que tem uma vida científica de pouco mais de cem anos, na qual há um surto de progresso em cerca de vinte anos.

Pontos de vista modernísimos têm sido expostos e acolhidos com aprovação geral.

Nos Anais da Faculdade de Medicina, de 1925, escrevi um trabalho sobre *Tendências modernas da psiquiatria*.

Pontos de vista curiosos da Psiquiatria Moderna — foi o título de um artigo que publiquei no "Patologia Geral" de Janeiro de 1931.

Em 1925 frisei que já então se tomasse em toda consideração o esmerilhar o pensamento do doente, e se fazer uma perfeita psicoscopia. Mostrei, também, que já se tomava em consideração a grande influência recíproca que as vísceras exercem sobre o cérebro e este sobre elas.

A propósito de cada um dos assuntos escrevi artigos, todos com comentários próprios.

Assinalei, outrossim, a grande importância que tem a observação e a análise dos atos do suposto alienado.

Já esboçava comentários sobre a adaptação necessária do indivíduo ao meio, particularmente ao meio familiar.

A psicoterapia já era encarada como indispensável.

Mostrava a importância dos estudos de eugênica, bem como da realização da profilaxia das doenças mentais. Baseando-me em dados estatísticos, frisei que era de 50% a porcentagem de doenças mentais causadas pela sífilis; de 30% a, pelo alcoolismo; de 10%, a, pelo espiritismo; de 10%, por outras causas.

Lembrei como remover ou pelo menos atenuar estas diversas causas.



A terapêutica pelo trabalho era então preconizada.

No trabalho publicado em 1931, assinalava que se devia tomar em consideração na gênese do pensamento humano a influência das glândulas de secreção interna.

Distúrbios de inervação vago-simpática muito influem em doenças neuro-mentais.

Obsessões e fobias também muito importam.

Meditando-se na gênese do pensamento de cada qual, disse eu neste trabalho, vê-se que só até um certo ponto uma pessoa é senhora de seu pensamento. Adoeça ela dos rins e lhe faltará possivelmente a clareza no dizer as coisas, bem como a possibilidade de compreensão perfeita.

Adoeça ela do fígado e mostrar-se-á irritada, vendo tudo com pessimismo.

Haja hipertireoidismo e o individuo torna-se-á muito emotivo, excitando-se com facilidade.

O cérebro nunca poderá estar inteiramente liberto da correlação com as outras vísceras. Pode-se ficar alienado por causa do fígado, dos rins, dos ovários, etc.

Apresentei estudos feitos a este respeito à Academia Nacional de Medicina. Vários trabalhos realizados na Clínica Psiquiátrica comprovam o fato.

Os psiquiatras hodiernos não se limitam a dar um calmante a um doente agitado e um excitante a um deprimido. Investigam a causa da psicopatia, a razão de ser dos fatos e realizam uma terapêutica adequada.

A insulina pode curar um doente agitado que tenha a acidez da fome. Uma injeção de sedol pode acalmar um agitado e logo depois acarretar-lhe a morte, se ele for um sub-urêmico. Injeções de extrato hepático podem curar melancólicos que tenham insuficiência hepática.

Estudos feitos a respeito da encefalite epidêmica têm provado que ela pode acarretar doenças mentais, sendo que personalidades psicopáticas podem constituir-se, secundariamente a formas frustas da encefalite.

Podem influir muito no sistema nervoso, acarretando excitabilidade muito acentuada, as salpingo-ovarites, a endometrite catarral, a queda do útero, etc.

Blenorragia, a que outrora se ligava pouca importância, pode ser causa de uma toxi-infecção e acarretar um síndrome de confusão mental, episódios maniaco-depressivos, estados de nervosismo ou de psicastenia.

A epilepsia que se acreditava antigamente ser na quase unanimidade dos casos de causa sifilitica, está hoje provado, depender mais vezes de acidentes ocorridos no momento do parto, particularmente de traumatismos crânio-encefálicos.

O prognóstico das doenças mentais, muitas vezes desfavorável, transformou-se por completo, com as últimas conquistas da terapêutica: convulsoterapia pelo cardiazol (Método de Meduna); insulino-terapia pelo processo de Sakel; associação da insulina ao cardiazol; eletro-choque; pireto-terapia; vitamino-terapia, etc.

Hoje em dia, uma pessoa que apareça, de repente, muito agitada, com uma crise maniaco-depressiva, pode ficar tranqüila e curada, dentro de 48 horas, com uma simples injeção de cardiazol, intra-venosa.

A esquizofrenia que evidentemente tem um prognóstico muito mais desfavorável, também se cura, mórmente em suas fases pouco adiantadas, pela convulsoterapia pelo cardiazol, particularmente associado este à insulina, pelo método de Geórgi. Se a esquizofrenia já tiver existido, há alguns anos, também poderá possivelmente ser curada pela vitamino-terapia associada B, e C, em doses fortes, pela terapêutica pelo trabalho e pelas diversões, pelo reajustamento a um novo meio domiciliar ou social.

As vezes, há motivos no meio familiar que impedem que o doente nele se ajuste e fique curado. Outras vezes, isto se dá no lugar em que ele trabalha.

Há esquizofrênicos que têm duas ou mais internações no Instituto de Psiquiatria, porque de cada vez, em que dela saem, perfeitamente bem, voltando para casa, não se ajustam ao meio familiar e ficam agitados.

Por este motivo é que damos altas condicionais, altas de experiência, que têm sido muito vantajosas.

Há casos em que os doentes passam a morar com outros parentes e com isto aproveitam, pois não recaem.

A laboroterapia, particularmente sob a forma de trabalhos de costura, tem dado ótimo resultado no Instituto de Psiquiatria.

Delírios sistematizados alucinatórios agudos são curáveis, em quase 100% dos casos, pelas injeções de valerianato de atropina. No entanto, se eles já existem, há algum tempo, nada aproveita tanto como a laboroterapia, mórmente acrescida de uma poção com xarope de cloral, com extrato fluido de Cimicifuga racemosa e beladona.

O individuo que trabalha, distrai-se de suas cogitações desagradáveis, desaparece-se de suas alucinações, acalma o seu estado de irritabilidade.

Outro ponto de vista da psiquiatria moderna é o se tomar em consideração a conduta do individuo.

A Escola de Adolfo Meier que prepondera nos Estados Unidos, nos tempos atuais, toma em consideração o modo de agir, os feitos de reação diante das excitações do meio.

As anomalias de conduta chamam a atenção do médico que investiga as causas e esmerilha o pensamento, a procurar saneá-lo, a corrigi-lo.

Psicoses de situação e psicoses de reação representam outro tema, da máxima importância.

Escrevi a respeito e fiz conferência no Uruguai.

No estudo do tratamento de doentes mentais muito se tem feito nos últimos vinte anos. A terapêutica é muito mais humanitária e cada vez mais se porfia em considerar o doente mental como um doente comum. Por este motivo é ele, muitas vezes, colocado em repouso no leito.

Nunca se deve discutir com um doente mental. Sente ele a ação de suas alucinações, como nós sentimos a ação das coisas reais.

Sempre devemos investigar o que é que houve, para que o seu raciocínio se tornasse anormal.

Nas idéias hodiernas sobre doenças mentais, cada vez mais se comprova que ninguém poderá conhecer bem psiquiatria, sem conhecer clinica médica.

A personalidade de cada doente deve ser examinada em seu conjunto de funções.

Da correlação destas depende o modo de se manifestar a saúde do organismo. No tratamento de doenças mentais, há sempre a preocupação de fazer o máximo para que se risque o conceito de que a doença mental seja incurável.

Com este objetivo tenho um tratamento original, em que emprego extratos fluidos de plantas medicinais, muitas delas brasileiras, com que tenho conseguido excelentes resultados.

Em conferência que fiz em Paris, em 23 de março de 1936, expuz o assunto que vi, com prazer, ter despertado grande interesse.

Em conferência realizada por mim no Uruguai, em 25 de janeiro de 1938, focalizei a necessidade de se instituir um regime dietético, para cooperar na cura dos psicopatas.

Há pouco tempo, consegui que se fizesse uma Cozinha Dietética para os doentes do Instituto de Psiquiatria, os quais, com isto, muito lucrarão.

Há a preocupação de ministrar uma alimentação rica de vitaminas e de fosfatos, de fácil digestão, estando hoje bem provado que estados de auto-intoxicação, derivados de uma nutrição escassa ou viciada, podem influir na gênese de psicopatias.

A acidose, de carência ou de jejum, estados de avitaminose de natureza vária, devem ser investigados.

O desequilíbrio vago-simpático é um dos pontos de ciência moderna que mais se deve tomar em consideração.

Dá êle a explicação de muitos transtornos neuro-psíquicos.

Em 3 de abril de 1936, também realizei, em Paris, uma Conferência a respeito do assunto.

Muitas vezes este desequilíbrio se traduz por uma excitação do simpático, que pode estar ligada a um basedowismo frusto e, portanto, a uma excitação da tireoide.

A respeito da Psiquiatria na Guerra, escrevi a propósito de combatentes, em estado de hiperatividade, mostrando como corrigir esta, e assinalando o quanto influem o basedowismo frusto e a simpaticotonia.

A questão dos fronteiros tem sido encarada com pontos de vista modernos. Outrora, quase só se tomava em consideração a questão da sífilis.

Hoje em dia, pela interferometria, pode-se provar quais as glândulas de secreção interna que se encontram prejudicadas. Depois, esmerilha-se muito a influência nociva do meio e as Visitadoras Sociais vão, pelas Ligas de Higiene Mental e pelos Serviços Oficiais de Assistência a Psicopatas, apurar como se comporta a pessoa e como agem os circunstantes em relação a ela.

Cada vez mais evolui a Psiquiatria e bem se constata os extraordinários progressos que de ano para ano vai ela realizando.

Mesmo com a situação horrível da guerra, em que evidentemente muita pesquisa se não pode fazer, em que muitos sábios são desviados de seus estudos, é de surpreender a evolução que vai tendo a Psiquiatria.

Ela terá de ser aplicada no selecionar os soldados para os combates, bem como no afastar aqueles que pelo seu estado nervoso, possam ser prejudiciais a si, ou aos outros.

Nas realizações de atos delituosos, na prática de crimes de qualquer natureza, muito se investiga, nos tempos modernos, a personalidade do delinqüente. Se, claro está, não se pode imaginar que todo criminoso seja um doente mental, no entanto, acho

que nunca deveria ser lavrada pelo juiz uma sentença punitiva, sem que um médico especialista declarasse que era êle um são da mentalidade.

No futuro, haverá mais tratamento do que castigo. Haverá mais Reformatórios, mais Colônias Correccionais. O número cada vez mais crescente de doentes mentais acarretará a seleção de muitos dêles para trabalhos diversos, particularmente de lavoura, a volta de muitos dêles para o meio familiar, em que serão devidamente assistidos. Aquilo que se não poderá admitir será doente sem tratamento.

Há sempre uma esperança que nos acena com a possibilidade de uma vitória.

Houve quem dissesse que nunca um doente mental deveria ficar sem ocupação. O trabalho seria uma distração e um meio de cura. A inação faz piorar, pois o individuo fica mais entregue às suas idéias delirantes.

Conquistas muito modernas permitiram haver um conhecimento mais perfeito das funções cerebrais. Assim, o eletro-encefalógrafo que já funciona no Instituto de Psiquiatria, fez com que se comprovasse a existência de ondas elétricas transcerebrais.

É diferente o eletro-encefalograma do individuo normal do daquele que seja epilético, tenha um tumor cerebral, ou, artério-esclerose cerebral, ou avitaminose B1, distúrbios da tiroide e da paratiroide, esquizofrenia, paralisia geral, etc.

Na epilepsia é onde o estudo tem sido mais bem feito.

Na epilepsia focal post-traumática pôde verificar-se uma espiga aguda de alta voltagem e muito curta duração, no traçado que se tire.

Na epilepsia criptogenética ou essencial, constata-se, no traçado, serras ou ondas ponteagudas, como uma série de espigas imbrincadas, de forma irregular.

Se nos tipos com saúde existem oscilações ritmicas de potencial de uma freqüência aproximada de dez por segundo, que é o ritmo Alfa ou ritmo de Berger, há nas grandes lesões cerebrais um ritmo lento que pode chegar a dois por segundo; no mal epilético, a seis por segundo; nos equivalentes epiléticos e na pinolespsia de Adies, três por segundo.

O ataque epilético tem um traçado característico que começa por uma série de espigas e termina com uma anulação temporária de todos os ritmos.

O traçado nas neoplasias cerebrais traduz-se por demonstrações de irritação, isto é, pontos acuminados, serras, etc. Se hou-

ver destruição de tecidos, haverá ritmo lento que pode ir até oscilações de 2 a 3 por segundo.

Na esquizofrenia tem-se constatado ausência de ritmo A e tendência a paroxismos.

Finley verificou na paralisia geral, ondas rápidas.

Interessante é ter-se comprovado a existência de traçados anormais, coincidentes com transtornos do caráter.

A irradiação elétrica transcerebral dá a explicação de uma série de fatos muito interessantes e permite conjecturas muito curiosas na psiquiatria moderna.

A ciência vai evoluindo constantemente e uma série de fatos, para os quais se não encontrava uma explicação clara e perfeita vai tendo seu esclarecimento lógico e preciso.

Questões de telepatia, influência do pensamento à distância tudo vai sendo resolvido com clareza.

E quando se atenta no que se sabe hoje e se compara com o que se sabia, há pouco mais de vinte anos antes, fica-se pasmo do enorme progresso, com que evoluiu o mundo científico.

E não poderá deixar de causar sincero pesar se constatar que tudo quanto se faz para o bem e para a vida, é contrabalançado pelo apuro dos engenhos para a destruição e para a morte.

As atrocidades da guerra hodierna requintam em aniquilar crianças e moços, em não deixar pedra sobre pedra em cidades florescentes, não poupando hospitais super-lotados, nem Laboratórios e Gabinetes para pesquisas.

Só Deus poderá fazer com que estanquem as maldades e o Mundo volte a trilhar uma senda de progressos, com os quais se consiga uma vida mais confortável e cheia de saúde, mais longa e mais tranqüila.

PRESENT-DAY IDEAS ABOUT PSYCHIATRY

SUMMARY

Considerations on the causes of mental diseases. Situation and reaction psychoses. The modern School of Adolf Meyer. Functional troubles of the vagus sympatheticus. Eletro-Encephalography, Interferometrics.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A HIGIENE MENTAL

pelo

PROF. DR. ADAUTO BOTELHO

Diretor do S. N. D. M.

Mais que outros grandes males, a doença mental espreita e ameaça o homem de nossos tempos.

A ciência e a Medicina criaram condições desfavoráveis ao desenvolvimento de grandes endemias na vida moderna, porém a civilização e a própria ciência multiplicaram as causas das psicopatias, pois, nem sempre fomos guiados com a preocupação da defesa de nosso psiquismo, quando outras vantagens se impunham.

As organizações modernas e, sobretudo administrativas, de higiene, asseguram a salubridade de uma habitação, a pureza da água, os tipos de alimentação — além de outras medidas de notável interesse que, nas cidades modernas, deixam o homem muito menos exposto à tuberculose, ao tifo e às avitaminoses que nas aglomerações urbanas de outrora.

A profilaxia exige, em defesa da comunidade, que se limitem as horas de trabalho, que não se escarre no chão, que se comunique compulsoriamente a existência de doenças contagiosas, mas quase nada exige ainda, com a autoridade da lei, em benefício da sanidade psíquica.

No entanto, hoje tudo conspira contra a saúde mental do homem. Trabalha-se intensivamente sem descanso, sob a trepidação, atormentado pelo barulho e aferroado pelas emoções.

O homem criou para seu conforto o telefone, que muitas vezes interrompe e perturba com seu tilintar exigente, o homem de ciência, o homem de negócios ou a placidez doméstica de um lar em momentos de descanso. Criou o rádio de fôlego inexgotável, que tortura a vizinhança, impotente para emudecê-lo.

Criou a máquina que exige do operário atenção pertinente e responsável, eivada de emoções, para que ele possa levar, à noite, o pão para que os filhos vivam.

Complicando a vida de novas tarefas, enchendo-se de necessidades que aceleram, precipitam e tumultuam o mundo psíquico — o próprio homem criou novas condições de vida e novas condições patológicas.

A medicina, por longo tempo, procurou proteger o corpo, sem amparar o psíquico.

As nossas vísceras, há muitos séculos apresentam um certo equilíbrio funcional — o fígado, o pâncreas, a tiroide de um carioca de hoje, secretam mais ou menos a mesma coisa que o fígado, o pâncreas e a tiroide de um amazonense, de um londrino, de um negro da África ou de um egípcio dos tempos dos Faraós.

No entanto, o cérebro do homem, o último órgão a evoluir, tem o seu funcionamento psíquico subordinado às influências do ambiente, às atuações do meio e das épocas, sem a relativa garantia de equilíbrio funcional dos outros órgãos.

Este cérebro — que nos dá os elementos imprescindíveis à nossa vida gregária, que nos inclina ou nos afasta da harmonia social, que nos tolhe ou nos estimula para a vida — este cérebro responsável pela elaboração dos atos, pela vida afetiva e pelo pensamento, não merecia — até há pouco, proteção suficiente para conservá-lo íntegro ou para afastá-lo das desmandas das psicopatias.

A vida intelectual e afetiva do homem não obtinha dos homens os favores de cuidados higiênicos, defensivos e organizados; o psiquismo não contava com obreiros especializados e advertidos para a defesa de sua normalidade suficiente; não porque a humanidade descrêsse da higiene mental ou desconhecesse sua importância, pois ela se encontrava em toda parte, nas religiões, nas filosofias e nos sistemas educativos ou políticos, mas, a higiene mental sobrevinha como intenção acessória, quando se tratava de salvar as almas, ou de pregar disciplinas; o verdadeiro fim permanecia religioso, pedagógico ou ético.

No período do século eminentemente social que atravessamos, quando o mundo se agiganta para o bem da coletividade, mesmo quando a guerra sobrevem como um hiato nos desígnios da humanidade, a higiene mental de amplas finalidades, não podia mais esperar para o início de sua proveitosa arrancada.

No entanto, foi necessário que em 1909 as palavras de Clifford Beers, egresso de um Manicômio, fossem devidamente ouvidas e consideradas, para que a *higiene mental* se organizasse com fins profiláticos, propagando-se rapidamente para todo o mundo civilizado através do Comitê Nacional de Higiene Mental de Nova York.

Não foi a primeira vez que um alienado conseguiu provocar movimentos de opiniões a favor dos doentes mentais, utilizando-se da experiência própria para melhorar a sorte de seus congêneres. Um nobre espanhol — canonizado mais tarde como S. João de Deus, quando curado de sua psicose, criou uma ordem religiosa dedicada à assistência aos psicopatas, ordem que prosperou e ainda subsiste.

No Brasil, de Gustavo Riedel a Henrique Roxo, a campanha pela Higiene Mental, desamparada por muitos é mantida por um grupo que não se abate, luta com paciência e com idealismo na praça forte da nossa Liga e de outras que aparecem pelos Estados da Federação.

Ainda este mês, os psiquiatras de S. Paulo dedicaram durante uma semana escolhida, tôdas suas atividades em prol da Higiene Mental.

O próprio alienado — cuja necessidade de assistência e tratamento — ainda não convenceu devidamente o nosso povo — sofre as conseqüências do preconceito que os agrilhoa — Pinel que conseguiu livrar os transviados do espirito das correntes de ferro — deixou para os pôsteros a incumbência mais demorada e mais difícil de livrar os psicopatas das cadeias do preconceito — mais inquebrantáveis que o ferro!

As campanhas sociais, pródigas em inegualáveis benefícios, auxiliam o Estado e socorrem os necessitados com bens particulares; os leprosos e os filhos de leprosos, os tuberculosos, os recém-nascidos e mesmo os menores, os mendigos e os velhos, as meninas e os índios, amanhã, talvez os cardiopatas, têm merecido campanhas de proteção, têm obtido padrinhos e madrinhas de coração caridoso e protetor, enquanto que os alienados, cujo número já é impressionante, continuam verdadeiros pagãos para a sociedade.

Entre nós, raros são os donativos para a campanha da higiene mental ou em benefício do próprio doente mental, salvo aqueles que bruxoleiam como dádivas da piedade nos dias de Natal, quando os ricos e os pobres que não são loucos, também recebem o seu quinhão para alegrias transitórias.

Mesmo quando alguém, surpreendendo pela originalidade, deixa, em testamento, bens de fortuna para minorar a situação triste e desconfortante dos doentes mentais, os contingentes da doença mental, que transparecem neste documento, anulam a doação.

Há poucos anos, faleceu nesta capital uma dama rica, que deixou em testamento avultadas quantias para que o nosso Hospital Psiquiátrico empregasse em benefício de seus doentes.

O nobre intuito desta senhora que em vida havia sido louca — encontrou tropeços na Justiça que a reconheceu incapacitada para testar e anulou um gesto impar que tantos bens poderia trazer!

Também a Justiça foi ingrata para com os loucos, que dela têm merecido os favores de hospedagens forçadas em cadeias!

"Loucos, pobres loucos, quanta sabedoria eles nos ensinam".

"Como eles sofrem e não são compreendidos, quanto eles desejam e não são atendidos."

Para que o homem não caia neste mundo imenso de trevas, onde não brilha a luz da razão, para que ele não se torne nocivo à sociedade e a si mesmo — para que sua conduta seja harmônica e produtiva a Higiene Mental dedica todos seus esforços.

Esta, tem por objetivo preservar os individuos normais das psicopatias assim como aos predispostos e anormais, conservando o equilíbrio mental e procurando melhorar o psiquismo.

Este equilíbrio não é aquilatado simplesmente pela inteligência, porém, e sobretudo, pela conduta de cada um.

Apenas à Higiene Mental ou incluída nela deve estar a profilaxia das doenças mentais.

A Higiene Mental é a ciência que visa melhorar, fortalecer e proteger a saúde mental.

A higiene e a profilaxia repousam sobre o conhecimento da patogenia, ou pelo menos, da etiologia das moléstias que se pretende evitar.

Se bem que a etiologia de muitas doenças mentais nos seja desconhecida — muitas causas adicionais que provocariam a eclosão das psicoses, poderão ser contornadas ou dirimidas pela higiene mental; mas, a ciência psiquiátrica progride intensamente nestes últimos anos e o futuro nos trará, por certo, o domínio de conhecimentos indispensáveis, que ainda nos faltam para prevenir as psicopatias.

Repond, nos lembra que os bons resultados obtidos nas crianças pelos tratamentos psicoterápicos das anomalias do caráter e das perturbações psicopáticas, demonstram que é bem possível diminuir a vulnerabilidade do psiquismo e até de "fortificar" a constituição mental.

Combatendo-se, por exemplo, suas tendências à introversão e ao autismo, analisando-se os seus sentimentos de inferioridade e de culpabilidade, levando-os a compensar certas insuficiências, pode-se evitar a eclosão futura de perturbações mentais mais graves.

É uma profilaxia para a qual a Higiene Mental pede auxílio à própria terapêutica, isto é, à psicoterapia.

O contacto com o médico, diretamente, ou por intermédio de assistentes sociais, pode evitar novos surtos de psicopatias cíclicas.

Antigos doentes, em estado de remissão aproveitam sobremodo de pequenas sessões psicoterápicas nas quais eles podem relatar ao médico certas tensões afetivas em consequência de ambientes desfavoráveis, de dificuldades de trabalho, de lutas domésticas, ou mesmo de reliquats interpretativos, cujas soluções o psiquiatra pode facilitar ou mesmo resolver.

Quantos sintomas premunitórios se esboçam, como a insônia ou a angústia, se cuidados a tempo podem impedir uma recaída que ameaça.

Nestas atividades, a Higiene Mental se confunde com a terapêutica.

Estes exemplos serviriam para realçar a necessidade constante e indispensável do médico nas práticas da higiene mental.

E, se o médico aí evita a doença, quando ele não se forra de conhecimentos práticos e rotineiros da psiquiatria, pode se transformar em verdadeira causa de doenças mentais, sobretudo de neuroses.

O médico, cioso de seus deveres, que recebe para exame um cliente apoquentado com a hipótese de apendicite, não se limita à exploração do abdome. Em pouco ele se convence e convence ao consulente que não há motivos para temer uma crise de apendicite. Mas... minucioso em seu exame, o médico descobre um refôrço do 2.º tom aórtico e previne ao paciente da existência de uma aortite que nunca fôra sentida nem suspeitada por ele. O doente que se imaginava em perigo de vida por uma suposta apendicite, agradece ao médico a informação indiscutível dêste diagnóstico e sai da consulta cheio de angústias e sofrimentos atormentado pela revelação de uma aortite, quiçá de um aneurisma — doenças que a cirurgia não resolve — como aquela apendicite que supusera sofrer!

Enche-se de cuidados, precauções e terrores, retrai-se do convívio social, abandona afazeres, teme a morte a cada instante, inutiliza sua vida — a custa de uma revelação imprudente e desnecessária do médico que subestimara seu estado emotivo e que desconhecera sua grande sugestibilidade para sofrer de tudo que é temível.

Tais curas são mais nocivas que a confirmação da própria doença criada pela imaginação — esta "Folle du logis" que nos domina sempre.

Se as raízes principais — necessárias à nutrição e também sustentáculos da Higiene Mental firmam-se na Psiquiatria de onde sai a mais necessária seiva, a Higiene Mental tem bases também na Psicologia, que ensina o funcionamento normal do espírito; na Pedagogia que é ciência da educação, na Moral, na Lógica, na Antropologia, na Sociologia e principalmente na Medicina — Do concurso de tôdas estas ciências sairá a verdadeira Higiene Mental.

A ela se junte sempre a Profilaxia Mental — esta parte da Medicina Social que tem por objeto prevenir as psicopatias e colocar a Sociedade ao abrigo das influências nocivas de psiquismos perturbados.

No primeiro Congresso internacional de Higiene Mental, oradores pertencendo às mais diversas profissões mostraram que a Higiene Mental podia e devia ter o concurso de numerosos domínios da atividade humana.

Da mesma maneira que a Higiene Física não pode dispensar qualquer forma de atividade corporal, a Higiene Mental tem o dever de se interessar e deve ter capacidade para intervir em todos os domínios da atividade psíquica.

A Higiene Mental, a Profilaxia Mental e a assistência psiquiátrica constituem um dos problemas nacionais mais prementes para nós.

Um diabético, um cardíaco e talvez até um tuberculoso, poderão fornecer trabalho útil, produtivo e harmônico, ao passo que um desequilibrado mental ou um psicopata, mesmo não exuberante em seus sintomas, provoca instabilidades de ambiente, desorganização de trabalho, destruição de aquisições, que perturbam profundamente as atividades profissionais e a vida social. Um psicopata sem assistência bem conduzida ou mesmo sem hospitalização, é uma célula doente no organismo social, que ameaça desorganizar hábitos normais de vida e tranqüilidade produtivas. Além de ser um doente, pode ser nocivo pelas disposições próprias de sua doença.

É o número de doentes mentais cresce a cada dia — constituindo um verdadeiro "perigo mental" para a sociedade.

As estatísticas mais apuradas em países estrangeiros mostram que há, em média, mais de 3,5% de psicopatas que carecem de internação e tratamento em estabelecimentos especializados. Nesta percentagem não estão incluídos idiotas, imbecis, atrasados mentais e epiléticos, que em nosso meio são freqüentemente internados.

As nossas estatísticas, embora incompletas, já revelam que, no Brasil, a proporção de doentes internáveis é superior a 2%, o que equivaleria a quase 100.000 (cem mil) doentes mentais!

No entretanto, computando-se estabelecimentos públicos e particulares, temos, internados em todo o Brasil, pouco mais de 27.500 doentes sem incluir os que, nas cadeias esperam pelos hospitais recebendo a terapêutica do trato policial, e que ascendem a vários milhares.

Dos doentes internados, contam-se mais de 16.000 só no Distrito Federal e em S. Paulo, o que equivale a mais da metade dos doentes internados em todo o Brasil.

Se no Distrito Federal a proporção sobe a 3,11%, média ainda inferior às nossas necessidades, em alguns Estados como Pará, Maranhão, Piauí e Ceará a proporção atinge apenas a 0,8% ou 0,9% e na maioria dos Estados não chega a 0,5%!

Reunindo-se todos os Estados do Brasil, verifica-se que apenas cerca de 0,66% doentes estão internados para tratamento quando a proporção mínima deveria ser de 2,0%!

Se nos referimos a pouco mais de 27.500 doentes internados, propositadamente deixamos de falar em leitos pois que estes, nos Hospitais que recebem mais de 27 mil doentes, contam-se apenas em cifra pouco superior a 25.000 — aceitando-se como leitos as redes habitualmente usadas pelos nordestinos.

Embora a insuficiência de lotação em hospitais para psicopatas, o número dêles internados em todo o Brasil é superior ao de qualquer outra doença.

Mesmo para os leprosos — cuja internação atinge a maior cifra em nosso país — pois as internações são compulsórias — e que no momento contam-se em torno de 21.500 doentes internados — um cotejo com o número de doentes mentais internados, revela que há um saldo folgado de 6.000 psicopatas, a mais, internados.

O preconceito que envolve o doente mental atinge a terapêutica das psicopatias, no entretanto em hospitais que dispõem de técnica e de recursos, as curas de doentes mentais a proporção de curas vai além de 50%.

Até que a prova lhes caia em casa, o nosso povo não crê na cura do louco.

Certa vez, um bom conterrâneo meu, um mineiro simples e sincero, trouxe-me um doente mental para tratamento. Após os necessários exames, perguntou-me, talvez pelo hábito de se perguntar ao médico:

— Dr., este moço ficará bom?

Eu respondi que sim, pois tratava-se de um estado tóxico, delirante, cujo prognóstico autorizava meu otimismo.

O Coronel retruca descrente:

— Qual doutor, para mim o doido é como queijo, pode estar "curado" mas é sempre queijo!

Esta convicção de que o doido uma vez reconhecido pelo psiquiatra recebe o estigma da incurabilidade, é outro preconceito que deve ser vencido.

Mas... quando aqui no Rio, estamos ansiosos para que uma cozinheira atenda ao nosso anúncio aflitivo — para servir em nossa casa — cuja cozinha está há dias abandonada desta serviçal desejada, — se ao recebermos alguém que desde logo se mostre profissional e capaz, não teremos a menor dúvida em despedi-la, quando ela, em palestra imprudente, revela que já esteve no hospício!

O povo de todo o mundo mostra-se de tal maneira prevenido quanto aos alienados e ex-alienados, que estes, se estigmatizam por um simples estágio para tratamento em estabelecimento hospitalar especializado.

Nos Estados Unidos, onde as originalidades das soluções impressionam — pelo utilitarismo e pelo idealismo, os ex-esquizofrênicos que, após cura, se viam repudiados para o convívio social, organizaram-se em Club — para se defenderem e para se protegerem. Os sócios passaram a se servir de sapateiros, cabeleireiros, negociantes, fornecedores, industriais etc., que já haviam sido esquizofrênicos e entre êles conseguiram colocação e trabalho para os que haviam sido doentes mentais.

"Mais uma lição dos loucos para a humanidade".

Visando sobretudo a higiene mental o Serviço Nacional de Doenças Mentais vem criando ambulatórios especializados para os quais fornece técnicos, medicamentos e aparelhagem necessária, nos Estados de Amazonas, Pará, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Santa Catarina, Paraná, Goiás e Mato Grosso, sem contar os que funcionam na capital da República e os que aí serão criados no ano vindouro.

A Seção de Cooperação é o órgão técnico do Serviço que orienta e estimula atividades de higiene mental nos Estados e já tem realizado trabalhos proveitosos de grande interesse para a coletividade, quer idealizando cartazes, quer estabelecendo conselhos, mas, sobretudo organizando e desenvolvendo ambulatórios especializados para este fim em todo o território nacional.

No Distrito Federal haverá um organismo especial compreendendo o *Setor de Higiene Mental*, e *Assistência Social*, que se encarregará de:

- a) receber sob o regime de internação aberta, doentes nervosos e mentais para observação, exame e tratamento;

- b) identificar, admitir e fazer triagem de psicopatas;
- c) amparar e assistir os egressos de nosocômios;
- d) organizar um Patronato de Egressos;
- e) levantar estatísticas e fichas heredo-biológicas de psicopatas alienados ou não;
- f) colaborar para a profilaxia das doenças nervosas e mentais;
- g) estudar as causas das doenças mentais com objetivos sociais e eugênicos

além de outras que serão expressas em regulamento próprio.

Para tais serviços serão organizadas seções especializadas.

Além disso em todo o Serviço Nacional de Doenças Mentais a campanha pela Higiene Mental será intensificada, pelos psiquiatras e pelo corpo enfermeiral de assistência social que neste momento já conta com um pequeno contingente de cerca de 1 dúzia de visitadoras sociais.

Verifica-se pois que a causa que abraçamos com denodo na Liga Brasileira de Higiene Mental, já pode contar com elementos oficiais de cobate para esta luta que será árdua e demorada e que, porém, será sempre vitoriosa.

CONSIDERATIONS ON MENTAL HYGIENE

SUMMARY

Shows how the Prophylaxis of Mental Diseases should be effected. Says that in Brazil there are a little more than 27500 interned patients of which only in Rio and S. Paulo there are 16000. Taking all the States of Brazil together, it turns out that only about 0,66.% patients are interned for treatment, whereas the minimum rate should be 2%. Shows how the S. N. D. M. has developed Mental Hygiene with its body of 12 social visitors and supporting egresses from lunatic Asylums.

A LIGA AMERICANA DE HIGIENE MENTAL

Sua organização administrativa e seus objetivos — A incalculável influência de um espirito que encontrou a si mesmo

Por

OSVALDO CAMARGO

Nova York, julho de 1944 (Por via aérea) — Os meios científicos ligados ao estudo das doenças mentais, haviam se habituado a assinalar duas grandes eras na Psiquiatria: a que teve início na Europa com a ação destemerosa e humanitária de Pinel (la se vai mais de um século!) e a que se originou nos Estados Unidos da América em 1908, quando Clifford Beers lançou à publicidade o seu famoso livro "Um espirito que encontrou a si mesmo" — decisivo passo para a fundação do grande movimento de higiene mental que se espalhou rápido por todos os recantos do Universo.

Achamo-nos, justamente agora, presenciando na América do Norte a alvorada de uma terceira fase, esta de verdadeiro esplendor para a Psiquiatria, porque marca a definitiva conjugação de esforços de três fatores importantíssimos que nunca deveriam andar desunidos: o pesquisador, o clínico e o higienista. O espetáculo que se assiste hoje neste poderoso centro de civilização e de cultura, é o de uma avalanche humana empolgada com os problemas da saúde do espirito. Cerca de 40 universidades e clínicas estão conduzindo importantes investigações no domínio da Psiquiatria, com fartos recursos financeiros supridos por uma dúzia de instituições filantrópicas do gênero do Commonwealth Fund e da Rockefeller Foundation. Os novos métodos terapêuticos surgidos nos últimos anos, tais como a insulina, o electrochoque, a febre artificial e vários outros, vão dia a dia sofrendo importantes modificações oriundas da experiência clínica, que não se satisfaz com os resultados fugazes do êxito momentâneo, mas procura retirar deduções mais sólidas e mais concludentes no vasto oceano estatístico de quase 10.000 hospitais existentes em território ame-

ricano, nos quais o número de pacientes admitidos, só no ano passado, ultrapassou a casa dos 15 milhões! Dentre esses hospitais, os de maior capacidade são justamente aqueles que se destinam ao tratamento de doenças mentais, com um número total de leitos superior a 650 mil! Dispensários de higiene mental surgem por toda parte; não há um Estado que não tenha pelo menos uma dezena de tais serviços; todos os departamentos de educação estão articulados com clínicas de higiene mental infantil ou para adolescentes; as "Child Guidance Clinics" constituem hoje uma instituição obrigatória em todas as cidades de população mais elevada; "Vocational Clinics" foram estabelecidas na quase totalidade dos centros industriais. De acordo com os últimos dados estatísticos, existem atualmente nos Estados Unidos cerca de setecentas (700) clínicas de higiene mental.

A que se deve toda essa febril atividade em favor da saúde do espírito?

São múltiplas, por certo, as fontes contributivas. Não se pode, porém, deixar de reconhecer a preponderante influência de uma poderosa e antiga organização médica com finalidades educativas, o "National Committee for Mental Hygiene", criada e desenvolvida pelo próprio Clifford Beers e bafejada pela opinião pública há mais de 35 anos.

O amparo das boas iniciativas

Ao contrário do que se poderia imaginar, aquela utilíssima instituição não é mantida pelos cofres públicos. A sua extraordinária atividade exige, é claro, colossais dispêndios. Mas, ela consegue realizar os seus intentos, mercê desse espírito de solidariedade que caracteriza o povo americano. É da filantropia dos ricos e da generosa contribuição das classes médias e de um grupo de abnegados colaboradores, que vive a referida associação. As suas despesas vão a mais de três mil contos por ano. A sua sede ocupa um andar inteiro do grande edifício da Broadway com a rua 58, em pleno coração de Nova York. A sua biblioteca é uma das mais ricas do mundo em assuntos de psiquiatria e higiene mental, superior mesmo à do famoso Instituto de Psiquiatria do Estado de Nova York.

Há 10 anos passados, o número de leitos para doentes mentais, neste país, não ia além de 350 mil. O National Committee, apoiado pela American Psychiatric Association, que congrega a maioria dos médicos psiquiatras americanos, encetou desde então vigorosa campanha para melhorar as condições hospitalares existentes, e mais 300 mil leitos foram construídos. No dia 31 de de-

zembro do ano findo, existiam nos Estados Unidos 585 hospitais psiquiátricos, totalizando 650.993 leitos, dos quais 631.172 mantidos pelo Governo.

Para ajudar a realização dessa campanha, a instituição animou a criação de ligas de higiene mental em quase todos os Estados, às quais pertencem todas as pessoas interessadas no bem estar da coletividade. E distribuiu panfletos, revistas, livros, uma série de publicações educativas para interessar o povo no conhecimento das causas e perigos das doenças mentais, chamando ao mesmo tempo a atenção para os meios profiláticos então recomendados.

O ensino da Psiquiatria aprimorou-se em todas as universidades. Em várias delas essa disciplina abrange quatro anos consecutivos. Para o exercício da especialidade, na clínica privada, exigem-se dois anos de internato após a formatura, e para o ingresso na American Psychiatric Association, cinco anos de prática e aprovação do "Board of Examination". Nem por isso se restringiu o número de psiquiatras, atualmente cerca de sete mil, dos quais mil e quinhentos estão prestando excelentes serviços às forças armadas.

As atividades da Liga

Chamemos "liga" a instituição americana, pois as suas atividades se assemelham às da nossa Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada por Juliano Moreira e Gustavo Riedel há mais de 20 anos, engrandecida pelo entusiasmo e dinamismo de Ernâni Lopes há uma década passada, e hoje superiormente conduzida pelo Professor Henrique Roxo, incontestavelmente uma das autoridades de maior respeito no continente americano. A semelhança da liga americana, e nossa conta com o apoio de líderes de várias classes interessadas no bem estar comum, a começar pelo benemérito e infatigável ministro Ataúlfo de Paiva, membro do conselho executivo.

Como é constituída a liga americana?

A sua direção está dividida em três partes. *Primeira*, o Board of Directors, composto de um presidente de honra, Adolf Meyer, da Johns Hopkins University; dois vice-presidentes, James Angell e William Russell, aquele da New York University; secretário, senhora Albert Lasker, que substitui o saudoso Clifford Beers, falecido em julho do ano passado; tesoureiro, Harry Robbins; e um conjunto de 22 membros que atuam junto aos demais. *Segunda*, o Comitê Científico, chefiado pelo Professor Edward Strecker, da Universidade de Pensylvania e composto de

21 membros, médicos, sociólogos, juristas, psicologistas. *Terceiro*, o Comitê Executivo, que na realidade é quem dirige a instituição nas suas atividades diárias; é chefiado por George Stevenson, na qualidade de diretor médico, cercado de vários assistentes e secretários. A ele acham-se subordinadas seis Divisões, cada qual com um diretor, a saber: Child Guidance, Psychiatric Education, Psychiatric Researchs, Vocational Adjustment, Mental Hospitals e Rehabilitation; há, ainda, um diretor de ligação com o serviço do recrutamento do exército e um com todas as forças armadas; por último, um Departamento de Publicações, incumbido de editar livros, panfletos e revistas, com um número grande de funcionários, e um Departamento do Pessoal, incumbido de coletar e fornecer informações aos hospitais e outras agências a respeito de pessoal disponível para colocação nos setores ligados à psiquiatria.

O trabalho de cada uma dessas Divisões representa, na sua soma total, o movimento da liga americana. E que trabalho elas perfazem? É fácil esclarecer. A mais importante de todas, é a Divisão de Reabilitação, juntamente a mais nova, criada agora para receber e encaminhar a clínicas especiais os soldados que derem baixa do exército por motivos psiquiátricos e que necessitam de tratamento e, mais que isso, de reajustamento social, antes de poderem reingressar na vida civil e reassumir os encargos de família, ou os empregos e postos que antes ocupavam. Dirige-a o Dr. Thomas Rennie, da Cornell University, que em menos de três meses inaugurou e pôs a funcionar o primeiro grande dispensário de reabilitação junto à Payne Whitney Psychiatric Clinic do New York Hospital, para onde estão sendo encaminhados os pacientes vindos do Atlântico e do Mediterrâneo. Numerosas outras clínicas estão sendo criadas para o mesmo fim, duas delas bem equipadas, as de Boston e Filadélfia.

Uma das divisões mais trabalhosas é a de Orientação Infantil (Child Guidance), que se ocupa de um dos problemas mais importantes no sentido da higiene mental. As clínicas de orientação infantil são hoje uma espécie de cogumelo nos Estados Unidos, elas nascem por toda parte. Num Estado pequeno como o de Massachusetts, existem 31 dessas clínicas. Mas, para conseguir a sua aceitação e generalização, foi necessário um trabalho tenaz por parte da liga junto às instituições educativas, aos departamentos encarregados da instrução pública e mesmo junto aos governos de vários Estados. Nós temos no Brasil duas autoridades no assunto, o Dr. Durval Marcondes, diretor da Higiene Mental Escolar em São Paulo, e o Dr. Pernambuco Filho, diretor do Centro de Pesquisas Educacionais da Prefeitura do Rio, os quais sabem perfeitamente como esse problema é trabalhoso e quão importante ele é do ponto de vista da verdadeira higiene mental, a que amolda

o espírito humano na sua fase mais propícia a reajustamentos. O problema da criança em tempo de guerra é um problema muito sério. Lares sem chefe, escolas com poucos professores, nervos tenso, uma série de fatores contribuindo para a delinqüência infantil. Algumas clínicas ficaram desprovidas de psiquiatras. E o próprio diretor da Divisão, o Dr. Kirkpatrick, voluntariamente foi a Nova Orleans assumir a direção da mais importante clínica infantil, que esteve a ponto de fechar por falta de médicos!

A Divisão de Educação Psiquiátrica está encarregada de colocar médicos jovens nos hospitais para treino em psiquiatria. Atualmente, 150 hospitais oferecem lugares de interno-assistente em psiquiatria, para médicos que queiram se especializar nessa matéria, fornecendo-lhes curso completo e satisfatório. Um dos objetivos da Divisão é aprimorar o referido ensino, para que o "standard" norte americano em psiquiatria seja mantido no mais alto nível. Eu creio que esse objetivo tem sido atingido. A liga também distribui algumas bolsas de estudos para enfermeiras e visitadoras sociais psiquiátricas, principalmente nos Estados de menor recurso para treinamento.

O dr. Nolan Lewis, diretor do Instituto de Psiquiatria de Nova York, está chefiando a Divisão de Pesquisas Psiquiátricas da Liga. O que ele tem feito no terreno da investigação científica é difícil de se relatar numa simples notícia. Tive a honra de trabalhar durante quase três meses naquele estabelecimento e assistir ao trabalho abnegado do Dr. Lewis e seus assistentes no desenvolvimento de importantes pesquisas tendentes a esclarecer uma série de problemas ligados à terapêutica das doenças mentais. Dezesseis diferentes assuntos constituem objeto dessas pesquisas, inclusive o estudo de características de anormalidade em crianças, reações de tipo esquizofrênico em crianças, efeito de traumatismos cranianos no estado mental dos jovens; novas técnicas foram introduzidas na investigação dos fatores hereditários e constitucionais nas desordens mentais; e na investigação de fenômenos bio-químicos, fisiológicos e neuro-fisiológicos; também sendo conduzidos estudos conectados com a aviação, as desordens mentais em soldados e outras atividades em tempo de guerra. Deverá ser publicado dentro em breve um estudo sobre aplicação do eletrochoque e sobre resultados da eletro-encefalografia.

A Divisão de Ajustamento Vocacional tem recebido auxílio financeiro de várias entidades ligadas às indústrias, porque ela presta relevante serviço na colocação e transferência de empregados de um setor para outro, ajudando com orientação e conselho os diversos Bureaux especializados no assunto. Não basta colocar o cliente no emprego que lhe convém; é preciso acompa-

nhar-lhe os passos iniciais; é necessário preparar o espírito do seu novo chefe; é essencial inculcar-lhe coragem e franquear-lhe as portas para qualquer consulta ou conselho. Só no ano passado, os técnicos da Divisão efetuaram 3.164 diferentes visitas a pacientes colocados.

A Divisão de Hospitais para Doentes Mentais está agora na sua fase mais aguda, lutando com a superlotação em todos os estabelecimentos e a crítica deficiência de pessoal, tanto técnico como administrativo. É um trabalho verdadeiramente heróico e digno de registro. Nós todos sabemos, por experiência própria, que a proporção de doentes "admitidos" é sempre maior que a de doentes "saídos", em qualquer estabelecimento psiquiátrico. Esse inevitável desequilíbrio gera a superlotação e para corrigi-la só há um recurso: novas construções. Nas atuais circunstâncias, as construções projetadas tiveram de ser adiadas. Elas serão retomadas provavelmente no próximo ano. Enquanto isso, porém, cumpre assistir a avalanche de novos doentes. E cumpre, sobretudo, ajudar os hospitais, cujo número de enfermeiros, de atendentes, de médicos e até de pessoal administrativo, diminuiu consideravelmente — como aliás ocorre em qualquer país em situação idêntica. O diretor dessa divisão é um homem experimentado. É o dr. Samuel Hamilton, inspetor geral psiquiátrico do Governo Federal. Ele está lutando para manter o nível assistencial que todas as instituições, tanto públicas como privadas, ofereciam antes da guerra. E já conseguiu três goals espetaculares, que vale a pena registrar: 1.º, com o auxílio de uma fundação filantrópica, fez publicar um "Manual para ser usado no treinamento de novos empregados em hospitais psiquiátricos", que virá facilitar a rápida adaptação aos serviços hospitalares de pessoas antes inteiramente alheias aos mesmos e que são chamadas a substituir os técnicos que partem para a guerra. 2.º, conseguiu do Serviço de Saúde do Exército uma determinação no sentido de que os "Cadet Nurses" (enfermeiras preparadas pelo exército) passem os seis últimos meses do curso em estágio em hospitais psiquiátricos; são seis meses de serviço gratuito para o hospital, pois o exército é que as remunera. 3.º, conseguiu encaminhar para os hospitais psiquiátricos do Governo Federal e dos Estados cerca de 1.200 trabalhadores da categoria dos chamados "conscientious objector"; são pessoas que, por motivo de ordem filosófica (em geral membros de congregações religiosas) se recusam a ir para o serviço militar e são, então, agrupados em um campo especial e sujeitos a prestar qualquer serviço útil ao país; nos hospitais psiquiátricos eles estão agora ocupando vários postos, desde servente até dactilógrafo ou ajudante administrativo.

Os outros departamentos da liga americana de higiene mental trabalham da mesma maneira, com entusiasmo e eficiência. E em todas as esferas administrativas, culturais, educativas, hospitalares e científicas, a liga é ouvida e acatada. O corpo técnico que a compõe é o de maior renome. O governo louva-se na sua opinião e acata o seu conselho. Os membros da sua diretoria são nomeados consultores das forças armadas. Não se realiza um congresso científico ou empreendimento hospitalar no setor psiquiátrico sem que ela seja convidada a tomar parte. E as várias fundações filantrópicas americanas fazem empenho em supri-la todos os anos com uma soma superior a cem mil dólares, a fim de que ela possa realizar plenamente os seus objetivos. As suas duas famosas revistas "Mental Hygiene" e "Understanding The Child" (Compreender a criança), tidas como as melhores no gênero e lidas por higienistas e educadores no mundo inteiro, valem por um programa.

Que à nossa Liga Brasileira de Higiene Mental, tida como uma das mais promissoras e entusiastas do continente americano, não falem os recursos necessários para que ela possa desenvolver as suas atividades e prestar ao país os serviços relevantes de que ela é capaz — são os votos de um brasileiro que, embora distante, não deixa de acompanhar e reconhecer com orgulho e satisfação o gradual ressurgimento da assistência psiquiátrica e da higiene mental em nossa Pátria, ambas apoiadas pela esclarecida visão administrativa do atual governo.

SELEÇÃO DE PESSOAL PARA O TRÁFEGO TELEFÔNICO

por

L. OLIVEIRA LIMA FILHO

Chefe da Seção Geral do Tráfego da Cia. Telefônica Brasileira — Membro do Conselho Executivo da Liga Brasileira de Higiene Mental

Os problemas gerais, que envolvem o mundo, na presente crise internacional, atingiram também e profundamente as empresas telefônicas, que se vêem a braços com dificuldades, quase insuperáveis, num regime de restrições econômicas.

O serviço telefônico é daqueles que ninguém pode dispensar, que todos procuram e de cuja execução depende, em grande parte, o ritmo da vida moderna.

As restrições impostas pelas exigências da guerra, têm sido causa de todo o sistema telefônico americano, e quiçá mundial, estar enfrentando situações indesejáveis de sobrecarga, no seu atual aparelhamento, que é o mesmo existente antes de iniciar-se a guerra. Com o advento do conflito mundial, esse aparelhamento, que fôra provido para capacidade limitada, teve de suportar maior serviço ainda, porque, além das relações ordinárias comerciais e sociais, passou a carregar também um grande volume de ordens militares.

Quando levamos em conta que o serviço de ligações telefônicas, tanto locais como interurbanas, exige a assistência do elemento humano, em grande escala, e que dêsse elemento depende principalmente o sucesso de sua execução, então avaliamos as dificuldades que têm de enfrentar os diretores de empresas telefônicas — 1.º porque esse elemento tem de ser recrutado economicamente, dentro das possibilidades comerciais das empresas; 2.º porque, devido à concorrência do comércio e da indústria, e por outras razões secundárias, o número de candidatos que procuram o serviço telefônico vai se tornando cada vez menor. Daí a transformação das antigas estações locais, do sistema de ligações manuais, em sistema automático. Há, entretanto, serviços que conti-

nuam a ser feitos manualmente e que exigem a assistência do braço humano, neste caso a telefonista.

É a telefonista, que se incumbem de atender o cliente do serviço interurbano, anotar o seu pedido com os detalhes indispensáveis, e providenciar para que o cliente seja servido dentro do menor tempo possível. Além disso, há telefonistas incumbidas de informar números de telefones recentemente instalados e de prestar auxílio nos casos de ligações de emergência, tais como para assistência, polícia, bombeiros, etc.

A telefonista faz acionar peças do aparelhamento, posto à sua disposição, enviando sinais luminosos e audíveis a pontos distantes, por meio de circuitos elétricos. O trabalho da telefonista exige principalmente a atenção sensorial o que constitui inicialmente uma exigência na seleção de candidatas a essa espécie de atividade.

Durante longos anos, as empresas telefônicas não se preocuparam em fazer seleção de pessoal para os seus serviços, limitando-se a escolher suas candidatas pela aparência física e por informações duvidosas de pessoas que se prestavam a recomendar tais candidatas. Em face das exigências do serviço, viram-se os responsáveis dirigentes dessas empresas, na contingência de selecionar as candidatas que os procuravam em busca de trabalho.

Foi assim que o "Bell Telephone System", da América do Norte, contratou os serviços do psicólogo Münsterberg (1), para que o mesmo analisasse a situação e propuzesse os meios para que o problema fôsse solucionado.

Quando Münsterberg iniciou suas investigações havia já trabalhando como telefonistas no "Bell Telephone System" cerca de

(1) *Hugo Münsterberg* — (1863-1916).

Psicólogo e filósofo germano-americano. Nasceu em Danzig em 1 de Junho de 1863 e morreu em seu gabinete de trabalho, no "Radcliff College", em 16 de Dezembro de 1916.

Educado em Danzig, em Genebra, em Leipzig e Heidelberg, foi para a América do Norte, onde exerceu sua atividade como psicólogo e filósofo.

Escreveu as seguintes obras em inglês:

"A psicologia e o professor".

"Problemas Americanos".

"Psicologia da Atividade Industrial"

"A Guerra e a América".

"A Paz e a América".

"Os Valores Eternos". Traduziu para o alemão esta última obra com o título "Philosophie der Werte" (1909).

Entrou em contato com William James, por cuja influência foi nomeado para chefiar o laboratório de psicologia da Universidade de Harvard, onde permaneceu por três anos, de 1892 a 1895, passando a presidir o Departamento de Filosofia daquela Universidade.

16.000 moças, número esse que tem sido muito aumentado com o crescendo que vêm tendo os serviços daquela organização.

Münsterberg no seu livro "Psicologia da Atividade Industrial" apresenta o problema que lhe foi proposto e as sugestões que fez para solução do mesmo.

O "Bell Telephone System", baseado nos estudos de Münsterberg, observou tôdas as fases do trabalho, a que tinha de sujeitar suas empregadas, incumbidas das ligações telefônicas, e estabeleceu um certo intervalo de tempo que seria necessário consumir-se para realização de cada fase, por um tipo de empregada considerado normal, diante de certas exigências físicas e psíquicas. Assim foi que se estabeleceram tabelas de coeficientes de trabalho pelas quais facilmente se apura o rendimento de trabalho de uma telefonista, levando-se em conta sua experiência ou seja o tempo que começou a aprender os detalhes de seu trabalho.

Como exemplo desas tabelas de coeficientes de trabalho citamos o seguinte: uma ligação completada na mesma localidade por uma telefonista já treinada, em ambiente confortável de trabalho, em cujas condições físicas e psíquicas não haja constrangimentos, considera-se como unitária, desde que para sua execução sejam consumidos 15,65 segundos. Dêsse modo uma telefonista completaria numa hora 230 chamadas unitárias.

Uma tal unidade de trabalho, cujo tempo de execução seja de 15,65 segundos, diz-se ter *coeficiente unitário*. É pelo *coeficiente* que se julga o tempo de execução de uma chamada.

Os coeficientes determinados pelo "Bell Telephone System" foram adotados pelas empresas telefônicas brasileiras por falta de dados locais e pelo fato de estarem satisfazendo relativamente bem.

A Companhia Telefônica Brasileira, com uma rede interurbana estendendo-se pelos Estados de São Paulo, Rio, Minas e Distrito Federal, verificou a necessidade de adotar coeficientes locais de trabalho, porém teve de principiar pela seleção de pessoal antes de poder determinar os seus coeficientes.

O corpo de telefonistas da Companhia Telefônica Brasileira em dezembro de 1943, era de 3.346 empregadas, tendo sido 3.224 em dezembro de 1942, 3.132 em dezembro de 1941, e 3.017 em dezembro de 1940. O aumento nesse intervalo de tempo foi de, aproximadamente, 110 por ano. Além dêsse aumento de pessoal, devido ao crescimento do serviço, o quadro sofreu uma perda anual de cerca de 25%, por várias causas. Nos anos de 1942 e 1943 houve uma perda total, no quadro do pessoal, de 1.458 em-

pregadas, ou sejam cerca de 730 por ano, que tiveram de ser substituídas por novas empregadas.

O problema de seleção de pessoal, na Companhia Telefônica Brasileira, teve como fase preliminar, o exame das causas de perdas de empregadas e conseqüentes providências para melhoria de ambiente de trabalho, etc. Foram providas salas de descanso e bibliotecas em tôdas as estações, e restaurantes nas grandes cidades. Nos restaurantes as refeições são fornecidas a preços mínimos, sem lucro para a empresa, a não ser no estado de saúde e no moral das empregadas que melhoraram consideravelmente.

Foi a ação benéfica da *higiene mental*, afastando causas perturbadoras do equilíbrio social e marcando um rumo seguro aos administradores. A percentagem de retiradas de empregadas foi sendo reduzida à proporção que os embaraços, muitas vezes aparentes, foram sendo removidos de parte a parte, havendo um completo entendimento entre a empresa e os seus empregados.

Presentemente a admissão de candidatas é feita sob as seguintes condições:

- a) Instrução primária;
- b) Boa dição telefônica;
- c) Boa aparência e
- d) Boa saúde física e psíquica.

As candidatas são submetidas a exame médico rigoroso na Caixa de Aposentadoria e Pensões e, quando aceitas, ingressam na escola (2) onde permanecem de duas a três semanas. No ambiente escolar as candidatas são preliminarmente submetidas aos testes de inteligência de Binet, segundo adaptação por nós especialmente preparada para êsse fim (3).

Faz-se, a seguir, o "Registro de Instrução e Capacidade do Pessoal de Tráfego" o qual é a base para a seleção definitiva e para as promoções. (4)

(2) A Escola de Telefonistas da Companhia Telefônica Brasileira foi fundada em 1913, na Cidade do Rio de Janeiro, pela Sra. Ema Armada, funcionária da empresa, hoje aposentada com uma grande folha de serviços.

Presentemente, há ramificações dessa escola, com autonomia própria, por tôdas as principais localidades servidas pela rede interurbana da empresa.

De 1913 a 1926, muitas candidatas passaram pela escola de telefonistas não havendo, entretanto, registros de pessoal dêsse período.

De 1927 a 1942 a escola preparou 8.824 candidatas.

(3) "Notas para facilitar a aplicação e a interpretação dos testes de inteligência de Binet, na seleção de candidatas ao serviço telefônico". Emitidas como instrução de tráfego da Companhia Telefônica Brasileira, com data de 23-11-43 (RAT, Divisão A, Secção 21).

(4) "Registro de Instrução e Capacidade do Pessoal de Tráfego". Emitido como instrução de tráfego da Companhia Telefônica Brasileira, com data de 23-11-43. (RAT, Divisão A, Secção 21).

Esse método tem dado bons resultados aparentemente, e poderá ser melhorado nos seus detalhes e na sua técnica, com o passar dos anos e com a adesão de novos cooperadores que ao mesmo se dediquem. Presentemente estamos fazendo um trabalho cheio de tentativas bem intencionadas, porém, ainda bem longe do que poderá ser feito no terreno da seleção profissional telefônica.

É oportuno mencionar-se aqui o estudo publicado pelo Professor Plínio Olinto, em 1930, intitulado "Psicologia e Orientação Profissional", no qual ele sugere um aparelho, denominado Prosexímetro, para apurar a capacidade de atenção sensorial distribuída pelas excitações táteis-motoras, auditivas e visuais sucessivamente, na seleção profissional. Um modelo desse aparelho está sendo preparado e será experimentado oportunamente como prova de seleção de telefonistas, dadas as facilidades com que pelo mesmo se pode apurar a capacidade de atenção sensorial da candidata, o que hoje só se consegue depois de alguns dias de treinamento, quando a candidata já recebeu instruções teóricas e está apta a iniciar sua aprendizagem prática.

O Prosexímetro pela sua simplicidade e por sua eficiência, pode indicar, sem demora, quais as candidatas em condições de serem admitidas.

Cabe ainda aqui uma referência às candidatas recusadas no exame médico e nas provas de instrução, que são em grande número.

Geralmente, as candidatas recusadas o são por deficiências físicas ou psíquicas, ou ainda por falta de instrução.

Esse elemento recusado não pode ser animado a tentar novos exames, porque a experiência tem demonstrado que só uma pequena porcentagem poderia ser aproveitada. As falhas que deram causa às recusas continuam a impedir a aceitação das candidatas.

Não seria razoável que alguma medida fôsse tomada em favor desse elemento, posto à margem por imprestável ou talvez por falta de adaptação?

Parece-nos vantajosa a organização de uma entidade técnica, sob orientação da Liga Brasileira de Higiene Mental, para registrar e cuidar de todos esses elementos recusados como indesejáveis, não somente na indústria telefônica, que os há recusados em todos os ramos da atividade humana, e que por intermé-

dio dessa entidade técnica talvez pudessem ser transformados de peso morto em cooperadores da família, da sociedade e da pátria.

TELEPHONE-SERVICE PERSONAL

SUMMARY

Points out the importance of work performed by the telephone-girls, and shows the importance of looking after their psychical welfare. In December 1943 the number of telephone-girls amounted to 3346. — Discussed the way of selecting the personnel and the suggestion of making use of the apparatus of Prof. Plínio Olinto, the so-called "Prosexis meter" which detects the degree of sensorial attention.



HIGIENE MENTAL DO TRABALHO

DR. A. DE LIRA CAVALCANTI

O cérebro do homem atual, abalado com o atordoamento da vida vertiginosa que passa ao lado dos múltiplos quefazeres e preocupações diárias, vive num tumulto de agressões sensoriais as mais diversas, permanecendo numa constante vibração deprimente, cuja estafa é apressada e pode ser fatal em muito menor tempo do que se poderia julgar. O trabalhador, qualquer que ele seja, contemporaneamente, com a vida repleta de situações desconcertantes, é sempre um fatigado permanente. O desenvolvimento do córtex cerebral, trazendo a centralização das funções psíquicas, favorece um mais fácil estado de cansaço mental. A criança, com o seu cérebro ainda menos repleto de imagens mnemônicas do que o adulto, menos está sujeita à fadiga. O córtex, a parte do organismo que está em relação com o mundo subjetivo através das várias vias aferentes, elaborando os seus estímulos, associando-os, coordenando-os, orienta e conduz a máquina humana no meio gregário, cheio de surpresas, sucessos e decepções. Um estímulo que nos seres inferiores determina uma pequena reação para um complexo diminuto de respostas, quando elaborado nas plêiades inúmeras das células nervosas do córtex humano, encontra novas vias de descarga que permitem potencialmente um grande número de reações, impossíveis em um cérebro de zonas associativas escassas. O adulto sofre a consequência da maior assimilação inconsciente, principalmente nos grandes centros populosos e assim, nas repartições, fábricas e departamentos do trabalho em geral.

A adaptação se faz necessariamente, mas ao preço de uma usura infalível do córtex. Em primeiro lugar despontam as funções coordenadoras, logo depois as funções inibitórias e por fim, as funções raciocinantes, o domínio sobre os estímulos internos e externos. A conduta raciocinada se estabelece e o homem se torna um ser autônomo (embora seja uma ilusória independência) mas de qualquer modo capaz de um raciocínio livre e de uma responsabilidade relativamente perfeita. A racionalização da conduta está

em incessante desenvolvimento e a sua adaptação ao trabalho vai se processando, se bem que lenta, mas progressivamente. O indivíduo crescendo vai saindo de sua prisão afetiva familiar e vai se desagregando, é bem o termo, vai se tornando universal e o ambiente do seu trabalho vai se tornando o seu novo mundo afetivo. Essa evolução da personalidade psíquica para a vida racional sobrelevando-se à vida afetiva infantil e juvenil, se processa de forma lenta mas segura, a diferenciação do córtex cerebral é mais complexa então e o indivíduo julga-se um ser civilizado, tendo as características do primitivo bem recalçadas no inconsciente, bem ou mal recalçadas. O trabalho é uma função criada pelo homem para o seu aperfeiçoamento ou para o seu tormento, quando mal organizado. O homem, no desenvolvimento do seu trabalho mental ou manual, todo ele enfim psíquico, pois nenhum trabalho por mais grosseiro é exercido sem o controle cerebral, consciente ou subconsciente, o homem ao executar o seu trabalho diário, cada dia adquire um conhecimento novo e daí o técnico perfeito, aquele que tem o exato conhecimento teórico e prático e assim podendo se chamar a esses "ases" do trabalho, de mais de dez anos de convívio com o seu mister, de técnicos T. P., tepeistas, técnicos-teóricos e práticos. A evolução do mentalismo racional conduz a um domínio sempre crescente sobre a emotividade e sobre a afetividade e daí o domínio cada vez maior sobre a vida sentimental. O trabalhador, o proletário, ou seja todo aquele que vive do seu trabalho, se está em sua posição exata, se exerce a profissão que a sua tendência, ou melhor, o seu temperamento o colocou no lugar que aspirava, esse trabalhador renderá o duplo daquele que exerce tal cargo por acaso ou por necessidade econômico-financeira. A grande verdade da seleção e da orientação profissional está em colocar o indivíduo no lugar que lhe compete. A resistência mental se estabelece, o indivíduo sente-se bem no meio dos seus companheiros de trabalho e se torna menos sugestível, menos impulsivo, e o contágio mental reduz-se ao mínimo.

Estabelecido que o desenvolvimento da inteligência humana (e, portanto, de todos os processos volitivos) está no córtex cerebral quanto mais evoluído e diferenciado, portanto, principalmente nas zonas frontal e parietal, firmado o predomínio do cérebro em todas as esferas do trabalho é lógico que seja dado ao psiquismo o cuidado máximo, é necessário que ao cérebro humano seja dada uma especialíssima atenção, a profilaxia mental dos trabalhadores em geral é uma tarefa por demais necessária, o estafante trabalho mental exige uma exasperante verificação controlada por técnicos T. P., conhecedores desse assunto de máxima importância, que é a higiene mental do trabalho.

E se queremos um rendimento maior e mais perfeito é lógico que só é possível esse rendimento e essa perfeição nos indivíduos higidos mentalmente. São inúmeros os casos de funestas consequências em todos os setores do trabalho oriundos de indivíduos de cérebros deficientes e desequilibrados, de psicopatias incubadas ou em início. A pesquisa da sanidade mental deve ser feita não somente no início da função, mas periodicamente, pelo menos anualmente. O exame do indivíduo não pode ser somente corporal, pois a fisiologia, a anatomia, a pedagogia e a sociologia se completam, se unem com laços indissolúveis e o homem é apenas um complexo de forças interiores num conflito eterno com forças exteriores. É necessário. é imprescindível a higiene mental do trabalho, o estudo sistematizado do homem e do seu meio, as suas reações ao meio tumultuoso e atordoante em que trabalha e se aperfeiçoa, a filtração do bom elemento mental, a avaliação de sua capacidade de resistência. Aléxis Carrel, em interessante estudo, prega a necessidade de um centro de estudo do homem com o nome de Instituto da Civilização, onde se estudaria a fisiologia mental do indivíduo e suas relações com os inventos mecânicos, o modo de alimentação, os métodos educativos, a legislação social e econômica dos povos. Num futuro próximo, quando o homem cessar de se entredorvar tudo isso será possível. A verdade é que, sem o exame mental constante, metódico e periódico de todos os trabalhadores, a deterioração mental originada pela fadiga, pelas infecções, pelo meio trepidante, pelas emoções violentas, pelas preocupações etc., essa deterioração mental, facilmente irá se expandindo e o rendimento de um cargo necessariamente está na razão direta do cérebro lúcido e íntegro.

O fim da vida é a perfeição e não se pode ser um indivíduo útil ao seu meio com uma mentalidade enferma ou fatigada, inadequada ou humilhada. O trabalho com o cérebro sadio não perturba a vida mental, quando é feito com a máxima dedicação e esta é fruto da vocação individual. São os pezares e as preocupações que dão as grandes estatísticas de desorganizados mentais, de esgotados, neurastênicos e psicastênicos. A organização científica do trabalho não poderá ser perfeita sem a assistência profilática do sistema nervoso do trabalhador. A higiene mental seleciona, valoriza e faz de indivíduos fracassados momentâneos ótimos trabalhadores no ramo que lhes é agradável trabalhar.

Taylor, Emerson e Fayol, entre outros, sistematizando o trabalho no sentido do melhor rendimento do trabalhador no tempo mais sintético, não puderam dispensar a valiosa cooperação dos psicólogos. O complemento inadiável é a cooperação do alienista, que não irá esperar a encenação duma psicose incubada, mas evi-

tá-la, higienizando o corpo e o espírito do trabalhador, alicerce da Nação.

O Estado Nacional, tendo em seu traçado justamente as mais robustas expressões de amparo ao trabalhador, está no momento preciso de criar esse órgão técnico de especialistas para o necessário estudo da mentalidade trabalhista, funcionalismo e operariado brasileiro.

A função precípua do neuropsiquiatra no Departamento do Trabalho como em todos os setores do funcionalismo, será a do grande defensor de todas as agressões aos sistemas, nervoso e endócrino, e necessariamente, envolvendo todos os problemas dessa grande chave neuro-glandular e hemática, os problemas da nutrição. A higiene mental do trabalhador consiste nas diretrizes normais de sua vocação e no estudo do seu perfil psicológico e corporal, nas características de sua ficha biotipológica, na razão fisiológica do seu organismo ante a função exercida.

Há necessidade do estudo acurado das suas expressões temperamentais e constitucionais, podendo surgir desde o simples hiperemotivo até o esquizofrênico incubado, o esquizoide passando pelos variados tipos, mitomaniacos, paranoídes, perversos, ciclotímicos e glischróides. A necessária fiscalização higiênica, seguindo as inclinações constitucionais e fisiopatológicas, eis o grave problema ainda sem a solução merecida. A profilaxia desse grande flagelo social que é o das toxicomanias, encerra outro grave problema ligado à higiene mental do trabalhador.

Não estão aqui as regras de higiene mental que compete ao especialista traçar, estão aqui as palavras de relêvo ao problema, não é aqui o lugar das demonstrações dos maiores pesquisadores e não podemos esquecer de citar Mosso, Sherrington e Spallanzani, entre inúmeros que estudaram todos esses problemas relacionados com a fadiga física e mental.

O delicado problema do trabalho de menores tem no psiquiatra o seu melhor orientador, ajustando esses cérebros jovens aos trabalhos mais variados, conforme suas tendências.

O nosso organismo é um reservatório de energias e essas energias devem ser canalizadas com a maior e melhor orientação, a fim da melhor utilização das mesmas e com as menores perdas. É com a orientação do alienista psicólogo que se pode conseguir o máximo do trabalho com o menor desperdício de energias. A saúde mental é tão importante quanto a saúde física.

A medicina não pode estar afastada do meio trabalhista, a medicina hoje é higiene, é sociologia, é pedagogia e é psicopato-

logia forense, além de suas próprias e antigas funções, que era a arte de curar, unicamente.

MENTAL HYGIENE OF WORK

SUMMARY

Describes the functions of the Neuro-Psychiatrists in the Labour Department — Deals of the Mental Hygiene of the workers. — Discusses the problem of labour of minors. —

A INCIDÊNCIA DOS DISTÚRBIOS MENTAIS DOS FERROVIÁRIOS

JULIO PATERNOSTRO

Conferência realizada em 6-7-1944 na Liga Brasileira de Higiene Mental.

A incidência, as informações, os números sobre os distúrbios mentais da nossa população, há um decênio, nos eram fornecidos apenas pelo Serviço Nacional de Assistência a Psicopatas. Dêsse tempo para cá, existe outra fonte de dados sobre o assunto. Refiro-me aos serviços médicos dos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões.

O Govêmo arrecada anualmente dos dois milhões de associados dos Institutos e Caixas, a quantia de um bilhão de cruzeiros. Os serviços médicos dessas organizações para-estatais, entretanto, não funcionam ainda com adequada e real assistência. É possível que um dos fatores dessa insuficiência, seja a falta de uniformização e de direção central dêesses serviços.

Atualmente, êesses serviços funcionam independentemente, isto é, arranjam-se como podem. Alguns Institutos e Caixas, por serem dotados de maiores verbas prestam maior ou melhor assistência médica; outros ainda não possuem essa assistência e certas Caixas arrastam penosamente os seus serviços médicos.

Em relação às doenças mentais, não podemos, por conseguinte, estabelecer um confronto entre a assistência prestada aos bancários e os ferroviários. Por exemplo: um bancário com uma psicose ou uma neurose é internado a qualquer momento num sanatório; o mesmo não se dá com um ferroviário. É na Assistência a Psicopatas, na classe de indigentes que êeles são recolhidos.

Há poucos dias, um médico com mais de dez anos de serviços prestados aos ferroviários foi internado como indigente na Colônia Juliano Moreira.

Em 24/3/41, o Chefe do Governo, pelo Decreto 3.138, ordenava que se internasse e se tratasse dos doentes mentais dos Institutos e Caixas em sanatórios. Até hoje, porém, não se executou amplamente esse decreto pelas razões das verbas dispareas a que nos referimos. O Instituto dos Bancários já internava esses doentes antes do decreto. Continuou a fazê-lo, mas a maioria das Caixas continuou como dantes, isto é, sem interná-los.

* * *

	Alcoolismo	Artros. cerebral	Epilepsia	Esquizofrenia	Par. geral	Par. M. D.	Parou. psicopáticn	Psicoseurótis	Sifilia cerebral	TOTAL	Total de apos. por várias enfermidades	PORCENTAGENS
1938.....			4	1		2				7	103	7.2
1939.....			3	1	2	2				8	95	7.8
1940.....			5	3	2			3	1	14	97	13.5
1941.....	1			2	1						120	9.6
1942.....	6		2	3	4	1	1		1	18	135	24.3
1943.....		3	2	3	2					14	95	13.3
Total em seis anos	7	3	16	13	11	5	2	4	7	69	748	5.2

É de 12.000 ferroviários o número aproximado dos empregados da Leopoldina, neste sexênio. Os aposentados não representam todos os insanos incapacitados, pois, só obtiveram aposentadoria aqueles, que, de acordo com a lei, tinham mais de cinco anos de serviço. Antes deste tempo, recebem o benefício somente os que adoecem de tuberculose e lepra.

Dentre os aposentados por doenças mentais, 84% correspondem à indivíduos de 25 a 40 anos de idade, isto é, o período psicobiológico de maior produção no trabalho.

Na lista das aposentadorias por invalidez, os casos de distúrbios mentais ocupam o 3.º lugar. O primeiro cabe à tuberculose, o segundo às cardiopatias. Aliás, de acordo com as estatísticas, a tuberculose ocupa sempre o primeiro lugar nas aposentadorias de vários grupos sociais de trabalhadores, devido à sub-nutrição ou melhor ao baixo nível econômico em que vive o nosso povo.

As psicopatias não só entre os ferroviários ocupam o 3.º lugar, nos marítimos também. Não tive à mão outras estatísticas, mas me

parece que sua incidência é aproximadamente a mesma em outros grupos de trabalhadores.

No quadro que apresentamos, a epilepsia idiopática ocupa o 1.º lugar, a esquizofrenia o 2.º e a paralisia geral o 3.º. Esta última está diretamente ligada aos níveis econômico e cultural dos grupos sociais, e, assim, nos bancários, por exemplo, é possível que a sífilis nervosa não ocupe um lugar tão alto no placard nosopsiquiátrico.

Não temos ainda uma legislação especial para os epiléticos, o que ao meu ver seria importante. Os aposentados por essa moléstia, o são mais devido ao cargo que desempenham. Um maquinista, um foguista, um guarda-freios, um fundidor, um agulheiro precisam ser afastados, ao passo que, um contabilista, um engenheiro podem continuar no trabalho. Mas, entre aqueles, há casos que a norma de mantê-los em serviço poderia ser adotada se a empresa ou empresas lhes dessem outros cargos — coisa que não acontece.

Chamo atenção para este ponto porque a minha experiência ensina-me e, creio que é de observação de outros psiquiatras, serem muitos epiléticos bons trabalhadores. Segundo Lennox, que lidou com milhares de epiléticos, 70% tem mentalidade normal. São indivíduos socialmente úteis, desejosos de trabalhar. Fato aliás concordante com sua estrutura psíquica. Sabemos que muitos epiléticos procuram esconder a disritmia cerebral de que são portadores, pois, de um modo geral, fecha-se-lhes o mundo quando sua moléstia é revelada. Observo serem praticamente os únicos que se opõem, quando dou parecer favorável à sua aposentadoria.

A eles, de modo geral, não se ajusta o diagnóstico de "assecurose", termo criado por Laignel-Lavastine para os trabalhadores que apresentam sintomas de patogenia psicológica para se beneficiarem com os proventos da aposentadoria. É no "pomar", chamemo-lo assim, dos neuróticos que a "assecurose" dá mais frutos. Já os tenho evidenciado.

Essa alta incidência de aposentados por epilepsia também poderia ser reduzida si empregássemos a eletroencefalografia para os candidatos a determinadas funções. Como sabem a disritmia cerebral é revelada pelo aparelho, mesmo nos casos em que a crise convulsiva não se tenha manifestado ainda no examinado. E, segundo li, nos Boletins Médicos da Marinha Norte-Americana, a invenção de Berger tem sido de grande utilidade. Inúmeros candidatos à maquinista, foguista, pilotos etc., embora tivessem bons exames gerais de saúde foram recusados e outros aproveitados noutras funções devido aos eletroencefalogramas. Podemos ler no número 5, setembro de 1943, do "U. S. Navy Medical Bulletin" algumas observações de indivíduos aproveitados pela marinha nos quais, as crises epiléticas anunciadas previamente pelos traçados

não perturbaram suas funções, nem sobrecarregaram o Estado, pois, esses empregados já estavam num serviço, onde o diagnóstico de epilepsia não significava afastamento.

Na lista das aposentadorias não só o número dos epiléticos poderia ser reduzido, mas também o dos esquizofrênicos. Tenho dois casos típicos.

Um rapaz de 24 anos não pôde continuar em serviço devido a esse diagnóstico. Como tinha o curso secundário e certas qualidades de inteligência apresentei-o a um amigo editor. Pede a este tolerância na tentativa de aproveitamento do rapaz. Pois bem, quatro anos se passaram. Esse moço tornou-se bom tradutor de três línguas, trabalha em casa, sem horários, e, está percebendo mais do que poderia ganhar se porventura continuasse no trabalho da empresa, como um indivíduo normal. Nesse período já teve duas internações, num total de seis meses, mas tem se mantido bem de um modo geral, e, creio que a natureza do trabalho o tem auxiliado. Toda aquela estrutura psíquica que conhecemos, autocrítica exagerada, meticulosidade, tendência a uma precisão excessiva dos termos, rebuscamento de expressões têm-lhe permitido ser considerado bom trabalhador. A crítica do que faz é "até irritante", segundo a expressão do próprio editor e, este, o está usando como um verdadeiro almofariz de traduções de outros, pois, em algumas obras, onde as traduções fogem do texto, A., as esmiuça e as refaz. Não sei até quando a capacidade especial desse indivíduo poderá ser aproveitada, mas o fato é que até o momento atual, ele não é um incapaz.

Um outro, de 30 anos, foi aposentado. Sendo-lhe insuficientes os duzentos cruzeiros de sua aposentadoria, empregou-se como "secretário" de uma escritora, que ao meu ver delira mais que o próprio paciente. Há pouco tempo li um cartão de visitas em alto relêvo do paciente, onde sob seu nome, estava: "secretário particular, distribuidor e propagandista de Fulana de Tal, autora consagrada de tais obras". O homenzinho anda pelas livrarias e outros ambientes, impingindo os livros da escritora e recebendo em recompensa, vales de 20, 50 e 100 cruzeiros, conforme me mostrou.

Uma medida que poderia ser posta em prática é a transferência de determinados indivíduos para outras empresas, onde, então, o trabalho lhes seria mais adequado; e, assim travava-se de certo modo, o número de aposentadorias que se eleva cada vez mais. Um indivíduo levado a uma inspeção de aposentadoria, poderia ser encaminhado a um cargo compatível com o seu distúrbio, embora esse serviço não existisse na empresa onde se empregou.

Atualmente, a legislação de nossos Institutos e Caixas é precária. Vejamos o seguinte: — um neurótico, um esquizofrênico, um

paralítico geral, por este ou aquele caminho, chega a uma junta de inspeção médica de aposentadoria por invalidez. A sua doença está em início e é passível de cura ou melhoria pelos métodos que dispomos atualmente. Ora, se atestarmos, por exemplo, o seu afastamento do serviço por seis meses, isso vai significar: a perda total do salário, e conseqüentemente, o desamparo de sua família e a impossibilidade de tratamento. Prevendo esta situação, o perito opina pela sua aposentadoria. Esta, na maioria dos casos, é de 200 cruzeiros, destinados ao sustento pessoal, de sua família e de seu tratamento. No fim de um ano, quando se revisa a inspeção, esse paciente só pode estar em piores condições. Tornou-se daí por diante, um caso de aposentadoria por tempo indefinido, isto é, até a morte. Um neurótico, um esquizofrênico de 25 anos, pode perfeitamente viver mais 25 anos, o que representa uma despesa de 60.000 cruzeiros, sendo sua aposentadoria de 200 cruzeiros mensais. Ora, com 10.000 cruzeiros, no prazo de um ano, poderíamos ter economizado 50, se o tivéssemos tratado. Agora, não é só a questão de ordem financeira, há também o fato de criarmos um exército de inúteis e incapazes, num país em que, devido à sua extensão geográfica e aos seus problemas econômico-sociais, o elemento humano deve ser profundamente valorizado e respeitado.

Temos outra situação: — a Caixa está no momento com verba disponível. Um esquizofrênico teve "sorte" de adoecer naquela hora. É, então, internado e tratado num sanatório, onde melhorou e está em condições de voltar à vida social. Tem alta. Durante os meses em que esteve no sanatório, não recebeu salário. Sua família passou necessidades e viveu de esmolas ou de empréstimos. O egresso encontra então um mundo mais árduo, porque precisa recuperar com trabalho dobrado para pagar as dívidas, aquele tempo que passou no sanatório.

E, se os seus ficaram "sem ar e sem luz", é natural que novamente ele fique "sem razão"... Acabam sendo aposentados definitivamente, não por insuficiência de nossos métodos terapêuticos, mas devido à todas essas situações.

Sabemos o quanto tem progredido a nossa especialidade, estamos mentalmente preparados para mostrar a verdadeira eficiência de nossos métodos, mas permanecemos peiados. Por isso, médicos e leigos ainda desconfiam de nossa eficiência, porque se esquecem que nossas atividades estão diretamente ligadas às leis e à organização social.

Nesta hora de guerra, mentalistas e psiquiatras são amplamente aproveitados pelas nações que estão no front. Lá fora, encontramos sempre estímulos para os nossos trabalhos, haja vista por exemplo, o que está se passando no McCloskey General Hospital

de Temple, no Texas. O nome é em homenagem ao Major Mc Closkey, o primeiro médico do Exército regular norte-americano, sacrificado nesta guerra. Ali, estão reunindo os casos de neuroses e outros distúrbios mentais surgidos nos soldados. Por fotografias e texto encontrados no número de abril pp. da revista "Hospital Progress" vemos como são úteis os adiantamentos de nossa especialidade. As seções de praxiterapia, psicoterapia em grupo, ludoterapia, eletroterapia etc., transformam homens inválidos em novamente aptos num tempo extraordinariamente curto em relação à época em que não dispunhamos desses métodos terapêuticos.

Não sei se nossos compatriotas do corpo expedicionário, que, de uma hora para outra poderão retornar do front como os norte-americanos já regressaram, nos encontrarão aparelhados para sua recapacitação mental em curto prazo.

Quanto ao nosso exército interno — os trabalhadores — verificamos que não receberam ainda os meios adequados para se restabelecerem dos distúrbios mentais.

É corriqueiro dizer-se que não podemos estabelecer confronto com os Estados-Unidos também nessas questões, devido à disparidade de nível econômico entre os dois países. Não compartilho dessa opinião. Quanto à capacidade técnica dos especialistas não há diferença chocante. Os métodos que os norte-americanos adotam, nós os conhecemos.

Mais de uma vez, eu mesmo, por ter tido oportunidade de trabalhar com os norte-americanos, embora noutro setor da Medicina, verifiquei que a capacidade de nossos colegas, em certas circunstâncias, sobrepujava a dos nossos "bons vizinhos".

E, também, quanto às possibilidades financeiras, para tais assuntos especializados não há esta separação tão grande. Os desperdícios de energia e dinheiro em vários sentidos, eis um dos fatores das nossas dificuldades. Não escalonamos as várias etapas. Agora, por exemplo, cobrem-se longas distâncias, para trazer à civilização os Chavantes, quando na capital da República, inúmeros brasileiros civilizados e já integrados na comunidade, poderiam voltar à normalidade mental, se fossem convenientemente tratados.

* * *

Voltemos à clínica e à alguns conceitos que ela nos oferece.

Durante estes seis anos além das inspeções de saúde atendi aproximadamente a 3 000 ferroviários no Ambulatório.

Eliminados os casos de neurologia e clínica médica, que também me são encaminhados, 80% das consultas foram psiquiátricas.

No Rio de Janeiro atendemos aos associados e beneficiários do DF e das localidades do interior.

3% foram casos de psicoses, inclusive as orgânicas. 97%: psiconeuroses e organoneuroses.

Na E. F. C. B., no ano de 1943, segundo os dados que gentilmente me forneceu o Dr. Pessoa Cavalcanti, foram atendidos no seu Ambulatório 259 casos psiquiátricos e neurológicos. As quatro entidades mórbidas responsáveis pelo maior número de casos foram: Reações de situação (neuroses): 62; Esquizofrenia: 34; Alcoolismo: 31; Paralisia geral: 28; Epilepsia: 21.

As psiconeuroses e organoneuroses constituem de fato a grande massa das consultas de qualquer ambulatório. Friso, qualquer ambulatório, não estou dizendo ambulatório de psiquiatria. Essa verdade reconhecida por nós psiquiatras vem sendo aliás, há tempo, apoiada por clínicos e cirurgiões de renome. Em 1940, Hugh Cabot, o cirurgião especializado em urologia, tão conhecido mundialmente, ao dar um balanço de suas atividades no livro "The Patient's Dilemma", chega à conclusão de que 50% dos casos que lhe foram às mãos espontaneamente ou enviados pelos colegas, eram de problemas psiquiátricos.

Em nosso Ambulatório desfilam todas as síndromes de vários graus em homens, mulheres e crianças. Reações em que ora predominam a angústia, a ansiedade, as fobias, as obsessões, as coações, as conversões, a hipocondria, a neurastenia, os distúrbios das funções sexuais e ora, as organoneuroses.

No nosso país, ferroviários e pauperismo são sinônimos, e parece que com especialidade na Leopoldina. A maioria dos empregados ganha até quinhentos cruzeiros.

Tive oportunidade de atender desde o trabalhador de sóca, de salário mínimo e analfabeto até chefes de seções, engenheiros, altos funcionários, cultos, e de salário de alguns mil cruzeiros.

A meu ver, as ocupações não geram especificamente essa ou aquela síndrome neurótica. Tão pouco, analfabetismo ou instrução imunizam o indivíduo contra as neuroses.

Vejo histeria de angústia, de conversão, hipocondria, quer em analfabetos como em doutores. Naturalmente cada uma delas percorre caminhos diferentes, mas todas tem a mesma finalidade: a direção a algo, ora ao alimento, ora à satisfação sexual, ora à posição social etc., etc.

Aliás, isso não é novidade, apenas confirma um princípio geral e elementar do psiquismo: — interesse objetivo da libido manifesta-se externa ou internamente como um motor do todo e atinge as alturas mais luminosas das atividades espirituais, ou os atos mais ternos da bondade.

Aquelas grandes crises histéricas à la Charcot existem no meio ferroviário. Assisti-as num trabalhador e num contabilista, embora os cenários e os motivos desencadeantes fôssem diferentes. O primeiro estirara-se no chão duro e o segundo contorcia-se num sofá macio. O primeiro desaviera-se com o feitor e não pôde tirar uma desforra, o segundo não fôra correspondido numa pretensão no serviço.

Para a interpretação da psicopatologia das síndromes neuróticas é indispensável o conhecimento da "atmosfera social" do paciente. Todos os que lidam com Higiene Mental ou Psiquiatria sabem que em primeiro lugar, na gênese daquelas síndromes está o período da infância, sob as influências do lar, nem sempre o "doce lar"; dos primeiros folguedos de rua, nem sempre sem pedradas; da escola, nem sempre "risonha e franca".

A "atmosfera social" do pauperismo com seus fatores: rejeição da criança pelos pais, ausência de carinho, orfandade desprotegida, pais querelantes, abandono do lar por um dos pais, falta de situação legal da criança, desordens de favelas e habitações coletivas etc. etc., candidatam a sintomas neuróticos muitos ferroviários. Por outro lado, a "atmosfera social" dos melhores aquinhoados, pela excessiva solicitude ou a hiperproteção maternal por meio de mimos, de trato dos meninos como se fôssem bebês, da vida doméstica girando em torno da criança etc, pode também conduzir os funcionários de categoria às neuroses.

Os brilhantes estudos da Escola de Sociologia de Chicago magistralmente relatados por Faris e Dunham demonstram abundantemente como as condições sociais forçam o indivíduo a ter distúrbios mentais.

A maior incidência destes, de um modo geral, ocorre nas áreas urbanas onde os estudos prévios revelaram ser as do pauperismo, do desemprego, da delinqüência juvenil, do suicídio, das lares abandonados pelos chefes, das doenças venéreas e contagiosas, da mortalidade infantil e da mortalidade em geral, mais elevadas.

Esses pesquisadores fazendo estatísticas nas oficinas e nas fábricas verificaram que o maior número de distúrbios mentais não se relacionavam às seções, mas aos bairros de onde provinham os operários. E, fato importante, nada valem as estirpes raciais. A nosografia de uma área urbana, permanece aproximadamente a mesma, durante um longo período de anos, apesar de ser invadida por diferentes vagas imigratórias. As estatísticas revelam que grupos raciais que se mudam de uma área para outra, tomam as características dessa nova área. A mesma verificação dá-se com o agrupamento negro de Chicago.

Aliás, venho observando nos dois ambulatórios, onde cotidianamente atendo pacientes do sexo feminino, da especialidade, uma diferença sensível do comportamento, que atribui exclusivamente à diversidade dos costumes de bairros. Refiro-me à Copacabana e zona Norte. A origem econômico-social e racial do material humano é a mesma. Explico-me: o ambulatório de sífilis nervosa do Gaffré atende a várias empregadas de lojas e domésticas de Copacabana, cuja origem é a mesma dos ferroviários modestos e seus parentes, que vão ao ambulatório da Praça da Bandeira. Pois bem, o modo de se apresentar, falar, reagir e certas manifestações neuróticas das primeiras, são miméticas dos "gran-finos" de Copacabana, ao passo que as segundas conservam atitudes retraídas e revelam manifestações neuróticas próprias ao seu ambiente de origem.

Não disponho aqui de dados, mas, minhas visitas e consultas aos moradores dos subúrbios da Leopoldina, onde reside a maioria dos empregados, indicam que as moléstias em geral, são em maior número nessa área, conhecida como uma das de menor recursos da cidade.

Os efeitos psicológicos do pauperismo diferem numa sociedade em que há uma distribuição gradativa da riqueza e numa outra, onde muitos são pobres e alguns são ricos. Esses efeitos, principalmente, variam de acordo com o grau de insegurança social. Numa sociedade insegura, o pobre é tremendamente ameaçado, frustrado e insultado pelo seu contraste com o rico. Isso acontece menos numa sociedade de bases mais seguras.

Numa sociedade como a nossa, onde o prestígio do dinheiro é tudo, onde os cinemas, diariamente, mostram a vitória da saúde àqueles que não têm possibilidades de mantê-la, os piores efeitos do pauperismo repousam no julgamento de si próprio.

Muitas forças atuam perenemente no pobre, envergonhando-o de sua situação, e, assim, o pauperismo se transforma numa frustração, cujos maus efeitos sobre o psiquismo são bem conhecidos dos psiquiatras.

Um deles, de caráter mais geral, é o desajustamento social. Frequentemente, o pauperismo impõe ao indivíduo "a má vizinhança", isto é, o convívio com a delinqüência, com o alcoolismo, a prostituição etc., que transforma a luta pela vida, numa verdadeira luta. O psiquismo da criança numa área dessas é perenemente ameaçado. A falta de oportunidades para folguedos sadios e instrutivos, a falta de cuidado dos pais, absorvidos pela luta da vida, dificultam-lhe o cultivo das boas qualidades sociais.

Os sociólogos e pesquisadores de psiquiatria social mostram-nos que as psicoses e neuroses são mais prováveis em tais "atmosfera".

Não se infira daí uma relação causal entre a doença mental e fatores econômicos sociais, mas apenas a sua correlação.

Isto aliás é um grande campo de discussão da Sociologia, da Psicologia e da Psiquiatria desde que os gênios de Marx e Freud estabeleceram o conceito materialista da história e as leis do inconsciente e a teoria sexual como base de toda vida anímica. Não cabe aqui nenhuma incursão nesse domínio, por isso abstenho-me de qualquer síntese do materialismo dialético e da psicoanálise ou qualificações das do tipo de Bernfeld que chamava Freud de diagnosticador e Marx de terapeuta da vida mental do futuro.

São as circunstâncias e não a natureza do trabalho que facilitam os distúrbios neuróticos provocando reações a uma situação que o indivíduo avalia muitas vezes em termos da imagem de si mesmo (julgamento de si próprio) e dos outros indivíduos, (sentimento de segurança).

Quantas vezes a transferência de seções, embora para cargos mais árduos, ameniza os sintomas neuróticos de empregados, que por este ou aquele motivo se incompatibilizam com seus chefes! Fala-se muito em seleção e orientação profissional do pessoal, mas muito pouco em profilaxia mental dos chefes de seções.

A ausência de decisão do pensamento, do vigor da vontade, da pujança na ação, da compreensão dos problemas individuais e coletivos, enfim das qualidades de autonomia que são exigidas nos chefes — que, na simbologia freudiana correspondem à imagem paterna — ora, pelas razões exteriores e frequentemente por motivos interiores, podem desempenhar um papel de fator desencadeante dos sintomas neuróticos em certos funcionários já predispostos ao conflito entre os instintos e o mundo exterior real.

A mesma dificuldade encontrada pelos psiquiatras nas famílias, onde para curar uma criança neurótica teríamos primeiro que resolver aneurose do pai, ocorre no trabalho onde o empregado neurótico não se cura devido à neurose do chefe. São quase sempre as circunstâncias e não a natureza do trabalho, as responsáveis pelos distúrbios.

Jamais devemos esquecer esses fatores, quando individualizamos um caso de neurose, que à primeira vista pode parecer apenas um simples conflito de trabalho. Não acredito que o trabalho em si gere distúrbios mentais. Seria aliás uma incongruência de nossa parte pensarmos ao contrário, desde que um dos sustentáculos de nossa terapêutica é a praxiterapia.

Já recebi no Ambulatório da Caixa três telegrafistas apresentando sintomas neuróticos, onde pude destacar um sintoma comum: — tremores das mãos. Com esse sintoma de conversão, eles, se incompatibilizavam com o trabalho, mas, embora os pacientes me sugerissem que o seu "nervosismo" provinha do serviço, deslindei e revelei-lhes que o "sintoma tremor das mãos" não se relacionava com o Morse.

Um apresentava sérios distúrbios neuróticos, que se cronicizaram, devido às privações e frustrações provocadas pela atmosfera social em que nasceu, criou-se e vive. Está definitivamente aposentado. O segundo, resolvido o problema de ordem erótica, voltou ao mesmo serviço, não teve mais tremores. O terceiro, que também apresentava reações sorológicas da sífilis fortemente positivas, após o tratamento específico e solução de certos problemas domésticos, perdeu os tremores das mãos e outros sintomas.

Discutindo estas questões com o nosso colega Côrtes de Barros, psiquiatra da Light, referiu-me êle que observa certa freqüência de distúrbios neuróticos nos funcionários de determinada seção: a de recebimento da fêria dos condutores. Esse pequeno grupo de empregados já vai à sua consulta declarando: "Dr., sou daquela seção". Nesta, o que acontece é o seguinte: são poucos os funcionários trabalhando em rodizio, noite e dia, contando o dinheiro do condutor. Este, como sabem, faz a sua fêria particular, chega cansado, desejando ficar livre o mais depressa possível, descarregando então, a irritabilidade da fadiga e sua grosseria em cima do recebedor. Ora, o recebedor não podendo reagir contra a grande massa dos condutores, todos unidos nas suas artimanhas, permanece mais ou menos ameaçado durante as horas de serviço. E por outro lado, são sujeitos à fiscalização da empresa durante a contagem do dinheiro. Daí, as reações neuróticas. Houvesse outro método, mais funcionários, melhor salário dos condutores, aliás coisa contrária aos interesses da Cia. Canadense, essa incidência de distúrbios desapareceria.

No ambulatório dos empregados da Estrada de Ferro, onde trabalho, os métodos terapêuticos que sou obrigado a adotar, são falhos, para a grande maioria que me procura.

Diante dos sintomas de privação nada posso fazer. Que regimes alimentares, vitaminas, medicamentos reconstituintes posso prescrever para pacientes cujo orçamento mensal para cinco, seis pessoas é de 300 ou 500 cruzeiros?

Diante dos sintomas de frustração, sou forçado a usar os métodos persuasivos, contrariamente aos meus princípios psicoterapêuticos e científicos. Banco o tio João, esse tio que há em muitas famílias: dou conselhos, estimulo-os por meio de palavras.

Como sabem, esse método alivia momentaneamente uma situação aflitiva, mas não resolve em definitivo os casos. E, assim, voltam-me pacientes em segunda consulta, dizendo: "Dr., não melhorei". Frase que é um açoite para um profissional consciente, quando se trata de um caso clínico de difícil diagnóstico e que nos enrijece para a luta até à vitória. Mas, quando se trata de casos de diagnóstico feito, passíveis de terapêutica eficiente e que a frase não cabe propriamente a nós, porém, somente à situação econômico-social, o que devemos fazer? Cair no nirvana?

Durante estes seis anos de clínica dos sintomas e síndromes neuróticas em mais de mil casos, só pude tratar eficiente e completamente três pacientes. Um rapaz de Porto Novo, com reações obsessivas, dois funcionários de categoria do Rio, um com distúrbios sexuais, outro com fuga neurótica no alcoolismo, que durante um ano se submeteram ao tratamento, porque suas posses permitiam.

Não vejam os senhores cepticismo nas minhas palavras, porque estou argumentando com fatos esparsos. Não seria sincero para esta assembléia, que me merece toda a consideração, se fizesse de outro modo.

Como os senhores, acredito numa futura e melhor organização social, para que nós, psiquiatras, possamos mostrar amplamente o valor dos métodos de cura que a nossa especialidade vem adquirindo neste meio século.

Antes de terminar, devo dizer também que neste momento, quando as nações unidas estão destruindo as forças contrárias àquela organização que almejamos, se nós não procurarmos denodadamente, sem esperar pelo auxílio das nações que estão no mesmo front que o nosso, trabalhar para esse futuro, não teremos o fruto do merecimento.

Não podemos, portanto, fugir à responsabilidade de trabalhar em prol da saúde mental dos brasileiros, se quisermos ser respeitados no mundo de amanhã.

MENTAL TROUBLES OCCURRING AMONG RAILROAD WORKERS

SUMMARY

Among railroad workers what is most common is epilepsy, and next in frequency come schizophrenia and general paralysis. — Analyses the problem of the pensioners. — Discusses the question of working capacity. Health examinations showed 97% of psycho neuroses and organo neuroses. 3% were cases of organo psychoses.

PSICONEUROSE, MOLÉSTIA PROFISSIONAL DO BANCÁRIO (*)

por

F. DE SÁ PIRES

Docente da Faculdade Nacional de Medicina (U. do B. Rio de Janeiro. D. F.

1.

Ao falarmos sobre "psiconeurose, doença profissional do bancário", fazemo-lo baseados em seguros dados estatísticos, mostrando objetivamente o grande número dessas psico e organo-neuroses observadas nessa grande classe, em suas diversas formas (nervosismo, neurastenia e psicastenia) ou no vulgarmente denominado "esgotamento nervoso".

Naturalmente não queremos abalar os sólidos "fundamentos psicanalíticos" do desenvolvimento das psiconeuroses, mas em parte justificaremos o nosso ponto de vista considerando o "fundamento econômico" também responsável por essa forma de distúrbios nervosos".

Respeitamos, como dissemos, os fundamentos psicanalíticos das chamadas psiconeuroses, bem como as doutrinas à respeito. Seja a teoria de Freud baseada na psicologia constituída sobre dupla base (Eros e Tanos), seja a do seu discípulo e dissidente Alfred Adler com a sua psicologia individual: seja a teoria de Jung com a complexidade da complicada estrutura da *psiqué*: sejam as idéias de Kuntel; seja a concepção neuro reflexológica do grande Pawlow. No entanto nos casos observados nos bancários, em sua maioria, seria mais aceitável a denominada "concepção psicossomática bio-social das neuroses" descrita por Mira Lopez o qual declara positivamente: "não havia, com efeito, razão alguma para que a patologia das neuroses fôsse mais precisa que as das psicoses e, com efeito, a prática clínica diária demonstra a cada passo como um mesmo processo mórbido passa por uma fase de neurose antes de

produzir uma psicose e como também uma mesma fenomenologia neurótica pode ser determinada por motivos e causas tão diversos como por exemplo: avitaminoses, traumas sexuais, penúrias econômicas etc. etc. "Poderá discutir-se se tais fatores são somente desencadeantes mas o certo é que muito amiúde, com a sua desparição, coincide a supressão brusca e definitiva do quadro clínico."

Claro é que não vamos de maneira dogmática atribuir o fator econômico como o único responsável pelas psiconeuroses dos bancários, mas, ainda aqui estamos com Mira Lopez que afirma: "tôdas as teorias têm boa parte de exatidão, mas nenhuma é por si só suficiente para permitir compreender as infinitas possibilidades do desenvolvimento da reação psiconeurótica, que será individualizada em cada caso".

Adotando a concepção bio-social nos nossos casos de neurose entre os bancários nos atemos sobretudo ao fator econômico por razões que enunciaremos após acurada observação. A existência econômica, não resta dúvida, está intimamente vinculada à capacidade para trabalhar e esta por sua vez se identifica com o vigor físico e mental, ou seja, com a saúde. A condição do bancário é singular: considerado como trabalhador intelectual, tem ele todos os onus de ser intelectual (como sejam a representação que se lhe exige) sem ter as vantagens dos intelectuais de um modo geral.

Esse estado de espírito do bancário com seus angustiosos problemas financeiros foi magnificamente entrevisto em interessante poema do bancário e grande poeta Hélio Peixoto em seu poema "Choro do homem cansado" que aqui transcrevemos:

Os outros são alegres por que podem.
Eu sou triste porque não posso ser alegre.
Para ver se me transformo
vivo recitando este estribilho:

"Basta de brasileiro triste.
"Basta de brasileiro triste.
"Basta de brasileiro triste.

Mas assim, meu Deus,
como há de ser, como há de ser?
Cedinho de pé
depressa café
depressa pro Banco
depressa e a pé.
As grades douradas
me prendem lá dentro.
Os homens discutem

as partes reclamam
os Caixas recontam
as máquinas nem ligam,
somando, somando,
somando milhares,
de contos réis.
Depois novamente
a rua e o calor
ou a rua com o frio.
O bonde demora
a loura não olha
o dinheiro não chega..."

A identidade da existência econômica com a saúde do indivíduo é mais efetiva se se considera que a capacidade para trabalhar é o único bem econômico que possuem os trabalhadores manuais ou intelectuais. Quando em 1938 o Instituto dos Bancários realizou o censo torácico (3.500 mais ou menos) do Rio, verificou-se a alarmante porcentagem de 5% de casos de tuberculose aberta entre esses trabalhadores; pois dolorosamente os dados estatísticos revelaram que na sua grande maioria os doentes tinham salários inferiores a Cr\$ 700,00 (setecentos cruzeiros). No que diz respeito aos nervosos, considerando o aumento do custo da vida de 1938 para cá, a desproporção é mais berrante. Reconhecemos com justiça que a maioria dos bancos pagam salários compensadores; entretanto é preciso que não só a maioria o faça, mas todos o façam. O que se nota e assinalamos com algum pesar é que não há absolutamente relação entre os fabulosos lucros dos bancos e casas bancárias, ultimamente, e o aumento do salário de seus funcionários, quando existe esse aumento. Quanto mais cara a vida, mais caro o dinheiro e daí se explica o grande aumento de casas que negociam com o dinheiro (bancos e casas bancárias), aumento verificado ultimamente.

É preciso considerar que ao aumento de produção não corresponde um aumento equivalente de recursos em poder da massa consumidora; ao contrário, isto é, inversamente proporcional: a uma maior extensão de produção e um número crescente de assalariados corresponde inversamente uma insuficiência de salário. Em virtude, rompido o equilíbrio não se restabelece automaticamente, dentro do livre jogo da trama econômica. A fundação exagerada de novas casas bancárias e bancos a que o governo acaba de pôr um côbro, era um canto de sereia com promessas de maiores salários e, assim, para o pobre funcionário bancário os salários eram e são os mais

desiguais de repartição para repartição, embora exercendo funções idênticas em contraposição de princípio universalmente aceito de "para trabalho igual, salário igual".

2.

Nos diversos psiconeuróticos bancários que temos acompanhado prestando assistência vimos assinalando os sintomas mais variados o que se explica pelo próprio polimorfismo sintomático da entidade. Assinalamos na maioria dos casos com efeito a astenia, a dificuldade de concentrar sua atenção, a cefaléia constritiva, a debilidade irritável (própria do nervous break down), as distonias do sistema nervoso vegetativo, as insônias, aliás tão próprias dos intelectuais bem como a hiperestesia sensorial, as fobias de várias naturezas, sobretudo a nosofobia com os distúrbios gastro-intestinais que tantas vèzes iludem ao clínico geral, os distúrbios cardíocirculatórios, a incapacidade para a cópula, e sobretudo o sintoma quase patognomônico da psiconeurose do bancário ou seja a angústia pelo exagero do sentimento de responsabilidade com o monoideismo obsessivo.

Não temos dúvida que até agora o agrupamento de classe em que mais se observaram casos de psiconeurose, foi o de bancários, motivo porque passei a considerá-la a "doença profissional do bancário" formando uma verdadeira psiconeurose de situação. Mais do que em qualquer outra forma de psiconeurose, na "psiconeurose do bancário" que podemos considerar uma enfermidade econômica e portanto social, se aplica a expressão de Mira Lopes: "de que o médico deve ser o mestre social do psiconeurótico". Na realidade apesar do desprêso com que é visto o psiquiatra, a psiquiatria se difunde e penetra cada vez mais. A psiquiatria sociológica e a psicopatologia social não são pontos de vista do espírito, nem coisas da imaginação: existem realmente. O mundo não quer ainda ligar a influências patológicas seus erros sociais e familiares: prefere o povo continuar o seu livre jôgo na comédia humana fora de todo comentário médico, o que é um grave êrro.

Do nosso fichário clínico do Instituto dos Bancários extraímos os dados estatísticos dos doentes atendidos de 1942 para cá; dêsses dados conforme vemos sobressai a grande porcentagem de psiconeuroses sobrepujando as demais doenças mentais ou nervosas:

1942

1.ª consulta — 116. Consultas subseqüentes — 696.

1943

1.ª consulta — 121. Consultas subseqüentes — 721.
1944 (até maio)

1.ª consulta — 37. Consultas subseqüentes — 265.

Das primeiras consultas de 1942, foram os seguintes os diagnósticos:

	Casos
Psiconeuroses em suas diversas formas	72
Esquizofrenia	8
Alcoolismo	9
Encefalopatias	4
Psicose maniaco depressiva	3
Artériosclerose cerebral e demência senil	3
Labirintites	3
Personalidade psicopática	3
Tabes	2
Polinevrites	2
Paralisia Geral	1
Diagnóstico impreciso	6

Das primeiras consultas em 1943, foram observados:

	Casos
Psiconeurose	81
Esquizofrenia	9
Alcoolismo	5
Demência Senil (arteriosclerose cerebral)	3
Maniaco-depressiva	4
Hemiplegia com afasia	2
Personalidade psicopática	3
Sífilis cerebral	3
Oligofrenias	2
Síndrome cerebelar	1
Tabes	1
Diagnóstico impreciso	8
Lumbago	1

Das primeiras consultas em 1944, foram observados:

	Casos
Psiconeuroses	19
Esquizofrenias	7
Alcoolismo	2
Hemorragia cerebral com hemiplegia	1

Personalidade psicopática	2
Hemorragia meningéa	1
Psicose maniaco depressiva	1
Diagnóstico impreciso	4

Cumpra assinalar que nessa estatística figuram os bancários e os seus beneficiários.

3.

O Instituto dos Bancários criado graças aos esforços e sacrifícios dos próprios bancários vem, desde 1935, prestando toda a assistência aos seus associados sendo a única instituição de previdência social que realmente presta o *seguro doença*. Esse seguro doença também chamado em alguns países *seguro-saúde*, é o ramo dos seguros sociais destinado a organizar a proteção pública da saúde dos assalariados e suas famílias.

Esse seguro é obrigatório e se não o fôsse não seria seguro social.

Pois bem, o seguro contra doenças concede:

a) benefícios em espécie (substituindo o salário suspenso pelo empregador por incapacidade); b) assistência médico-social que restitui a saúde atingida pela moléstia e se esforça por preveni-la.

O Instituto dos Bancários cumpre fielmente o que lhe compete prestando ao bancário toda assistência médico-hospitalar e alguma financeira (50% e 80%).

Os dados estatísticos nos revelam o desvêlo com que a administração do Instituto, dentro das suas possibilidades vem amparando seus associados. Em 1938 só no Distrito Federal foram dispendidos com internação hospitalar Cr\$ 231.294,00; em 1939 já houve um aumento para Cr\$ 274.920,00; em 1940, Cr\$ 686.925,00. Cumpra ressaltar que ai só estão computadas as internações efetuadas nesta capital.

4.

Se a desapareição da psiconeurose é relativamente fácil, torna-se difícil obter a profilaxia de novas crises. E como no caso é o fator econômico o causador esperamos que em seu proveito próprio os banqueiros saibam compensar os seus funcionários com

salários equitativos, de maneira que os bancários tenham o seu lugar ao sol, a sua saúde, o seu pão e sua liberdade.

—:—
PSYCHO-NEUROSIS IS THE DISEASE OF THE
BANKING PROFESSION

SUMMARY

Of the first 116 consultations in 1942 — 72 were psycho-neurosis cases.



HIGIENE MENTAL DAS CRIANÇAS EM TEMPO DE GUERRA

pela.

PROF. VIRGÍNIA LEONE BICUDO

Visitadora Psiquiátrica da Seção de Higiene Mental da Diretoria do Serviço de Saúde Escolar, de São Paulo

(Conferência pronunciada na Liga Brasileira de Higiene Mental)

Várias disciplinas estudam o fenômeno da guerra procurando defini-la. Em termos de biologia e de psicanálise a guerra é definida pelos motivos de agressividade com os quais o indivíduo nasce. Assim como o impulso da fome impele o homem à procura de alimento, a guerra seria uma forma de libertação ou satisfação de impulsos de agressividade. A esta compreensão da guerra pode-se acrescentar a concepção cultural. Os seres humanos organizam-se em sistemas e instituições, os quais são resultantes das experiências do grupo. As instituições e os costumes fixam-se e são transmitidos da geração mais velha para a mais nova, como meios de prover as necessidades vitais dos indivíduos, possibilitando-lhes a vida em comum. Desta forma, os grupos sociais adquirem unidade, porque se tornam capazes de ação conjugada. Nas interrelações humanas, portanto, atuam também processos sociais, que redefinem os impulsos psíquicos e biológicos, dando-lhes um valor social. Pode-se afirmar que o impulso da fome é condicionado por forças sociais. O homem, por exemplo, aprende a selecionar alimentos conforme a sua cultura, e pelo processo de comunicação a sociedade difunde os valores sociais.

Na luta pela existência o homem vive em competição com todos os seres vivos. A competição tem como consequência as migrações, isto é, o deslocamento do homem no espaço a procura de melhores condições de vida. Produz, também, a divisão de trabalho. Pelas especializações os indivíduos se tornam reciproca-

mente úteis. Mas a luta pela sobrevivência pode produzir conflitos, através dos quais o grupo e o indivíduo procuram alcançar melhor posição. Indagando-se sobre os motivos que desencadearam várias guerras, encontram-se elementos de ideologia, de convenções e de tradições que "diretamente nada têm com impulsos orgânicos".

A guerra acarreta uma desorganização social pela drenagem de toda a economia para o esforço de guerra, pela mobilização, em massa, da população. Os homens são convocados para o serviço militar e as mulheres para o trabalho fora do lar. A guerra atual envolve toda a população. É a denominada guerra total. Nesta guerra, a participação dos que ficam na retaguarda é tão importante quanto a daqueles que combatem na vanguarda. A população civil deve estar integrada no esforço comum, mantendo disciplina, calma e segurança na ação. Mas, pelas mudanças nas condições de vida, a guerra atinge a organização social. As instituições, não podendo satisfazer as necessidades dos indivíduos, afrouxam o controle social por elas condicionado. Surgem novas soluções em correspondência às novas condições de vida. A família, por exemplo, é desfalcada pela mobilização. A guerra, suprimindo as formas comuns de satisfação de necessidades vitais, pode desenvolver conflitos mentais e distúrbios afetivos expressos em sintomas neuróticos.

Gillespie, psiquiatra da Royal Air Force, afirma que a desorganização da vida social concorre mais do que a luta como fator causal de distúrbios afetivos: "é somente quando os indivíduos terminam seus quefazeres e têm tempo para sentar-se e considerar a situação, que os sintomas aparecem".

Um dos meios para prevenir distúrbios afetivos consiste em conservar os indivíduos ocupados. A organização de atividades para o povo desenvolve a segurança e a força, porque integra o grupo em um fim comum. Cada um sente que faz alguma coisa para enfrentar o perigo. As organizações para-militares, além de outros fins, têm um valor psicológico. É de se ver por toda a parte o interesse e o entusiasmo com que o povo coopera nas diversas campanhas, que lhes dão o senso da unidade.

A criança também precisa sentir que participa no esforço total. A organização de atividades para crianças deve levar em conta os seus vários interesses. Pode ser explorado o interesse em colecionar, em dramatizações, onde vultos históricos sejam evidenciados. A quebra de sua rotina de vida pelo fechamento de escolas e parque infantis, pela desorganização do ambiente familiar etc., traz desajustamento afetivo à criança. As clínicas de orientação infantil de Londres têm verificado que as crianças transferidas para as zonas mais seguras, muitas vezes, sofrem mais do que as

expostas a bombardeios. A criança separada dos seus pais tem a tendência a interpretar a separação como abandono afetivo, e daí as conseqüências psíquicas desfavoráveis. Na organização da retirada das crianças para abrigos, fora das cidades, devem ser providenciados tanto o conforto físico com a manutenção do calor afetivo do lar.

Se a desorganização da vida pode desenvolver distúrbios afetivos, torna-se evidente a importância do trabalho das pessoas que laboram no campo de higiene mental.

A guerra atual é também denominada guerra de nervos, porque muito se vale da psicologia como arma ofensiva. Neste aspecto da guerra mais uma vez fica afirmada a necessidade de cooperação intensa dos serviços sociais psiquiátricos no trabalho preventivo e curativo de distúrbios afetivos ou mentais.

A Seção de Higiene Mental Escolar de São Paulo pôs-se à disposição da Legião Brasileira de Assistência, onde os seus técnicos, em fins do ano passado, desenvolveram um curso para visitadoras. O curso foi organizado pelo Dr. Durval Marcondes, chefe do Serviço. Os temas abordados referiram-se a noções sobre: o desenvolvimento psíquico do indivíduo; as doenças mentais e as neuroses de guerra; a base física para a saúde mental e distúrbios afetivos da criança ligados a condições sociais e psíquicas. O curso teve a finalidade de dar, às voluntárias inscritas, conhecimentos básicos para prevenir ou socorrer a criança que apresenta distúrbios afetivos. Ansiedade e medo têm-se observado freqüentemente entre os escolares em conseqüência da atitude dos pais em face da convocação, dos exercícios de alerta e escurecimento. Em lugar de excitar nervosismos, aqueles exercícios devem ser utilizados para disciplinar e desenvolver a segurança afetiva.

O inimigo se vale de forças psicológicas no intuito de desorganizar o antagonista, desenvolvendo o medo, a insegurança, a situação propícia ao pânico, a falta de confiança nas autoridades. Para atingir êsses objetivos divulga boatos, notícias falsas, não só através dos vários meios de comunicação, como por meio da "quinta coluna".

A psicologia, entretanto, pode também ser empregada como arma defensiva. Karl Menninger refere-se a três recursos preventivos de distúrbios afetivos: o conhecimento exato da situação, o trabalho e a recreação. Diz ele: "o povo deseja sentir que está fazendo alguma coisa pela causa, ombro a ombro com os soldados e o homem de Estado. A organização de atividades, mesmo para crianças, é a forma mais desejável de encorajamento de sentimentos patrióticos. A ação útil e a preparação vigorosa para enfrentar o perigo desenvolverão a força de um propósito comum, suporte de

liderança central muito mais eficiente... O conhecimento da situação atua contra a moral envenenada, e evita as decepções que solapam a confiança".

Os indivíduos psiquicamente mais vulneráveis sob as condições da guerra total e de nervos são aqueles que na infância sofreram medos neuróticos, nervosismos e outros sintomas de mau ajustamento da personalidade. Conclui-se pela grande significação da infância para o equilíbrio da personalidade. As neuroses e as psicoses funcionais estruturam-se na infância, como resultado da interação de condições exógenas (ambiente social) e condições endógenas (patrimônio hereditário).

O ambiente social pode constituir-se em fator de mau ajustamento da personalidade. Ajustamentos mórbidos podem desenvolver-se quando, em lugar de padrões de conduta definidos pela ordem social, os indivíduos encontram confusão. Estudos feitos nos Estados Unidos têm demonstrado que os problemas sociais, tais como a delinqüência juvenil, o crime, a pobreza, o divórcio etc., concentram-se em determinadas zonas da cidade, em relação com certas condições sociais. Os sociólogos Robert E. L. Faris e H. Warren fizeram estudos sobre os aspectos sociais da desordem mental. Estudando a localização das residências dos doentes mentais, demonstraram haver um declínio regular do centro da cidade para a periferia, no índice de incidência das desordens mentais. "As desordens mentais parecem ser mais freqüentes onde a população é móvel e heterogênea, do que onde é estável e homogênea; mais freqüentes onde as condições de vida são complexas e precárias, do que onde são simples e seguras".

Os atritos sociais, resultantes de desajustamento social, repercutem para o lado da personalidade. Com base em conhecimentos sociológico e psiquiátrico a higiene mental desenvolve programas profiláticos e forma técnicos para a correção de distúrbios da personalidade. Os mesmos princípios de higiene mental e os mesmos recursos utilizados em tempo de paz são válidos para o período de guerra.

A criança é particularmente atingida pelos períodos de crise social, nos quais a sociedade procura novos ajustamentos. Proteger a criança é resguardar o capital humano da sociedade futura, evitando que se forme uma geração de indivíduos de mentalidade mórbida.

A principal função da clínica de orientação infantil é a ação profilática. Aproveita o tratamento da criança problema para divulgar princípios de higiene mental entre pais e professores.

Os problemas de conduta da criança são, em geral, sintomas de mau ajustamento da personalidade. Tais crianças procuram

através de sintomas como instabilidade, turbulência, agressividade, furto, mentira, timidez, apatia e outros alcançar a satisfação de desejos vitais restringidos pela disfunção cultural. A família, os companheiros de brinquedo, a escola e a igreja são os representantes culturais em face da criança.

A criança ao nascer, com poucas exceções, ingressa para o grupo familiar. Cabe à família protegê-la, suprindo-a quanto às necessidades físicas e psíquicas, defendendo-a dos vários perigos físicos e psíquicos. Mas compete também à família disciplinar o seu comportamento. Por defeitos da própria personalidade, por fadiga, falta de tempo ou por ignorância os pais muitas vezes não protegem a criança de males psíquico-afetivos. Envolvidos nos próprios problemas afetivos desenvolvem situações em que a criança se sente reprimida ou abandonada. A repressão, o medo, ou o sentimento de abandono e de insegurança podem resultar em mecanismos neuróticos.

Os pais ansiosos superprotegem a criança, possivelmente em conseqüência de sentimento de culpa neurótico. Através deste sentimento os pais vêem os filhos sob as piores ameaças de doenças, desastres, acidentes e morte. Conseqüentemente, a criança agoniada por uma vigilância excessiva torna-se insatisfeita, recalçada e infantilizada por fixação aos pais. A rejeição afetiva é a atitude oposta de pais que, por motivos inconscientes, desprezam o filho ou são excessivamente severos. É evidente que no plano da consciência os pais racionalizam suas atitudes justificando-as pelo desejo de manter sua autoridade e ministrar boa educação. Os pais, que não possuem equilíbrio afetivo, têm dificuldades em face da disciplina. Muitas vezes, são excessivamente tolerantes pela receio neurótico de serem odiados pelos filhos; mas, quando mal humorados, castigam injustamente, e, arrependidos, os amimam logo em seguida. Esta situação agrava a condição de afetividade ambivalente da criança.

A medida que a criança cresce, ela se põe em contacto com grupos sociais fora da família. A criança tem necessidade de ter companheiros de brinquedo. Entre os companheiros ela encontra um tipo de contato social diferente, em uma relação simétrica de igual para igual, e tem oportunidade para novas experiências. Entretanto, muitas vezes, ela é encerrada em casa pela ansiedade dos pais e pelo receio de que aprendam nomes feios.

A escola é um ambiente social muito mais amplo do que a família e o grupo de companheiros da criança. O seu ajustamento à situação escolar depende do seu ajustamento familiar, pois a criança transfere para a escola a sua condição afetiva. A escola, porém, também atua sobre a criança através do sistema escolar e das atitudes da professora, podendo ter tanto uma influência favo-

rável como uma atuação prejudicial. A professora, que tem diante de si o problema da disciplina, precisa atender às condições psico-afetivas do aluno. A professora com personalidade mal ajustada, ou a que só tem em vista a promoção e a disciplina, pode determinar problemas de conduta em seus alunos.

Os pais e os professores estão mais propensos a ter atitudes descontroladas, quando sob pressão social do período de guerra.

Afligem-se e transferem sua ansiedade às crianças, apresentando-lhes o quadro trágico da guerra na forma de destruição de casas, de mutilações, de fome. Aturdem as crianças com recomendações sobre o "perigo" dos exercícios de alerta e escurecimento, ao saírem da escola. Outros preferem fazer segredo sobre tudo quanto se relacione com a guerra. Uns e outros têm atitudes desaconselhadas.

Entretanto, as experiências dos países sob os rigores da guerra têm demonstrado que a criança só teme quando os adultos exibem medo e insegurança, ou ainda quando afetivamente insatisfeita. Nestes casos a criança estará objetivando o seu medo neurótico na guerra, como o objetiva no meio de animais, de rádio-patrolha, de mendigos, de escuro, etc. Ana Freud, diretora do Humpstead Nursery Colony, relata: "Um ano de trabalho com crianças refugiadas da Inglaterra tem revelado que a criança pode ser bombardeada e sorri dois minutos depois ou dorme em paz enquanto uma bomba produz grande estrôndo a 15 jardas".

A clínica de orientação infantil procura desenvolver a segurança afetiva da criança pela modificação da atitude dos pais e outras pessoas da família e orientando a professora. A visitadora psiquiátrica é incumbida daquelas tarefas.

A modificação da atitude dos pais implica em levá-los a uma melhor compreensão de si mesmos, na qual adquirem melhor ajustamento. A criança beneficia-se desse tratamento. A guerra constituindo-se em motivo para desequilíbrio mental torna necessário o aumento do número de visitadoras psiquiátricas. O curso de higiene mental de guerra na Legião Brasileira de Assistência proveu as legionárias de conhecimentos básicos para que em suas visitas às famílias de convocados não somente visassem as necessidades materiais de alimentação, vestuário e situação econômica, mas investigassem sobre o ajustamento afetivo da família perante a situação. Ao lado do conforto material é indispensável o conforto moral, pelo desenvolvimento do senso de segurança. São eliminadas a ansiedade e as atitudes que levam os pais a ocultar dos filhos a situação. A criança, sentindo que lhe fazem segredo, procura satisfazer sua curiosidade com fantasias. A criança tem necessidade de falar sobre a guerra. Sua imaturidade psíquica para compreensão completa do fenômeno da guerra vale como defesa natural.

A seção de Higiene Mental Escolar vem desenvolvendo pesquisas no sentido de estudar o ajustamento afetivo do escolar diante da situação de guerra. Um inquérito sobre o pensamento e os sentimentos do escolar em torno da guerra foi feito em vários grupos escolares, reunindo-se quinhentas provas. A elaboração daqueles dados está sendo processada. Em observação superficial pode-se afirmar que, em geral, os meninos apresentam sentimentos de patriotismo exaltado e de segurança, enquanto as meninas exibem sentimentos depressores e de medo. Os meninos referem-se ao desejo de valer à Pátria, por ela derramar a última gota de sangue, e à confiança na vitória dos aliados. As meninas mencionam que rezam para evitar a morte dos pais e irmãos convocados, a fome e a peste. Possivelmente, as atitudes que as crianças apresentam naquelas provas traduzem condições psíquicas, biológicas e a influência cultural. Já por condições biológicas e psíquicas o menino é agressivo, enquanto a menina é mais masoquista. Por outro lado, o medo fica feio para o menino, ao passo que a fragilidade vai bem para a mulher. Talvez pais e mestres corroborem com a tendência do menino para agressividade, e com a tendência para o masoquismo na menina. Assim nas provas as crianças, em grande parte, teriam expressado os pensamentos que acreditarem delas esperados.

Segue-se a transcrição da prova de um escolar de dez anos, por mostrar uma notável capacidade de discernimento e segurança diante da situação atual de guerra:

"Eu sobre a guerra em que estamos penso muita coisa sobre a Alemanha, a Itália e o Japão.

Penso às vezes, cada minuto que passa, que esses países intirigantes que só pensam em tomar países que não lhes pertencem, que dia a dia afundam milhares e milhares de navios nas águas do Atlântico.

Mas não foi só por isso que o Brasil declarou guerra, mas sim porque navios brasileiros em que viajantes tripulavam sossegadamente foram torpedeados estúpidamente nas águas do Atlântico, e por isso o Brasil não podia deixar de cortar relações com os países do eixo. Por isso todos os brasileiros que amam com fervor sua Pátria não deixem que falem nem um "a" sobre o nosso torrão natal que é o nosso amado e querido Brasil.

Soldados do Brasil, se fôsse um deles, morreria pela Pátria, derramaria meu sangue pela minha Pátria, o Brasil. Tenho fé em Deus e por isso rezarei até que o Brasil alcance uma famosa vitória no ar, na água e na terra".

(Conferência pronunciada na Liga Brasileira de Higiene Mental)

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA HIGIENE MENTAL

pelo

DR. CARLOS AUGUSTO LOPES

Membro efetivo da Liga Brasileira de Higiene Mental

A Higiene Mental constitui um dos mais importantes setores da medicina preventiva. Tendo por objetivo a conservação da saúde do espírito, ela promove para esse fim condições favoráveis e propícias.

Ninguém pode dispensar seus valiosos serviços e não existe campo de atividade humana em que ela não possa penetrar. A sua esfera de ação alcança todos os lugares em que o homem se encontra.

No lar, na escola, na fábrica, na caserna, no hospital, na igreja, nos subterrâneos, nos transportes aéreos, nos submarinos e nos cárceres, onde quer que se encontre um cérebro humano existe oportunidade para o seu emprego.

A Higiene Mental promove, deste modo, condições especiais à conservação da saúde do espírito, da alegria de viver, velando pelo equilíbrio das funções psíquicas. A medicina do futuro, não existe a menor dúvida, será a medicina preventiva, e, à Higiene Mental cabe relevante papel.

Se lançarmos o olhar para o mundo moderno, para o rápido desenvolvimento das indústrias, a concorrência que dia a dia se acentua e na qual fracassam os menos capazes; se repararmos nos múltiplos aspectos oriundos da revolução industrial, com a criação de cidades industriais, de migrações humanas à procura de melhores empregos, da liberdade e afrouxamento dos costumes e da moral, dos pensamentos heterogêneos e absurdos sobre o Estado; se atentarmos bem para os malefícios que a guerra está proporcionando ao homem, uma verdade logo sobressai: o sistema nervoso do homem moderno é vítima de abalos freqüentes, o desgaste das suas energias psíquicas é enorme.

Daí decorre uma noção prática que deve ser proclamada e jamais esquecida: é preciso divulgar e praticar a Higiene Mental.

Só assim iremos ao encontro dessa legião de indivíduos que necessitam do seu auxílio e que são representados pelos deprimidos, exaltados, desgastados do sistema nervoso, psicastênicos, neurastênicos, neuropatas de um modo geral, e que podem de um momento para outro transformar-se em loucos, se a intervenção dessa higiene não se fizer precocemente.

Qualquer um de nós, convém não esquecer, está sujeito a êsses estados de anormalidades, desde que não alicerce a vida em regras orientadoras de Higiene Mental.

Na vida moderna é extremamente elevado o número de causas que podem vulnerar o sistema nervoso e desequilibrar as atividades psíquicas, modificando a afetividade, a inteligência, a vontade e a conduta. A legião dos nervosos e dos fronteiros cresce assustadoramente. É como se a própria civilização quisesse aniquilar aqueles que a criaram.

É exatamente para combater essas causas produtoras de desgastes nervosos e de loucura, que se levanta a Higiene Mental.

É na prática de uma série de princípios e conselhos, que estudaremos nos artigos subseqüentes, que podemos amparar e proteger o indivíduo contra a ação desses agentes nocivos.

Ainda como introdução do assunto, quero referir-me a alguns desses conselhos.

1.º — Alimentação: — Deve ser completa, sem deficiências quantitativas e principalmente qualitativas, em que não falte a vitamina B., garantidora da vitalidade do sistema nervoso.

2.º — Sono: — O sono suficiente é de absoluta necessidade, pois representa um formidável desintoxicante do sistema nervoso.

3.º — Evitar a chamada intoxicação moral — Esta é o resultado de ambições e desejos absurdos e ilógicos, de discussões e contrariedades repetidas e contínuas, geradoras de um estado permanente de irritabilidade. O que se deve fazer é procurar adaptar-se às condições reais e objetivos da vida, exatamente como esta se apresenta. É necessário procurar o convívio dos semelhantes e não orientar a vida num plano de imaginação pura, de isolamento e de interiorização.

4.º — Evitar os tóxicos: — Evitar o álcool, e tanto quanto possível o uso exagerado do fumo, porque eles diminuem a vitalidade nervosa, determinam às vezes por um processo lento (e são os piores casos) sérias intoxicações das células nervosas, cujo resul-

tado é a modificação do bom humor, alegria, ânimo, capacidade de trabalho, otimismo, vontade e coragem para enfrentar os problemas e as asperezas da vida.

A Higiene Mental ergue-se para combater êsses agentes nocivos e maléficos que tentam esfacelar as componentes psíquicas e desintegrar a personalidade.

Esse é o seu grande objetivo.



A VIDA DE GUSTAVO KÖHLER RIEDEL (*)

pelo

DR. VALDEMAR DE ALMEIDA

Gustavo Köhler Riedel, como o seu sobrenome pode sugerir, era de origem saxônia. Descendia de famílias norte-americana e germânica. Seu avô paterno viera há muitos anos para o sul brasileiro, fixando residência em Pôrto-Alegre. Era norte-americano, e lá, nos Estados Unidos, se formara em cirurgia dentária, tendo clinicado muitos anos na capital sulina, onde morreu, já idoso, repentinamente. No Rio Grande constituiu família, tendo deixado poucos descendentes. Seu avô materno viera pequeno da Alemanha, cresceu e foi educado no Sul, casou com uma senhora brasileira, e teve regular descendência. O velho Nicolau Köhler sempre manteve boa saúde e sucumbiu em idade bem avançada. Eram homens probos, estimados, trabalhadores, de bom caráter e muito relacionados, de trato lhano e afável. O pai de Gustavo Riedel era uma figura atraente e simpática. Tendo nascido em Pôrto-Alegre, seu progenitor o mandou para a América do Norte, estudando na Universidade de Filadélfia, onde se doutorou em cirurgia dentária, como o progenitor. Regressando ao torrão natal, exerceu a clínica. Quando se fundou a Faculdade de Medicina de Pôrto-Alegre e se instalou o curso de odontologia, o nome do Dr. Henrique Riedel foi lembrado, com acêrto, para reger uma das cadeiras e nesse cargo pontificou, cercado da admiração e do carinho de seus condiscipulos. Casou-se com Dona Herminia Köhler, e do matrimônio nasceram dois filhos, Gustavo, o mais velho, e Valdemar, o mais moço, que a pandemia gripal vitimou, perto da Colônia de Alienadas de Engenho de Dentro, como capitão do Exército Nacional, em pleno vigor, deixando Gustavo Riedel inconsolável. Assisti aos seus últimos momentos no Hospital Central do Exército.

(*) Estudo apresentado na sessão solene da L. B. H. M., a 16 de maio de 1944, na Sede da Academia Nacional de Medicina.

Gustavo Riedel criou-se em Pôrto-Alegre, e ali aprendeu as primeiras letras com a sua progenitora, continuando depois os estudos em escola primária de religiosos. Conheci o nosso biografado ainda estudante de preparatórios, em março de 1901, há cerca de 42 anos, em Pôrto-Alegre, onde nascera a 14 de agosto de 1887. Em 1901, matriculou-se no curso particular de preparatórios do afamado professor Emilio Meyer, a fim de prestar exames das dez matérias exigidas para a matrícula no curso médico. Travamos relações nessa época, como companheiros de classe, tornando-nos amigos. Gustavo Riedel era um mocinho simpático, a completar 13 anos, ainda de calças curtas, de boas maneiras, de constituição sanguínea com tendência à obesidade, muito miope, bondoso, acolhedor, pouco comunicativo, olhar entretanto perscrutador, revelando talvez o futuro cientista, bom estudante, atento, aplicado, trajando com certo apuro. Era o mais moço do curso. Não tinha vícios. Não fumava, não usava bebidas alcoólicas, e também não jogava, revelando já o seu excelente caráter, e a sua vindoura tendência demonstrativa de higienista mental. Era católico, não praticante.

Em 1902 completou na Instrução Pública os preparatórios, e em abril de 1903 iniciava seus estudos médicos na Faculdade de Medicina de Pôrto-Alegre, que até hoje conserva a lembrança de seu nome, como uma de suas legítimas glórias. Sempre amparado pelo avô materno e pelo progenitor, Gustavo Riedel, apesar de não ser de família abastada, levou vida de estudante rico.

Tinha todos os meios ao seu alcance para o estudo. Os melhores tratados do tempo, de botânica (Caminhoá etc.), de química, de anatomia descritiva, como Sappey, Poirier e Charpy, que só o lente da cadeira possuía e citava em aulas, eram familiares do iniciante acadêmico, de modo que adquiriu vastos cabedais nas matérias básicas da medicina. Assim, no decurso dos estudos hipocráticos, sempre demonstrou atividade, perseverança, e pendor especial, obtendo nos exames finais as melhores notas, sendo sempre o primeiro aluno da turma. Acordava alta madrugada, e estudava muito, sempre, sem arrefecimento, com uma dedicação incomparável. Também as atrações sociais não seduziam o espírito do estudante Gustavo Riedel. Nunca aprendeu a dançar. As tendências afetivas, tão próprias da mocidade sempre foram restritas, e outras atrações sociais nunca o seduziram. Sua vida era estudar, estudar muito, numa ânsia de saber e de desvendar a ciência, de pesquisar o desconhecido. Cedo, pois, revelou a sua decidida vocação para as ciências médicas, a sua inclinação para a pesquisa experimental. Em dezembro de 1906 concluiu na Faculdade de Medicina do Sul, com notas distintas, o 4.º ano. Em fevereiro de 1907 resolveu transferir-se para o Rio de Janeiro,

onde chegou desconhecido, sem recomendações, a não ser o seu saber e a sua força de vontade, aliados à ânsia de lutar e de vencer.

Aqui chegando, teve informes de que estavam em concurso três lugares de internos efetivos do Hospício Nacional de Alienados, cargos considerados os melhores para estudantes de medicina, pelas vantagens pecuniárias, pelos meios de aprendizagem, e pelo prestígio daquele centro de trabalho e de pesquisas.

Conseguiu logo o estudante Gustavo Riedel uma vaga de interno extranumerário, começando a freqüentar com assiduidade a clínica psiquiátrica da Faculdade, e guiado pelo interno Renato Pacheco, familiarizou-se com a especialidade, aperfeiçoando e reavivando, no necrotério, em autópsias, os seus estudos de anatomia do cérebro, praticando no Laboratório Anátomo-Pathológico, dirigido no tempo pelo Prof. Leitão da Cunha, penetrando no exame somático dos enfermos mentais, estudando horas a fio, sem descanso, devassando as enfermarias, familiarizando-se com os insanos. Finalmente entra em concurso com mais cinco competidores, alguns antigos e prestigiados no meio. No fim das provas escrita, oral e prática, demonstra erudição e competência invulgares e conquista, sem favor, o primeiro lugar. Estava assim firmado o conceito do estudante Gustavo Riedel, que, vindo do Sul, de uma Faculdade de Medicina, em que, segundo uma lenda, se aprendia anatomia em manequins de papelão gessado, e que ainda se dizia desprestigiada, por ser moldada em idéias positivistas correntes naqueles meios governamentais. Entretanto o estudante recém-chegado tinha cabedais, entesourados, pois fora aluno dileto do sábio professor Sarmiento Leite, mestre completo, freqüentara e estudara cirurgia, como interno da 2.ª cadeira de Clínica Cirúrgica, na 4.ª Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, durante dois anos, aluno distinto do Prof. Carlos Wallau. Nomeado interno efetivo, estudava no laboratório, freqüentava a Seção Pinel, onde pontificava o Mestre Antônio Austragésilo, e cumpria as suas obrigações de interno da Seção Calmeil, dirigida superiormente pelo então alienista Dr. Humberto Gotuzzo. Ainda, há pouco tempo, (já decorreram 37 anos), teve oportunidade de rever as suas meticulosas e corretas observações psiquiátricas, que lá estão a revelar o futuro e provento especialista. Ao terminar os exames do 5.º ano médico apresenta como observações às cadeiras de propedêutica, onde fulgia o erudito Miguel Couto e de clínica cirúrgica, lecionada pelo Prof. Marcos Cavalcante, os seus dois primeiros trabalhos: Um, profundo, didático, versava sobre um caso observado no serviço em que trabalhava no Hospício e em que firmava, em suas conclusões, doutrinas dúbias — "Estudo clínico sobre um caso de paralisia pseudo-bulbar" — mais

tarde divulgado nos "Arquivos Brasileiros de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal", merecendo da banca examinadora elogios incontestes e a nota distinta. A cadeira de Clínica Cirúrgica apresentou um trabalho original, impresso na tipografia do Hospício Nacional, do qual só existiam cinco exemplares, sob a epígrafe — "Contribuição ao estudo da cura das hérnias inguinais pelo processo de Kocher" — relacionando reflexões sobre cerca de cem casos de intervenções cirúrgicas, fruto de suas observações como interno do reputado Prof. Carlos Wallau, na clínica oficial de cirurgia da Faculdade de Medicina em Porto-Alegre, com belíssimas ilustrações, grangeando ainda a nota de distinção na referida disciplina.

Terminado o 5.º ano médico, o estudante Gustavo Riedel não teve férias, pois começou a elaborar os planos de pesquisas que iria empreender para a feitura de sua tese naugural, desenvolvida no Laboratório Anátomo-Pathológico do Hospício Nacional e nos Pavilhões Griesinger e Guislain para epiléticos naquele manicômio. Foram ingentes, minuciosos, perfeitos, verdadeiros os seus estudos que ficaram ultimados em 14 de agosto de 1908, dia de seu aniversário natalício. Era um trabalho magistral de 150 páginas, pleno de quadros explicativos, primorosamente impresso, sob o título — "Novas contribuições à patogenia da epilepsia" — defendida em janeiro de 1909, com brilhantismo e vigor científico, sendo distinguida com a nota de distinção.

Continuou como interno efetivo no velho manicômio, revigorado com a chegada de Juliano Moreira, recém-vindo do Egito e da Alemanha, onde se restabeleceu da grave enfermidade que o afastara do cargo de Diretor.

Em 7 de abril de 1909, sem mais formalidades, colava o grau de doutor em medicina na Faculdade da Praia de Santa Luzia, solicitando, por força da lei, a demissão do lugar de interno.

Nessa época foi nomeado alienista-adjunto em cargo recentemente vago e começou intensa e ativa vida de estudante, pois já se preparava para o concurso de efetivo.

Nesse interim realizava-se nesta Capital o Quarto Congresso Médico Latino-Americano, certame a que acorreram as maiores celebridades dos dois Continentes, Gustavo Riedel apresta dois substanciosos relatórios "Patogenia e tratamento das epilepsias" — e outro "Das funções gastro-intestinais nos epiléticos" — síntese de estudos experimentais, posteriormente publicados pelos "Arquivos Brasileiros de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal". Elabora e publica no mesmo tempo uma nova contribuição original — "Do iodo na glândula tireóide — Estudo fisiológico"

mico e clínico — Novas contribuições" — divulgado na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, em dezembro de 1910.

O concurso para alienista-adjunto que lhe abriu as portas do Hospício Nacional e definiu a sua carreira foi realizado em 1910. Havia outro candidato que em vésperas do prélio, desistiu. Nenhum outro teve ânimo de competir com Gustavo Riedel, tal o conceito que grangeara como estudioso sem par.

Nas várias provas deu mostras de seu inconfundível valor e, ao término, a banca examinadora dava-lhe o primeiro lugar, com notas distintas e um voto especial de louvor pela erudição e capacidade demonstrada pelo candidato.

Quando transpôs os umbrais da brilhante escola de trabalho e de ciência que era o Hospício Nacional, vinha coberto de laúreas.

Continuou a trabalhar, sendo em seguida proposto ao Governo pelo Prof. Juliano Moreira para Diretor interino do Laboratório Anátomo-Pathológico, onde, em seu elemento, deu expansão às suas acentuadas inclinações de pesquisador infatigável. Foi depois nomeado docente de psiquiatria da Faculdade de Medicina com um trabalho — "Dos sulfo-éteres urinários" — depois de química biológica, sendo designado para alienista-chefe dos serviços de química biológica do Hospício Nacional. Consegue do Prof. Juliano Moreira, em dependência da Seção Morel, primorosamente aparelhada, a montagem de um laboratório de química biológica, visando pôr em prática a reação de Abderhalden, e o primeiro quicã, que se organizou na América do Sul. Lá permanecia horas a fio, em pacientes investigações.

Ali elabora nova contribuição original: "Sobre a ausência de fermento proteolítico no líquido céfalo-raquiano", em 1915, e no ano seguinte vem a lume — "Composição química normal e condutibilidade elétrica dos líquidos orgânicos no Rio de Janeiro" — Depois aparece outro trabalho — "Um novo coeficiente biológico — Contribuição original de Física e Química Biológicas". Durante meses, com a colaboração de Álvaro Ramos e Mário Pinheiro de Andrade — dedica-se a pesquisas inéditas. A sua "Contribuição ao estudo da êtio-patogenia e do tratamento da Demência precoce" — (A demência precoce — sua evolução histórica e patogenia — Revista crítica) lhe assegurou maior autoridade na especialidade, estando citado no célebre "Tratado de Psiquiatria" do Professor Emilio Kraepelin, de Munique. Foi, indiscutivelmente, um trabalho de mestre autorizado na matéria.

Em 1912, com Eduardo Marques, publica — Miostagnino-reação-Ensaio sobre a tensão superficial do soro dos tuberculosos

(Arquivos Brasileiros de Medicina, no número especial dedicado à tuberculose).

Em 1914 vem a lume seu novo trabalho — Do atrito interno da urina e sua relação com o peso da molécula elaborada.

Em 13 de Janeiro de 1914 consorciou-se com a Sra. Dona Edith Hasche que completou a sua felicidade, havendo um casal de filhos, Lia e Leo.

Em 1915 divulga — As constantes fisio-químicas dos líquidos orgânicos no Rio de Janeiro.

Em junho de 1917 candidata-se ao lugar de Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, concorrendo com uma notável contribuição original — Os fermentos proteolíticos de Abderhalden — Sua importância em Biologia e Patologia — Novo método de pesquisa — que o torna dignatário, por unanimidade, membro da elevada corporação científica do país.

Conquista ainda o "Prêmio Alvarenga", uma das maiores distinções com que a Academia Nacional de Medicina coroa as novas contribuições à ciência.

No ano de 1918 publica: Concepção fisio-química da crise epiléptica (doutrina original da aglutinação dos colóides). Depois — As vitaminas e as síndromas avitaminicas (Nota prévia).

Completando cinco anos de administração na Colônia de Psicopatas de Engenho de Dentro, escreve, em 1924, substancioso e oportuno relatório que apresenta ao Diretor geral Prof. Juliano Moreira e em que explana as suas realizações médico-sociais naquele departamento da Assistência a Psicopatas, inclusive os trabalhos da Policlínica dos Subúrbios, com o Ambulatório Rivadávia Correia, o serviço de Higiene e Profilaxia Mentais, resumido num trabalho apresentado ao II.º Congresso Internacional de Eugenia, reunido em Nova York e por epigrafe — Os fatores disgenizantes do "Habitat brasileiro" em síntese.

Foi representante oficial do Brasil no Congresso Médico Latino-Americano, reunido em Cuba, em Washington, onde brilhou, e Strasburgo, por ocasião do Centenário de Pasteur, onde conquistou para o Brasil o Grande Prêmio, pela apresentação grandiosa exibida na Exposição de Higiene anexa.

Daí, continua em ascendência gloriosa, dedicando-se à higiene mental, ampliando seus objetivos.

Funda em 1923, na Colônia de Psicopatas, a Liga Brasileira de Higiene Mental, da qual foi aclamado seu Presidente. E logo lança, como órgão oficial divulgador da Liga, os Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, em que colabora ativamente.

Em 1931, foi nomeado Diretor Geral da Assistência a Psicopatas do Distrito Federal, eleito e indicado por seus colegas da Assistência ao Governo, que o nomeou em 1932.

Entretanto, uma doença insidiosa já assaltava o seu organismo vitimando-o, após doze anos de sofrimento, a 16 de maio de 1934, às nove horas da manhã.

Aqui, ultimo em traços gerais este esboço contributivo à vida de Gustavo Riedel que viveu admiravelmente, notabilizando-se como mentalista, pesquisador, biólogo, higienista, administrador, sociólogo e humanista, como colega, amigo e chefe de família exemplar.

Sua atuação, desde estudante, de interno extranumerário a diretor geral na Assistência a Psicopatas, foi um vivo exemplo de amor à ciência, de atividade produtiva, de tenacidade inquebrantável e de patriotismo acendrado.

A SEMANA ANTI-ALCOÓLICA

pelo

PROF. HENRIQUE ROXO

Presidente da Liga Brasileira
de Higiene Mental

Falando mais uma vez na semana anti-alcoólica, devo consignar este ano o que decorreu de mais importante no concernente a este assunto.

As leis penais modernas permitem punir mais severamente aqueles que abusam do álcool. Encontrados embriagados, a praticar desatinos, serão processados e recolhidos à prisão durante certo tempo.

Não há mais, pela lei, a simples detenção num xadrez de polícia. Cozinhava o indivíduo a *mona*, como se diz, e voltava a reincidir no vício.

Não havendo ainda Colônias para alcoolistas e existindo grande tolerância para estes, sucede que continuam ainda a ser presos em vez de ser processados.

Com a abundância crescente de casas de *batidas*, em que cada qual toma a bebida alcoólica sob forma mais irritante e sempre por preço módico, continua-se a beber muito e a se encontrarem pessoas completamente embriagadas, sem o menor tropêço ao seu procedimento anômalo.

Um ponto a ser assinalado, como merecedor de corretivo, é a facilidade que encontram doentes mentais, quer do Hospício, quer das Colônias, de saírem à rua, e se lhes deparar, bem nas portas dos asilos, vendas, em que se podem alcoolizar à vontade, muitas vezes lhes sendo vendidas fiadas as bebidas.

Ainda há poucos meses, mais um armazém foi aberto em Jacarepaguá, bem nas portas da Colônia.

Verdade se diga que o Governo, quando devidamente informado, não descarta o assunto e toma providências cabíveis. Além da legislação atual muito bem feita, sei que cogita ele de estabelecer



medidas punitivas para funcionários públicos que vivem embriagados. Serão eles suspensos de suas funções e mesmo, em muitos casos, demitidos.

A Liga Brasileira de Higiene Mental pode ter a veleidade de acreditar que a continuidade das campanhas que vem empreendendo tenha concorrido para que o número de casos de psicose alcoólica seja atualmente de 15% em vez de 31%, como era antigamente.

Entre as novidades no que concerne ao tratamento de alcoolistas, devo acentuar: o *emprego da vitamina B em doses fortes*, a *auto-hemoterapia*, e o *emprego dos reflexos condicionados*.

Há quem acredite que uma avitaminose B influa muito na sensibilidade do álcool e na caracterização do delírio alcoólico. Justifica-se assim a possibilidade de uma cura por este processo.

A auto-hemoterapia, tirando-se sangue em doses crescentes e reinjetando-se, também aproveita.

Finalmente, o emprego dos reflexos condicionados que Mosovith, em trabalho de junho deste ano, muito preconiza, vem sendo utilizado com proveito.

Pequenas doses de benzedrina podem ser ministradas para preparar o ânimo dos doentes.

Cada ano, na semana anti-alcoólica, deve-se encarar um prisma novo.

Não basta apenas dar conselhos para que se não beba. É preciso impedir que se possa beber com facilidade e curar aqueles que já estão viciados.

Barthelemy disse que a indulgência com o vício é uma conspiração contra a virtude.

E Sêneca clamou: "Procura a satisfação de ver morrer os teus vícios, antes que morras." E lembrou que os vícios são próprios dos homens e não dos tempos.

Se um individuo tem vocação para beber, há como o impedir, e se já estiver habituado a beber, há como o curar.

A Liga Brasileira de Higiene Mental a tudo isto atende.

(Palestra irradiada pela PRD-5 do Distrito Federal).

ALCOOLISMO E DOENÇAS MENTAIS

pelo

DR. ADAUTO BOTELHO

Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais

Cada ano dedicamos aqui com o precioso auxílio das estações irradiadoras uma semana inteira para prevenir o público, em palavras simples e sinceras, contra os malefícios do álcool, por iniciativa da Liga de Higiene Mental e da União Pró-temperança.

O uso de substâncias alcoólicas provoca no organismo humano tais e tantas conseqüências de gravidade indiscutível, que os médicos se batem continuamente contra este hábito nocivo, no afã de evitar inúmeras moléstias e afecções.

Não só alguns órgãos vitais acusam em breve tempo os malefícios do álcool — e, entre eles o coração, o fígado, os rins etc., como e sobretudo o cérebro paga tributo dobrado ao vício que pode, e deve ser evitado.

Os hospitais e hospícios têm suas enfermarias cheias de doentes, em estado agudo e muitas vezes com doenças crônicas, que devem o seu mal ao uso de substâncias alcoólicas.

Sobretudo entre os doentes mentais é enorme a coorte de delirantes e alucinados, que se fizeram alcoolistas por imprevidência ou por ignorância, muitas vezes exacerbando estados de degeneração que não seriam revelados em vida, se não houvesse a cumplicidade do álcool.

A imitação é dos fatores que mais prejudicam na formação do alcoolista; o hábito de alguns amigos ou companheiros, em má hora, levam os neófitos para a beira do abismo, para o hábito constante das bebidas alcoólicas... até que as conseqüências nefastas do vício interrompam mais uma atividade social produtiva e honesta ou mesmo detenham o curso da outra vida.

As faculdades intelectuais e os sentimentos de honra se dissipam com rapidez entre os alcoolatras. Um estudante de química,

de espírito vivaz e penetrante, habituado a dissolver seus corpos químicos para utilização nas pesquisas de laboratório, dizia certa vez que a "honra é solúvel no álcool"...

De fato — o uso do álcool não só aniquila os sentimentos nobres dos indivíduos, homens ou mulheres, como provoca uma verdadeira delinqüência moral, levando seus apaniguados ao cárcere, ao latrocínio, à prostituição, ao hospital, ao homicídio ou ao necrotério.

Na gênese das doenças mentais o papel do álcool é tão evidente — que só entre alcoolistas em estados de intoxicação aguda, sua proporção sobe a mais de 12% entre os internados de nossos hospitais psiquiátricos.

E este número não será pequeno, sobretudo se nos lembrarmos que, só no Distrito Federal, os hospitais para psicopatas abrigam hoje aproximadamente mais de 5.000 doentes internados. Esta proporção assustará muito mais se soubermos que entre os doentes mentais internados, muitos deles, se não sofrem as conseqüências imediatas do álcool, são vítimas do passado de sua própria vida, ou da intemperança criminosa de seus pais.

O Hospital de Crianças, do Serviço Nacional de Doenças Mentais, é uma prova viva e crüciante do que asseveramos.

No entretanto, mesmo sem transpor os portões hospitalares, podemos observar, na sociedade, indivíduos que se alcoolizam com freqüência, solapando sua vida moral, destruindo seus negócios, aniquilando suas atividades, adoecendo seus órgãos, acelerando sua morte e prometendo ao mundo filhos degenerados, idiotas e imbecis, mulambos humanos, para encherem, mais tarde, as prisões e os hospitais de alienados.

O alcoolismo anda de par e talvez na frente da tuberculose para cumprir o triste desígnio de corromper os povos e destruir a vida.

O vício do álcool encontra ambiente nas classes ricas e nas classes pobres. No modesto parati ou no aristocrático *cock-tail* — o futuro alcoolista encontra o veneno que o fulminará um dia.

As bodas nupciais, festejadas com substâncias alcoólicas, constituem um dos hábitos mais nefastos para a descendência e para a prole futura — no entretanto perduram estes hábitos em cada festa, em cada casamento, para atestar a cegueira e a imprevidência dos homens.

Os batalhões que combatem o vício do álcool deverão constituir falanges intemeratas e incansáveis, na luta contra este inimigo insinuante e traiçoeiro que produz, em todos os tempos e em todo

o mundo, tantas vítimas entre os homens, quanto as guerras mais mortíferas que apavoram os séculos.

A campanha ativa desta semana deve constituir campanha diária, de cada minuto, pois é obra social de patriotismo e de humanidade.

(Palestra realizada na Semana Anti-Alcoólica)



SEMANA ANTI-ALCOÓLICA

Palestra pronunciada na Rádio Transmissora pelo
DR. CLAUDIO ARAUJO LIMA

Tôda gente culta deve saber que o álcool é um veneno, grandemente nocivo ao individuo e à raça. A pretensa inocuidade do álcool, que alguns espíritos levianos ou inconscientes pretendem proclamar, é uma heresia científica, criminosamente divulgada. Infelizmente ainda há quem suponha ser o álcool um alimento, um tônico, um medicamento, sendo de lamentar que, até a presente era da Medicina, não tenham sido proscritos, da terapêutica, os chamados vinhos medicinais, tônicos e reconstituintes.

Os sábios asseveram, com estatísticas e demonstrações irrefutáveis, que o álcool é o veneno máximo, que fornece grandes contingentes às populações dos manicômios, dos presídios, dos hospitais e dos asilos. É ele o grande fator das tremendas chagas sociais, que afeiam e nodoam a humanidade, tais como o pauperismo, a vagabundagem, a criminalidade, a loucura, a decadência fisiológica precoce, o embrutecimento, a degradação moral, a indigência malsã, a incontinência de gestos e atitudes, as tragédias da vida doméstica, a ruína patrimonial da família etc. etc.

Se o álcool sacrificasse apenas as vítimas diretas de sua sedução, empolgando-as pelo vício execrável, seria já, só por isso, um veneno degradante, corruptor do individuo, com quem entretanto o mal se extinguiria.

Mas, a sua obra corrosiva, devastadora, de depravação e degradação, vai muito além: projeta-se através da descendência, acarretando à sociedade êsses seres falhados, mórbidos, nocivos, desajustados, que são os degenerados, dipsomanos, idiotas, cretinos, epiléticos, criminosos, todos provindos da hedionda família dos alcoolatras.

Veneno com predileção malfazeja pelo sistema nervoso, o álcool aniquila o órgão mais nobre da criação — o cérebro, sede das mais nobilitantes funções da espécie. E se, pela capacidade

psíquica alça-se o homem à preeminência na escala zoológica, é pela decadência mental e obliteração moral, ocasionadas pelo álcool, que ele reverte à animalidade, a que regride como ser inferioríssimo.

Funesta, em sua influência, é a suposição errônea, corrente e dominante em certos círculos com pretensões científicas, que só admite malefícios do álcool nos individuos que se embriagam. Tremendo engano: o pior alcoolista é o que nunca se embriaga, cuja intoxicação progressiva não depara barreira nem provoca reação — é o alcoolista dos aperitivos, na vida elegante; é o que, na vida proletária, "mata o bicho".

No Brasil a campanha contra o alcoolismo deve ser, sobretudo, a campanha contra o cachacismo.

O objetivo máximo da campanha anti-alcoólica, entre nós, deve visar a guerra à aguardente de cana, a cachaça.

É o veneno popular, plebeu, acessível, o veneno da nacionalidade no que ela tem de estruturalmente mais nacional, mais saturado de brasilidade, menos infiltrado pelas ondas invasoras de cosmopolitismo.

A cachaça é a bebida das populações rurais, que se encontra em tôda parte, em qualquer arraial, na mais humilde tenda de varejo paupérrimo, desgarrada no mais ermo e distante deserto dos nossos sertões. O sertanejo, — analfabeto, inculto, incivilizado, atrasado mental, quase primitivo — pelo álcool agrava êsse primitivismo, inferioriza-se dia a dia, mentalmente, por ação de tal agente tóxico embrutecedor, complica a depreciação intelectual que se superpõe à sua deficiência, quase miséria orgânica e fisiológica; daí, sangue pobre e cérebro desfalcado; organismo devastado pelas endemias, empobrecido pela carência alimentar, tôdas as vísceras lesadas pelo álcool, do estômago ao cérebro.

Guerra, pois, ao cachacismo, que é a modelidade mais generalizada do alcoolismo entre nós.

O pranteado Professor Miguel Couto, apóstolo e sábio, pregou em vão, demonstrando os malefícios da cachaça e exibindo com dados irrefutáveis, os proventos malditos dos que negociam — vendedores e revendedores — com tão nocivo produto de nossa economia. Discípulo dequêle mestre, ao crepúsculo da câmara federal, em 1930, propuz que tôda a indústria da cana de açúcar revertesse à do álcool-motor. Naquele tempo, não se pensava em crise de combustível, sendo então tal medida higiênica ao mesmo passo um favor à produção nacional. Hoje, com a crise do combustível, parece que se impõe a supressão total da cachaça, para aproveitar tôda a indústria açucareira em prol do álcool-motor. Problema econômico, solucionando um problema de salvação racial!

Libertação das populações escravizadas à aguardante de cana e expansão dos motores de explosão, para veicularem a produção nacional.

Ainda uma sugestão ao poder público: proibir a insidia de certos reclamos. O rádio é o grande instrumento de propaganda, o mais eficiente agente de divulgação; mas, é preciso não desnaturá-lo. A propósito, para atenuar a austeridade destes conceitos, uma nota que seria anedótica, humorística, se não fôsse indice de um lastimável estado de espírito.

Apareceu, no mercado das bebidas alcoólicas, certa marca de cachaça que, por ironia provocadora ou sarcasmo irritante, recebeu este rótulo — **JUIZO** —. E assim, pela técnica radiofônica de repetição, o respectivo reclamo reproduz insistentemente — "tome juízo..." "Tome juízo em todas as horas, em casa e na rua, antes do almoço e do jantar..." Faz rir? Não! É assunto sério, que merecerá certamente a devida atenção do poder competente. Com essa lógica nociva, sei de um bebedor inveterado que é advertido por sua genitora, com esta prudente recomendação "Tome juízo", meu filho! Ao que o viciado responde jocosamente: É o que eu faço, minha mãe: "tomo juízo" todos os dias..."

O ALCOOLISMO NO CONTINENTE AMERICANO

DR. OSWALDO CAMARGO

Inspeção Psiquiátrica Federal

Qualquer pessoa de mediana cultura sabe que o álcool tem causado grandes males à humanidade. Os hospícios e as prisões aí estão para comprovar o quanto é daninho esse veneno, que sorrateiramente vai minando o caráter e o organismo dos indivíduos que dele fazem uso imoderado.

Falando ontem por este microfone, ao inaugurar a série de palestras da Semana Anti-Alcoólica, o eminente Prof. Henrique Roxo, uma das legítimas glórias da medicina brasileira, disse que a campanha que se tem empreendido contra o alcoolismo vem dando excelentes resultados no Brasil, tanto assim que, de 31% como era antigamente, baixou para 15% a proporção de indivíduos recolhidos aos estabelecimentos psiquiátricos desta capital, por serem portadores de psicose alcoólica, ou seja, falando em linguagem mais acessível ao público — a loucura causada pelo álcool. E já se anuncia que o governo vai baixar uma lei estabelecendo medidas punitivas para os indivíduos que, exercendo cargos de responsabilidade, tais como os funcionários públicos, vivam freqüentemente embriagados.

A luta contra o alcoolismo não se faz apenas no Brasil. Em todas as nações do continente americano vem se desenvolvendo, desde há anos, uma tenaz campanha contra o terrível tóxico. O quartel general dessa benemérita cruzada — haverá por certo quem se espante com a afirmativa — está nos Estados Unidos da América do Norte, onde existe o maior número de associações anti-alcoólicas, todas desenvolvendo uma ação tenaz e profícua no seio da população dos 48 Estados confederados. É ali que tem sede, também, a Liga Mundial contra o Alcoolismo.

Muita gente achará isso estranhável, pois todos sabem que a Lei Sêca não deu resultado na América do Norte, vendo-se o governo obrigado a derogá-la. Mas é que no tempo da Lei Sêca o alcoolismo campeava de modo muito mais pernicioso, pois existia



o contrabando de bebidas ordinaríssimas, que além de embriagar o indivíduo, ocasionava-lhe tremendos males ao organismo. O que se consumia por preços astronômicos nos numerosos *bars* escondidos no sub-solo, não era apenas o péssimo produto das destilarias de outros países: era, isso sim, a pior das misturas venenosas, impingidas aos viciados pelos contrabandistas ávidos de lucros.

Hoje, felizmente, o nosso poderoso amigo e aliado do Norte desfruta uma situação bem melhor, no tocante ao alcoolismo. As organizações pró-temperança realizam ali uma excelente campanha educativa, cujos resultados palpáveis tornam-se dia a dia mais animadores.

Em todos os países do continente americano desfalda-se a bandeira do anti-alcoolismo. Não há govêrno que não tenha compreendido o gravíssimo perigo que representa o abuso do álcool, pois esse veneno estiola o caráter dos indivíduos, sabotando o civismo; arruína o organismo, impedindo a formação de cidadãos fortes, ágeis e robustos, capazes de prontamente acudir ao apêlo da Pátria, na defesa enérgica do solo sagrado, quando as circunstâncias o exigirem.

No Uruguai, há vários anos que se promovem campanhas tendentes a restringir o consumo das bebidas alcoólicas. No Peru, os grandes higienistas do espirito, tendo à frente o acatado Professor de Psiquiatria, Dr. Baltazar Garravedo, vêm propugnando pela diminuição do uso do álcool. No próprio Chile, país produtor de afamados vinhos, a campanha que a Liga de Assistência Social desenvolve nesse sentido é das mais notáveis.

Na Argentina, o movimento não se restringe apenas aos meios científicos ou associativos. Lendo o noticiário telegráfico do exterior, encontramos o seguinte despacho da Agência Reuters, de Buenos Aires, datado de 20 do corrente: "O interventor do Conselho Nacional de Educação, entre outras medidas, determinou aos diretores e professores das escolas, que realizem preleções contra o uso do álcool e do fumo".

Não há um só país do continente americano que descuide o importante problema do alcoolismo. Todos porfiam em aprimorar a raça, defendendo a saúde física e mental das suas respectivas populações.

O Brasil sempre se interessou pelas boas campanhas, como esta a que estamos assistindo. Grandes nomes da medicina, do direito, do magistério, do clero, jornalistas e escritores, todos colaboram nesta peleja patriótica.

E ninguém duvide que os escritores e literatos formem à frente das nossas hostes! Já se foi o tempo em que a boemia dos lite-

ratos só encontrava expansão em tórno das garrafas. Humberto de Campos, o grande e inolvidável escritor, desaparecido de nosso convívio há tão poucos anos, nunca precisou molhar no álcool a sua pena cintilante. Ele formava conosco na boa campanha. E, querendo contribuir de maneira mais eloquente e inesquecível, lançou êle o célebre artigo intitulado: "Quebrems os copos", que constituiu um dos mais belos e enérgicos anátemas contra o álcool.

Cuidemos, pois, de educar o nosso povo nos princípios da temperança, a fim de que o Brasil se ufane de ter filhos fortes e capazes de o defender com galhardia.

Nos dispensários da Liga Brasileira de Higiene Mental, inteiramente gratuitos, qualquer pessoa encontrará o conselho e a orientação de que necessite, para o combate ao alcoolismo.

(Palestra realizada na Semana Anti-alcoólica).



O USO INVETERADO DO ALCOOL E AS CARENCIAS VITAMÍNICAS

pelo

DR. RODRIGO ULISSES DE CARVALHO

Médico do Instituto de Psiquiatria

Finalizando o programa da Semana Anti-Alcoólica, promovido pela Liga Brasileira de Higiene Mental e União Pró-Temperança, cabe-me falar, hoje, sobre o alcoolismo inveterado, no que concerne à produção das carências vitamínicas, assunto da maior importância prática e que vem mostrar uma série de pontos de vista interessantes ao perfeito conhecimento da questão.

De um lado, temos o álcool a produzir, só por si, deficiência de vitaminas no organismo humano, por destruição e por não permitir o aproveitamento dessas substâncias e, de outro, o fato do organismo, já combalido pela alimentação insuficiente, ser uma vítima do tóxico, que provoca avitaminoses mais ou menos graves.

Se atentarmos que o equilíbrio orgânico é uma resultante da proporção útil entre a assimilação e a desassimilação, vamos compreender que a alimentação representa um papel importante, tanto qualitativa como quantitativamente.

Os estudos feitos sobre alimentação no nosso povo, demonstraram que há um estado permanente de subalimentação qualitativa, que não permite o funcionamento normal e harmônico dos órgãos.

Isso quer dizer que as vitaminas são primordiais, sob o ponto de vista qualitativo, pois a falta delas ou apenas a diminuição de sua quota normal, provocam sérias perturbações para o lado do sistema nervoso, da pele, do sistema glandular e outros órgãos importantes da economia.

O álcool é, incontestavelmente, um destruidor de vitaminas, não só pela sua propriedade dissolvente, como pela inferioridade que produz nas células, favorecendo a deposição de gorduras, modificando o aspecto normal do núcleo e protoplasma e não permitindo que se processe o aproveitamento dessas substâncias.

Particularmente, a vitamina C e o complexo vitamínico B, é que mais são influenciados pelo tóxico, prejudicando-se, também, a função assimiladora da vitamina E, conforme demonstram os mais recentes trabalhos americanos.

Os distúrbios digestivos, dependentes da gastrite alcoólica e degeneração gorda do fígado, impedem o aproveitamento das vitaminas indispensáveis à função desse órgão, também se incluindo as perturbações da tireoide e dos ovários.

Sofrendo, particularmente, o complexo vitamínico B e sabendo-se a relação que há entre essa vitamina e o metabolismo dos hidrocarbonados, o álcool, destruindo esse fator, provoca uma diminuição do consumo dos açúcares à altura dos centros nervosos, favorecendo a inferioridade da célula cerebral e conseqüente esgotamento por falta de elementos vitais.

Os trabalhos americanos, de grande interesse para a Psiquiatria, têm evidenciado que a membrana que separa o sistema nervoso do restante dos tecidos do organismo, vai-se tornando progressivamente permeável à passagem do álcool, provocando uma insuficiência na barreira defensiva sanguineocerebral.

O indivíduo manifesta medo, irritabilidade, insônia, agitação, delírio de ciúme, fabulação e entorpecimento da memória.

Esgotadas as reservas energéticas, vão se destruindo os elementos vitais e, com isso, aparecem perturbações motoras: há dores nas extremidades e grande fraqueza que começa nas pernas.

A aguardente, o vinho e a cerveja, que são as bebidas mais usuais entre nós, produzem a polineurite alcoólica, em que há avitaminose B, assim como também se pode verificar experimentalmente em pombos e cães, pela carência artificial desse fator, conseguindo-se um quadro análogo.

E a administração dessa vitamina, juntamente com a vitamina C e a vitamina E, nos casos de intoxicação alcoólica crônica, pelos resultados favoráveis que se observam, demonstram quanto o álcool é capaz de causar, desintegrando esses fatores qualitativos e tornando as células do organismo inferiores e sem poder de assimilação.

O álcool é, portanto, um tóxico violento, provocando a falta de aproveitamento das vitaminas e não permitindo que os órgãos da economia possam retirar da alimentação habitual, os princípios vitais que promovem o equilíbrio da célula.

A Liga Brasileira de Higiene Mental aconselha que se não beba, condenando o álcool como um tóxico, absolutamente nocivo, destruidor de vitaminas e impedidor do seu aproveitamento natural. É preciso, pois, não beber e, quem o faz, é mister abster-se.

(Palestra realizada no dia 30 de outubro de 1943 ao microfone da Rádio Difusora da Prefeitura do Distrito Federal, PRD-5).

A HIGIENE MENTAL E O CLERO NA LUTA ANTIALCOÓLICA

DR. OSWALDO CAMARGO

Qualquer pessoa acostumada a viajar por terras estranhas e que tenha o hábito de "observar" o que vê, há de ter notado a grande diferença existente entre os *bars* espalhados pelos quatro cantos do mundo. Os *bars* elegantes do Rio de Janeiro, onde a gente fina faz o *rendez-vous* social, são ambientes menos propícios a bebedeiras do que a uma visível e gritante ostentação de pesadas jóias e ricos trajes: em Veneza, o encanto dos *bars* não está positivamente no vinho que servem, mas sim na suavidade das músicas que escorrem do violino ambulante, junto às gostosas cadeiras de vime nos porticos ensombreados... Em Paris e Bruxelas os *bars* são mais ruidosos, um alegre rumor de saias num ambiente bem saturado de sal e pimenta. Em Munique tem-se a impressão de um dilúvio de cerveja afogando o côro da promiscuidade. Aqui nos Estados Unidos os *bars* são noventa por cento ambientes fechados, soturnos, imersos em meia-luz com pesadas cortinas na porta de entrada; servem exclusivamente bebidas e poucas vezes oferecem música: são casas para beber. Já o nosso *bar* é diferente, quer estejamos no Rio, em São Paulo, ou em Manaus: quase sempre é "Bar Café"; ele pode ter ou não ter música, ser bonito ou ser feio, mas é quase certo ele oferecer, à freguesia que gosta de bebidas, uma xícara quentinha do nosso saboroso café brasileiro. Atrás do mesmo balcão há o veneno e o contraveneno.

Tudo isso vem a propósito da "Semana Antialcoólica", que no mês de outubro a Liga Brasileira de Higiene Mental costuma promover com o concurso da União Pró-Temperança, no alto e patriótico propósito de educar o povo no hábito da sobriedade. É tão feio uma pessoa encharcar-se de bebida! É tão pernicioso à sociedade o indivíduo bebedor! É tão funesta e desgraçada a situação daqueles que, pelo contínuo abuso do álcool, vão acabar um dia entre as paredes de um hospital de doidos!

O alcoolismo não é um problema local ou regional. Ele é um problema em qualquer parte. É um desafio há milênios lan-



gado à civilização. Muitos antes da Arca de Noé, já se presenciava no mundo primitivo, a pouca-vergonha dos ébrios enfocinhados nas estradas. A figura mitológica de Baco vive até hoje a rondar o mundo, espalhando a miséria, o crime, o deboche, a loucura. Os juizes e diretores de prisões muito terão a contar sobre a ação nefasta desse malafamado personagem. Os médicos psiquiatras brasileiros levantam contra ele este terrível libelo: a responsabilidade por 10 a 12% das internações nos hospitais de alienados. O professor Henrique Roxo, nas suas magistrais aulas na Faculdade de Medicina, mostrando ao estudante inexperiente e estupefato um caso típico de alcoolismo acompanhado de "delirium tremens" e de um variado cortejo de outros sintomas peculiares, costuma-o encerrar a exposição apontando calmamente para o outro lado do anfi-teatro dizendo com a maior serenidade: "E como esse os senhores encontrarão muitos mais ali na nossa enfermaria"...

O alcoolismo é, de fato, um caso sério. E como todo caso sério, a sua solução não é tão fácil como se poderia supor. Milhares de pessoas sábias acham-se empenhadas em profundas investigações sobre o problema. E, felizmente, parece que a chave do problema já está sendo encontrada.

Não há no mundo inteiro outro país que tenha enfrentado maiores batalhas contra o alcoolismo do que os Estados Unidos. A espetacular experiência da Lei Sêca, que vigorou de 1920 a 1933, com resultados redondamente negativos, só serviu para mostrar que as leis, sôzinhas, nada podem contra a natureza humana. É preciso juntar algum outro fator para se conseguir modificar essa criatura feita de barro, mas de barro amassado, com misturas estranhas, invisíveis e imponderáveis... Se a proibição não resolveu o problema, a sua abolição fez com que o problema ainda se agravasse. Todas as pessoas de certa envergadura social, principalmente aquelas que têm a seu cargo a responsabilidade da formação moral e intelectual das novas gerações, compreendem que o alcool está constituindo um perigo que é preciso urgentemente afastar. Está-se formando, nesta terra de Tio Sam, uma consciência coletiva a respeito da necessidade de se atacar de rijo o dragão báquico, com a mesma indomável decisão com que está sendo atacado o dragão amarelo, na banda do Pacífico. E eu creio que, desta vez, a sorte de ambos está selada.

* * *

Três poderosas organizações estão conduzindo a campanha contra o alcoolismo nos Estados Unidos: o clero, a medicina e...

os antigos alcoólatras. Começamos pelo meio, que é o centro, e vejamos qual é a ação dos médicos e dos círculos científicos. Foram os médicos, principalmente aqueles que se dedicam à psiquiatria, os primeiros a dar o brado de alerta: as estatísticas hospitalares acusavam um aumento considerável no número de admissões atribuíveis ao álcool. O Departamento de Higiene Mental do Estado de Nova York, publicou um trabalho mostrando que, em 30 anos, de 1909 a 1938, 15.475 pessoas foram internadas nos hospitais de loucos daquele Estado, por apresentarem psicoses alcoólicas. O Bellevue Hospital, que é uma espécie de Assistência Municipal da cidade de Nova York, admitiu no mesmo período cerca de 240.000 indivíduos embriagados, não discriminando quantos deles já portadores de moléstia mental. As Ligas de Higiene Mental — que são em grande número e com amplo apoio oficial e particular — secundaram o alarma e encetaram extensa e vigorosa campanha educativa. Fundou-se o Conselho de Pesquisas sobre os Problemas do Alcool, dirigido por professores de várias universidades e com o apoio financeiro por parte de várias fundações filantrópicas, com o objeto de estimular e orientar as investigações científicas a respeito deste problema e dos meios para combatê-lo. Em 1942 o Conselho de Pesquisas iniciou a distribuição de fundos, no valor de 1.250 contos, aos hospitais e escolas de medicina que se candidataram a realizar tais estudos. Dez importantes pesquisas estão quase concluídas e 32 outras estão se iniciando ou prontas para iniciar, dependendo de nova coleta de fundos. As investigações mais acuradas estão sendo feitas no departamento de fisiologia da Universidade de Yale, a cargo do professor Jellinek. Nessa mesma universidade que fica uma hora distante da cidade de Nova York, foi criada a Escola de Estudos sobre o Alcool, a qual oferece nas férias do verão, um curso intensivo de 6 semanas a respeito de "educação alcoólica", assistido por grande número de pessoas interessadas, principalmente membros do clero e do magistério.

Um principio fundamental ficou estabelecido: o alcoolismo é uma doença e não um caso de polícia; como tal, deve o indivíduo embriagado ser conduzido a um hospital e não à cadeia. Eu me lembro que, até há pouco tempo, as ambulâncias do Pronto Socorro, no Rio, não atendiam a chamados para casos de intoxicação alcoólica: o bêbedo continuava estirado na calçada e o médico, ao regressar, punha no boletim a nota de "chamada desnecessária — embriaguez". Não sei se esse regime ainda é o mesmo. Em Nova York uma cidade de mais de 8 milhões de habitantes, talvez hoje a maior metrópole do mundo, todo policial que encontrar na rua um indivíduo alcoolizado, chama imediatamente uma ambulância e remete-o para o hospital. Atualmente a "concentração"

está sendo feita no Bellevue Hospital, em pleno coração de Manhattan, que só no ano passado — com tôdas as restrições impostas pela guerra, tais como racionamento de bebidas, disciplina militar para a maioria dos homens entre 18 e 38 anos de idade, aceleração da produção industrial, maior número de horas de trabalho, etc. — socorreu e admitiu nada menos do que 9.431 vítimas do álcool! Isto corresponde a uma média de mais de 25 por dia. Eu mesmo assisti, num domingo do mês de julho, quando ali fazia o meu estágio clínico-psiquiátrico, à admissão de 32 alcoolistas em 24 horas. Eles são internados e recebem tratamento médico durante 4, 8 ou 15 dias. Podem ser depois enviados a outro hospital psiquiátrico, fora de Nova York, para longo tratamento.

Na Suécia, antes da guerra, havia 10 hospitais do govêrno devotados exclusivamente ao tratamento do alcoolismo; na Suécia existiam 70 dispensários onde o alcoolista podia ir buscar orientação em estabelecimento adequado; na Holanda havia um bureau de consultas em cada uma das grandes cidades. Estimulados por tais exemplos no exterior, os Estados Unidos estão também cuidando de disseminar hospitais para o alcoolistas: dois Estados possuem seções especiais para alcoolistas em hospitais para psicopatas, um outro estabelecimento para "alcoolistas não psicóticos" e dois outros criaram hospitais-colônias para alcoolistas. Nessses estabelecimentos é feito acurado estudo da personalidade de cada paciente, e o tratamento compende sobretudo o seguinte: fisioterapia, psicoterapia, terapêutica ocupacional pelo trabalho, reeducação, recreação, terapêutica pelo reflexo condicionador. Este de largo sucesso na Rússia nos últimos anos. Num grande inquérito realizado há pouco tempo pelo Departamento Hospitalar do Estado de Michigan para obter informação em todo o país a respeito das condições mais apropriadas para internação e tratamento de alcoolistas, a maioria das respostas foi a favor do seguinte: tratamento do alcoolista em instituição especial; localização desta em zona rural; detenção legal por um período indeterminado, essencial para o sucesso do tratamento. O legislativo do Estado de Virgínia onde é avultada a população de côr, aprovou uma lei recomendando a criação de uma colônia para tratamento de alcoolistas, até a importância de um milhão de dólares e mais 300 mil dólares para o custeio anual da manutenção. O Departamento do Bem-Estar Público do Estado de Wisconsin está providenciando a compra de um sanatório particular para ser usado como instituição especial para o tratamento do alcoolismo. Em Massachusetts e Illinois foram organizadas pelos respectivos govêrnos comissões

para estudo de medidas tendentes à prevenção e tratamento do alcoolismo. Há 21 organizações em 12 Estados, efetivamente empenhados no combate ao alcoolismo.

Ja falamos bastante a respeito do setor médico. Abordemos agora a contribuição do clero. Na minha fraca opinião, é esta a melhor, mais estrategicamente colocada e a mais entusiástica de tôdas as organizações que vêm secundando a medicina na luta comum. A igreja americana, pondo de parte as diferenças de credo, se congregou, numa impressionante unidade, para o combate a que foi chamada. A influência da religião se faz sentir agora em tôdos os púlpitos, e uma voz ressoa unissona sob a cúpola das catedrais católicas, entre as colunas dos templos protestantes de todos os matizes, — ou sôbre as lajes estreladas das sinagogas — chamando a atenção dos fiéis para os gravísimos perigos da intemperança. Vários bispos lançaram magníficas pastorais sôbre a influência do álcool na desintegração da família e na perversão dos costumes.

Em 2 congressos antialcoólicos a que estive presente, um realizado em Nova York, a 20 de maio e outro em Baltimore a 14 de setembro, ambos convocados por organizações médicas, tive extraordinária satisfação em ver reunidos na mesma sala de discussão, em sessão especial dedicada ao tema: "A Igreja e o alcoolista", os mais ilustres representantes dos vários credos na comunidade, cada qual com suas insígnias e convicções, mas todos de mãos dadas para a realização do objetivo comum. Neste recente *meeting* de Baltimore houve um fato digno de registro; tendo surgido ligeira diferença de opiniões a respeito de sistema mais apropriados na doutrinação do alcoolista (conselhos individuais, aplicação de testes, etc), o inteligente e brilhante monsenhor John Russel, vigário da paróquia de Santa Úrsula, em Parkville, que presidia a sessão, levantou-se e apontando para um cavalheiro da esquerda disse: "Ali o meu particular amigo X (já não recordo o nome, pastor protestante, da igreja Batista), de cuja amizade muito me honro, e que tem larga experiência nesse assunto, poderia nos fazer a fineza de dar a última palavra sôbre a questão, que todos aplaudimos sem reservas". E, de fato, assim aconteceu. As opiniões podem deferir, mas a cordialidade faz juntá-las.

A Igreja Católica e a Protestante Presbiteriana são pró temperança. Há congregações mais radicais: a Metodista, a Batista e a Cristã Científica são "proibicionistas". A organização União Cristã Feminina Pró-Temperança, universalmente conhecida, foi batizada com nome errado: ela não objetiva apenas a temperança, mas a completa abstenção.

Os antigos alcoolistas também combatem o álcool. Com efeito a mais original organização de todos os tempos é a dos "Alcoolistas Anônimos", fundada nos Estados Unidos há 10 anos apenas. Como surgiu essa sociedade? Em 1934, com extraordinário esforço de vontade, um cidadão considerado "perdido" conseguiu curar-se do vício da embriaguez e decidiu empregar o resto de sua existência na sublime missão de salvar do "afogamento" outros desgraçados como ele. O processo, baseado na direta e individual entrevista com o alcoolista a ser destinado, teve o maior êxito. Nenhum argumento poderia ser mais convincente do que a apresentação do próprio ex-alcoólatra que passou pelas mesmas experiências, que andou rolando pelas sargetas, a sofrer a humilhação do cárcere, do abandono da família e do desprezo da sociedade. É a psicoterapia mais afetiva que se conhece. O resultado é mais rápido e definitivo quando o indivíduo possui sentimento religioso, não importa qual seja o credo a que esteja filiado; o essencial é que ele creia em Deus. O apelo ao espiritual é uma força tremenda, que a própria medicina reconhece e dela faz uso. A condição para a cura é o "honesto desejo de parar de beber", conforme reza o estatuto da sociedade. Uma vez curado, o indivíduo entra a fazer parte da organização e se prontifica a doutrinar outros alcoolistas.

Mas, será que ele se cura mesmo? perguntarão os incrédulos.

— Sim. Os resultados são acima de qualquer expectativa. A organização cresceu a tal ponto, que o número de sócios já ultrapassou 8.000 espalhados em 340 comunidades americanas e canadenses. O escritório central é em Nova York, onde é recebida toda a correspondência e atendidos os pedidos de "socorro" por parte de qualquer pessoa interessada em curar-se. Não é exigida qualquer contribuição. A sociedade mantém-se com donativos feitos por ex-alcoolistas possuidores de fortuna. Segundo as últimas estatísticas, confirmadas pela classe médica, 80% dos "Alcoolistas Anônimos" são pessoas radicalmente curadas e agora abstêmias. A minoria é constituída de bebedores moderados ou pessoas que muito raramente indulgem no uso de um gole — compulsão essa que, aos poucos, irá sendo vencida pela força de vontade. Várias autoridades se têm interessado pelos esplêndidos

resultados da organização. O prefeito La Guardia, de Nova York, que é um cavalheiro moderno, mui enérgico e dinâmico acaba de criar um Departamento para tratamento de Alcoolistas instalado em amplo edifício de 3 andares em Bronx Park, entregando a direção do mesmo a um ex-alcoolista. O dinheiro empregado nesse serviço economizará à cidade alguns milhões de dólares em vigilância policial e aparelhamento judiciário e penal para conter a avalanche do desassossêgo social, da desordem e do crime motivados pelo álcool.

Eis aí os três fatores que se conjugam na luta contra o alcoolismo. Não sei qual deles o mais forte, o preponderante. Convém salientar, no entanto, que dois deles — o clero e os "Alcoolistas Anônimos" — focalizam a sua atuação na parte espiritual do ser humano. A contribuição do clero é extraordinariamente valiosa, dela devemos fazer uso em escala mais intensa. Seria tão lindo se se propagasse pelo Brasil inteiro o exemplo de monsenhor Henrique Magalhães, que todos os anos durante a semana Antialcoólica faz uso do púlpito e do rádio, para exortar todos os dias os fiéis de sua paróquia e os católicos do país inteiro a observarem os sadios princípios da Temperação! A força da religião e a força educativa da Liga Brasileira de Higiene Mental devem caminhar juntas, no mesmo vigoroso ritmo, nessa luta de tamanha significação para o progresso da humanidade.

Baltimore, outubro de 1944.

Dr. Osvaldo Camargo

A COLABORAÇÃO DA ESCOLA NA CAMPANHA ANTI-ALCOÓLICA E FATOS CONEXOS

pelo

DR. WALDEMAR DE ALMEIDA

É com prazer que assinalamos o interesse que os problemas sociais de eugenia despertam em alguns jovens da geração que se prepara para continuar a tarefa que deixamos encetada.

Há muito que fazer neste setor e eles algumas coisa hão de fazer.

Nesta tradicional Semana Anti-Alcoólica promovida anualmente pela União Brasileira Pró-Temperança e pela Liga Brasileira de Higiene Mental, em que os abstencionistas fazem soar as sirenes de alarma, enchendo os ares com a sua voz amiga para lembrar aos que usam bebidas alcoólicas o lúgubre perigo que os ameaça e à sua prole, é justo que louvemos tôda a contribuição já feita ou que seja mesmo ainda promessa.

Assim, lemos hoje parte da alocação que a Senhorinha Maria Clara Mercadante proferiu em São José dos Campos, por ocasião de sua formatura na Escola Normal.

Orientando o seu espírito pelos ensinamentos do ilustre psiquiatra Dr. Francisco Marcondes Vieira, digníssimo Presidente da Liga Paulista de Higiene Mental e infatigável ex-Diretor da Assistência a Psicopatas do Estado de São Paulo, disse a jovem professora: "Lembro-me, logo após haver ingressado nesta escola ter lido uma página que se me gravou indelévelmente na memória: É o episódio referido por um discípulo de Franco da Rocha, em que o ilustre e pranteado mestre da psiquiatria brasileira põe em destaque um quadro de frequência comum, na vida de nosso trabalhador rural:

Há vinte anos atrás, diz o comentarista, era eu médico interno do maior hospital de alienados da América do Sul. (o Hospital de Juqueri) quando, a pesquisar sobre os motivos do elevado número de doentes provindos da zona rural, aprendi, de meu mestre

e amigo Prof. Franco da Rocha, que o alcoolismo, muito mais que a sífilis, ou qualquer outra causa, era o fator determinante, por excelência, de tais casos de alienação e degenerescência mentais.

É um dia, como a propiciar-me uma demonstração prática, levou-me, em sua companhia, a visitar um amigo residente nas cercanias do Hospital. Era um pequeno lavrador, a cujo convite iríamos apreciar uma criação de suínos, moldada em processos quase científicos de aperfeiçoamento racial: — espécimes selecionados, reprodutores com "pedigree" eliminação de produtos, que, por ventura, degenerassem, e impedimento absoluto de reprodução consanguíneas.

O lavrador era desses que aos milhares existem pelo interior do Estado, e, como eles, ainda acreditava nas qualidades terapêuticas, estimulantes, nutritivas e refrigerantes do álcool.

Fazia, desde longa data, e por hábito herdado de seus ancestrais mais longínquos, uso imoderado de aguardente. E, talvez, porque aos do etilismo, se juntassem sobre ele os malefícios também da sífilis, a sua descendência, em número de quatro ainda vivos, era uma página viva, evidente e positiva da degenerescência hereditária: — um rapaz idiota, uma rapariga epilética, os demais imbecis.

Franco da Rocha, depois de prescrever conselhos e tratamento que o caso ou os casos exigiam, retirou-se; e, comigo, a caminho, longe do sitiante, filosofou tristemente:

— "Se aos animais se apura a raça, porque se não há de apurar também a raça humana, para o bem e para a felicidade desta terra, tão grande e tão boa, que é São Paulo!?"

Esta frase, lançada naquele tom axiomático do Mestre, ficou-se-me, como já disse, a pirlampear na memória e puz-me a pensar de aí por diante, em que, tão relevante, quanto a de alfabetizar criança da zona rural, é a atribuição do professor público que se proponha ministrar ensinamentos básicos e acessíveis de higiene mental e medicina social.

Como que a corroborar a idéia que se me vinha, dia após dia, avolumando e concretizando no pensamento, tive, não há muito, a animadora notícia de que um lavrador na zona norte do Estado, entre Taubaté e São Luiz de Paraitinga, havia iniciado promissora experiência nesse sentido.

A modéstia desse agricultor não me permite referir-lhe o nome; mas, se confirmação por ventura alguém exija, muito fácil é buscá-la na palavra autorizada do digno inspetor escolar naquele distrito, o professor Nestor Pereira Leite.

"Notando, dizia-me o referido lavrador, as dificuldades com que lutava a professora da escola sediada em minha fazenda, para conseguir de seus alunos, bom comportamento, atenção, índice de freqüência, aproveitamento e higiene, resolvi pactuar com ela, no sentido de provocar o estímulo, o interesse pelo estudo, desde há muito, ou talvez desde sempre, amortecido na maioria de seus alunos.

Um dia, em que pouco mais de metade da classe se achava em aula, apresentei-me para uma visita à escola; e, depois de ligeiro cavaco, em que exhibi umas gravuras, horríveis do ponto de vista artístico, mas fortemente expressivas em seu objetivo médico-social, sobre o perigo das cobras, das verminoses e do alcoolismo, propus-me fazer com eles um negócio: — instituiria prêmios aos meninos (menino e menina) de cada série, que mais se distinguissem pela aplicação, pelo comportamento, pela assiduidade e pelos cuidados higiênicos aos dentes e ao corpo.

Não parava, porém, aí, a minha proposta: — instituiria um prêmio especial, ainda "melhor", destinado ao aluno que, depois de ter visto o quanto de mal o álcool pode fazer ao nosso corpo, nos trouxesse notícia de alguém que, *por acaso conhecesse*, dado a vício tão feio, se mostrasse regenerado ou pelo menos, com tendência à regeneração.

Duas semanas não haviam decorrido e nada menos de três meninos se candidatavam ao "grande prêmio" sob a alegação de que os pais, que freqüentemente, e de preferência aos sábados, retornavam bêbados à casa, haviam se apresentado, nos últimos dias, "bons de juízo" e prometendo um regime de abstinência a que nunca se submeteram porque (aqui o tópico essencial da narrativa) *ignoravam que o álcool seria capaz de produzir "tantos desarranjos à saúde e à vida de seus filhos!"*

Os resultados dessa iniciativa, pude eu mesmo apreciá-los nos tópicos de uma carta em que a esposa desse lavrador, advogado em São Paulo, lhe pedia, com urgência, a remessa dos prêmios, porquanto a professora, que, desde o primeiro dia, notara radical mudança no ambiente escolar, no que respeita à freqüência, à atitude respeitosa, ao interesse pelo estudo, ao comportamento, à higiene dos dentes e ao apuro do hábito externo, se arreceiava de que "uma desilusão" para seus alunos lhe acarretasse dissabores insanáveis de futuro". Foram os prêmios, continua o lavrador; onze meninos e cinco meninas fizeram-lhe jus, sem contar os já premiados pela catequese anti-alcoólica.

Nunca se realizou em nossa fazenda, como no dia em que se os distribuíram "solenemente", festa de mais acentuado tom de regosijo. Pais e alunos, amigos e parentes, confundidos numa ale-

gria ruidosa, exultavam em aclamações a cada prêmio distribuído; e a maioria dos alunos, como a que reclamar também um, que de justiça deveria merecer, exhibia sorridente, índices dentários, a seu juízo e a nosso também, muitos deles impecáveis."

"E aí está, conclui o meu informante, como consegui, com algumas dezenas de mil réis, três objetivos relevantes em minha atividade de agricultor:

socêgo e entusiasmo da professora;
aproveitamento escolar dos alunos e
eficiência muito aumentada no trabalho de colonos que abandonaram o vício da embriaguez."

Evocar e exaltar o gesto deste inteligente lavrador é ter tino psicológico, é concorrer, com habilidade para cercear o abuso do alcoolismo nas zonas rurais.

Vê-se que essas noveis preceptoras cerram fileiras ao lado da velha guarda, que há tantos anos combate por todos os meios, e sem desfalecimentos, o alcoolismo mostrando suas maléficas conseqüências.

Se é que todo o pensamento, mais cedo ou mais tarde, se concretiza em ação, já podemos contar com as futuras realizações dessa promissora plêiade de educadoras.

Lança-se uma idéia e ela seguirá a sua trajetória.

Se o criador não conseguir realizá-la, alguém há de acolhê-la e ainda que fique por algum tempo latente, um dia ressurgirá e cumprirá o seu destino.

Assim esperamos compreensão para o bem que os abstencionistas desejam quando combatem o alcoolismo, o tabagismo e os outros fatores de degenerescência da raça.

Como não bastarão conselhos, ha de vir leis que se executem.

Leis que coibam tais hábitos viciosos, para o bem da família e particularmente da família proletária que continua degenerando.

E essa degenerescência devida em grande parte à sub-alimentação, é não raro por culpa dos próprios chefes dessas famílias que queimam no fumo e no álcool ou desperdiçam no jôgo uma boa parte do que ganham, a qual poderia ser empregada em melhorar o nível de vida e o ambiente moral de sua prole.

Sim, ha de vir leis que proibam esse desperdício.

O Conselho Deliberativo do Instituto Internacional Americano de Proteção à Infância recomenda aos governos americanos que não disponham de organização semelhante, que procedam à sua criação.



Ele visa elevar o padrão de vida da família proletária, combatendo também, decididamente o alcoolismo que considera causa da miséria, desnutrição e degenerescência da raça.

A Legião Brasileira de Assistência, quem sabe, poderia conjugar os seus esforços a tão benemérita organização.

Também não bastam que as coisas que se digam sejam grandes, se quem as diz não é grande, como lembrava o Padre Antônio Vieira.

Não basta a palavra, por mais eloqüente que ela seja para implantar bons hábitos na mocidade e convencê-la do quanto vale o tesouro que adquiriram.

Determinar que se realizem preleções contra o uso do álcool e do fumo pouco adianta.

Por isso, recentemente, o Interventor do Conselho Nacional de Educação de Buenos Aires proibiu aos diretores e aos professores das escolas argentinas que fumem na presença dos alunos.

Tal medida urge também entre nós, onde alguns professores não se pejam de fumar diante de seus discípulos.

Que dizer, então, de alunos de uma escola superior que há pouco, em festa comemorativa, se reuniram para uma chopada de confraternização.

Que falta de imaginação e de educação moral!

Em compensação, lemos, há pouco, uma decisão da Primeira Junta de Conciliação e Julgamento do Ministério do Trabalho, a qual decidiu que a embriaguez é justa causa para a dispensa do empregado. Diz ela: "O empregado que se embriaga dá motivo à dispensa".

E, para finalizar, vou lhes referir um caso original passado em janeiro último com uma Comenda da Ordem da Torre e Espada, a mais alta distinção honorífica de Portugal.

Diz um telegrama que a polícia apreendeu uma Comenda dessa Ordem, conferida em 1856, por D. Pedro V a um viticultor, em recompensa pelos produtos vinícolas exibidos na Exposição de Parvos, em 1855, porque os atuais sócios da firma serviram-se da comenda como reclame, exibindo-a no gargalo de uma garrafa de Moscatel de Setubal.

Que estranha mentalidade pode adquirir quem convive com garrafas de vinho!

(Palestra realizada na Semana Anti-alcoólica).

ALCOOLISMO E HIGIENE MENTAL

pelo

DR. CARLOS AUGUSTO LOPES

Membro efetivo da Liga Brasileira
de Higiene Mental

O alcoolismo e a sífilis representam as duas grandes causas de loucura. A sua profilaxia constitui o alicerce sobre o qual assenta o imponente edifício da Higiene Mental.

As conseqüências resultantes do uso de bebidas alcoólicas têm repercussão dolorosa e triste para o indivíduo, para a família, para a sociedade e para a pátria.

Flagelo social dos mais terríveis, o alcoolismo é pior do que a lepra, câncer, peste ou tuberculose.

O álcool danifica o organismo inteiro. Ataca o estômago, fígado, rins, coração e vasos. Ataca as glândulas seminais produzindo impotência e esterilidade, e vulnera, sobretudo, o sistema nervoso, conduzindo o indivíduo quase sempre à loucura ou ao crime.

Em geral começa o indivíduo a ingerir pequenas quantidades de álcool sob a forma de vinhos, cervejas e licores, ora para comemorar momentos de alegria, ora para esquecer temporariamente alguns dissabores da vida, outras vezes ainda para fazer companhia aos "amigos". Repete daí por diante os contatos com o álcool, e, pouco a pouco, imperceptivelmente, a êle se vai afeiçoando. Chega a um ponto em que não é mais possível estacionar. O veneno alcoólico deu início à intoxicação da célula nervosa. Fica êle com a vontade abalada, comprometida, diminuída. Já não possui, então, ânimo nem resistência para repelir o vício. É uma presa e uma vítima do álcool. Perde o apetite, o bom humor, tem o sono agitado, sente-se continuamente cansado e sem forças, com sensação de peso e dor na cabeça; às vezes, sem que o suponha, encontra-se acometido de tuberculose pulmonar. Esquece-se facilmente de tudo, a inteligência torna-se embotada, o raciocínio preguiçoso. A noção do cumprimento do dever, respeito à família, responsabilidade e honra desaparecem. É o início do trabalho de

desagregação da personalidade. Torna-se ele, então, peso morto para a sociedade, inútil e nocivo à pátria.

Seus descendentes trazem o estigma do alcoolismo. Os filhos do alcoólatra nascem loucos ou aleijados e constituem a legião dos epiléticos, débeis mentais, imbecis e idiotas que enchem os hospícios.

O professor Henrique Roxo costuma citar os seguintes fatos, aliás muito elucidativos e de valor insofismável, sobre o alcoolismo: "Em 1.400 indivíduos recolhidos na Penitenciária de São Paulo, 99% eram alcoolistas. De 155 loucos ou anômalos que lá estiveram, apenas um não bebia".

Desejo ainda salientar certos pontos, desfazendo preconceitos sobre o álcool arraigados na opinião do povo, e até mesmo admitidos por médicos pouco identificados com a Higiene Mental.

Assim, dizem que álcool é um bom alimento e que fortifica o organismo. Tal afirmação não é verdadeira. Não há dúvida que o álcool queima no organismo fornecendo calorías, mas, ao mesmo tempo o deteriora: é um péssimo combustível, causador de danos e estragos na máquina humana. Existem outros combustíveis que fornecem calorías sem acarretar prejuízos. Uma colher de chá de açúcar, por exemplo, produz o mesmo número de calorías que 50 gramas de álcool.

Pensam muitos, também, que o uso do álcool durante as refeições, estimula o apetite e determina engorda. É um engano: com o álcool, o processo de digestão gástrica é entravado e embaraçado pelo retardamento do fermento indispensável à digestão — a pepsina.

Querem outros, ainda, que a ingestão de bebidas alcoólicas constitui medida de primeira ordem na proteção contra a umidade e o frio. Outro equívoco. Vêem-se, nos países frios, em regiões européias de baixa temperatura, indivíduos ébrios falecerem ao relento, como refere Odilon Gallotti. Para proteger-se contra o frio é preferível um copo de chocolate, mais útil e mais saboroso.

Existe um outro preconceito, muito em voga entre nós, de que a cerveja preta (ou tóxicos semelhantes) faz bem à mulher em estado de gravidez. Isto não é exato. O aparelho renal da gestante, normalmente, tem a desempenhar um grande trabalho, reclamando por isto cuidados especiais; o uso do álcool determina aumento de tóxicos a serem eliminados, causando-lhe, portanto, sérios distúrbios. Além disso, o álcool passa da gestante para o sangue do feto.

Pensam outros que a cerveja, isto é, que o álcool aumenta o leite da mulher que amamenta, beneficiando deste modo a criança.

Não é exato. A criancinha, ser tenro e delicado, recebe, nestes casos, não o verdadeiro leite materno, mas leite alcoolizado, leite tóxico.

Três são os caminhos que ordinariamente segue o alcoolista, e que ficam identificados com o seu destino: 1.º — termina num hospital de loucos; 2.º — pratica crimes e acaba na penitenciária; 3.º — adocece seriamente de um órgão qualquer e é internado num hospital geral ou de tuberculosos, quando acometido desta doença. São esses os caminhos fatais e os destinos das vítimas do álcool.

O combate ao alcoolismo tem que ser feito pelos esforços conjugados do Estado e das iniciativas particulares. É esta uma campanha áspera e esfalfante, mas que trará benefícios certos e positivos.

Taxação alta das bebidas alcoólicas, educação antialcoólica da mocidade e do povo são as medidas fundamentais contra este terrível flagelo social.

Os que amam o Brasil e desejam ver o seu povo vigoroso e forte, estão convocados para a campanha contra o álcool, divulgando e difundindo esses princípios de Higiene Mental.

ALCOOL — REMÉDIO E VENENO

DR. BRAHIM JORGE

Psiquiatra da Faculdade Nacional de Medicina
Assistente Efetivo e Livre Docente da Clínica
e do Instituto de Psiquiatria

Os preparados farmacêuticos em cujas composições figura o álcool ainda são os mesmos que há muito conhecemos.

Raramente o álcool é base, quase sempre coadjuvante, constantemente veículo, algumas vezes intermediário e dentro destas funções maneja-se a sua ação medicamentosa, respeitando a dose, mas, tendo sempre em mente o perigo do hábito. Esta é a roupagem da sua apresentação nos produtos farmacêuticos como também no formulário médico e a sua ação medicamentosa ou tóxica é função da dose.

Remédio e veneno, dois efeitos antagônicos têm o seu marco divisionário na quantidade ingerida pois um corpo é remédio e veneno em função da dose.

O hábito alcoólico implica o desrespeito da dose, é o abuso, é o tóxico, é o veneno, e segue-se então toda a escala degradativa por que passam os bebedores.

Poucas vezes usa-se álcool medicamento, mas o álcool veneno tem um consumo que nos coloca em destaque entre as grandes nações aquisitivas de bebidas espirituosas.

No Brasil o uso do álcool veneno nas suas várias modalidades de apresentação, do "parati" ao "champagne", encontra uma legião de adeptos e então bebe-se para esquecer, bebe-se por snobismo, bebe-se por qualquer motivo.

Bebe-se pela manhã, à tarde e à noite, e a toda hora. Bebem em sacrifício de uma alimentação sadia e quantos operários à hora do almoço bebem a sua dose de cachaça, bebem a sua cerveja empregando mal um salário conseguido com tanto esforço e que bem poderia ser aplicado em frutas para complemento dos seus repastos.

Bebem em sacrifício da moral, pervertendo sentimentos e adulterando caracteres.

Bebem em sacrifício da família relegada a plano de inferioridade, só lhes servindo como refúgio para curtirem a bebedeira.

Bebem em sacrifício da Pátria pois um ébrio não pode ser um cidadão e muito menos um soldado.

Bebem com sacrifício do próprio Eu num holocausto que envergonha e constrange.

Não há prazeres que justifiquem o alcoolismo, não existem mágoas maiores que as do próprio álcool, não há sofrimentos que mereçam tal lenitivo.

Se as palavras não vos convencem, se os fatos não vos satisfazem, visitai um hospital de alienados e então aos vossos olhos surgirão os quadros mais dantescos que jamais vos passaram pela imaginação.

Folhei as estatísticas criminais, atentai para a vida conjugal e para os descendentes de ébrios, senti a degradação nos seus paroxismos e se tudo isto não vos satisfizer, caminhei no hábito alcoólico, caminhei até ao delírio alcoólico e então tereis chegado ao inferno.

O USO CONSTANTE DO ALCÓOL PODE SER GRANDEMENTE PREJUDICIAL A SAÚDE

DR. BRAHIM JORGE

"O PERIGO DO ALCOOLISMO CRÔNICO"

Muitas pessoas há, que entendem não ser prejudicial à saúde o uso continuado do álcool. Nem sempre, verdadeiramente, gera o álcool no organismo humano, uma intoxicação.

Com o seu uso consecutivo, porém, vai ele determinando alterações funcionais para o lado do fígado, acarretando insuficiências ligeiras e silenciosas, que se revelarão mais tarde em manifestas e graves doenças desse órgão.

Suponhamos, pois, que ao lado de uma insuficiência hepática e renal, colabore ainda para pior, uma especial e débil estrutura do sistema nervoso!...

Então, o uso do álcool já intoxica, produzindo no indivíduo sinais mórbidos, que conhecemos com o nome de "alcooolismo".

Sua importância foi elevada a alto grau durante o século passado, diante da preocupação dos psiquiatras em descobrir uma causa material, tangível das alterações mentais. Hoje em dia, admite-se uma especial predisposição psicopática, cujas bases se estribam em uma diminuição da tolerância emocional, em uma espontânea depressão psíquica ou em um complexo de inferioridade (timidez), para que um indivíduo caia em um vício alcoólico. Também a confluência de condições ambientais que possam favorecer sua produção, como sejam: o desconhecimento do perigo alcoólico, o exemplo ou o contágio mental, a facilidade de contato com bebidas alcoólicas.

Devemos distinguir os sintomas produzidos pela doentia e irrefreável tendência à ingestão exagerada do tóxico (dipsomania) dos originados pela acumulação deste no organismo (intoxicação) — Os primeiros pressupõem a existência de uma constituição psicopática ou de uma psicose. Biswanger cita 88 p. 100 de seus casos: os psicopatas ciclóides, esquizóides, epileptóides, instáveis, sexualmente anormais, e os sensitivos (incluindo neste grupo, os artistas mais ou menos geniais) como o núcleo principal dos casos.

Indiscutivelmente, não é necessário, para explicar a produção do alcoolismo, a presença da tara psicopática. Precisamos, pois da colaboração de outras influências: a) endógenas: puberdade, climatério, sensibilidade (momentos de crise evolutiva da personalidade); b) exógenas (Somáticas ou psíquicas), para sua produção. Entre as últimas, convém citar-se: os traumatismos cefálicos, as decepções, os desgostos íntimos, o ócio, os maus exemplos, as situações que exarcebam o complexo de inferioridade.

A razão psicológica da reação do alcoólatra, o motivo de sua conduta, como fato fundamental, parece consistir em que "enquanto o indivíduo normal trata de conseguir sua adaptação, e equilíbrio psíquicos, através de lutas e esforços mentais que o conduzam a realizar atos (internos e externos) — que lhe asseguram a satisfação psíquica, o alcoólico psicopata trata de conseguir a mesma coisa recorrendo à provocação de uma transformação química em seu organismo psico-físico (Biswanger).

O primeiro obtém-na de uma forma natural, o segundo intenta conseguí-la de um modo artificial (êxito, alegria, consolo, despreocupação).

O que não padece dúvida, é que no alcoolismo, como em outras toxicomanias ao longo da sua evolução, o que sucede, é uma transformação de motivos. Se, no princípio o indivíduo bebe para obter uma satisfação psíquica do tipo hedonista (seja pelo prazer imediato gustativo ou pelas ulteriores excitações à absorção do álcool), não demora muito tempo este prazer, pois o indivíduo chega a um período em que a motivação subjetiva do vício se modifica e o alcoólico continua bebendo, cada vez em maior quantidade, para lutar contra os males físicos e psíquicos que sua intoxicação provoca. Assim, se estabelece um "círculo vicioso", em virtude do qual cada nova ingestão do tóxico alivia momentaneamente os sintomas de abstinência existentes, porém, prepara e aumenta as futuras.

O impulso à bebida conduz ao hábito; este conduz o indivíduo à intoxicação, a qual por sua vez fixa novamente o primeiro e o transforma em necessidade vital imperiosa". (Biswanger).

Encarada a ação do álcool sob o ponto de vista doentio (patogênico), devemos admitir em parte à ação direta que o álcool exerce sobre os centros nervosos, e em parte à repercussão que sobre o psiquismo tem a disfunção de outros órgãos (tais como o fígado, coração, pulmões e tubo gastro-intestinal). Mas, o uso constante do álcool, pode conduzir o indivíduo ao alcoolismo crônico. O álcool, como qualquer barbitúrio, pode criar hábito e a necessidade imperiosa de satisfazer o vício, embora seja a pessoa culta e de refinada educação.

Para Kraepelin, só se torna alcoólico crônico quem vai ingerindo álcool, sem que se tenham passado os efeitos da quantidade anteriormente ingerida.

Pois bem, chegando a este estado, pouco a pouco se degrada o indivíduo, perdendo tudo quanto distingue a personalidade moral: a alegria para o trabalho, o pudor, o estímulo para viver, o brio, a honra do lar, o amor aos filhos, os deveres conjugais, a dedicação à pátria, o altruísmo, o respeito à lei, o sentimento de piedade, enfim, modifica-se o caráter do indivíduo, transformado num verdadeiro farrapo humano.

Nada o demove do pendor fatal: nem as lágrimas da mulher, nem os conselhos dos amigos, nem o espectro do futuro que o médico lhe descreve com as negras tintas dum epílogo trágico, nem a ameaça da miséria, da ruína completa, da loucura, da demência, da morte — nada absolutamente nada logra travar-lhe o passo célere para o abismo da desgraça!...

De linguagem sórdida, perturbador da ordem e dos bons costumes, é, volta e meia atirado para as prisões, ou aferrolhado numa cela penitenciária quando cometido um crime; por vezes é internado no Hospício, até se lhe escapar a vida.

E o seu drama de perdições, tão trágico e profundo ainda projeta para além da morte a sombra da sua figura mesquinha sobre os descendentes, reduzindo-se à oligofrenia (imbecilidade e idiotia), convulsionando-os com ataques epilépticos, vasando-os dentro de moldes imperfeitos donde saem turbulentos, desarmonicos, irascíveis, bisonhos, eréticos, mitomanos, impulsivos e monstros sanguinários de triste celebridade.

A profilaxia, consiste, ao repetir os conselhos que já vimos fazendo em outras conferências precedentes da Semana Anti-alcoólica, na educação, no lar, na escola, na imprensa, nas conferências públicas anti-alcoólicas.

RELATÓRIO APRESENTADO PELO PROF. DR. HENRIQUE ROXO, PRESIDENTE DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, DAS PRINCIPAIS OCORRÊNCIAS DE SUA GESTÃO, DURANTE O ANO DE 1943

A Liga Brasileira de Higiene Mental, progrediu durante o ano de 1943, ampliando consideravelmente os seus serviços de ambulatório, fornecendo gratuitamente aos seus consulentes remédios, quase todos de muitos escassos recursos financeiros, mandando a Visitadora Social averiguar *in loco* como viviam os doentes, orientá-los encaminhando-os para estabelecimentos hospitalares ou educacionais.

Durante a Semana Anti-Alcoólica, em outubro, a Liga continuou a fazer as suas costumeiras conferências pelo rádio, todas modernizadas, com dados estatísticos recentes. Sempre atenta à profilaxia anti-alcoólica, informando devidamente o governo dos grandes males derivados do abuso do álcool, conseguiu que os Legisladores colocassem nos Códigos penas mais severas para os que dele abusam.

Nas grandes dificuldades que a situação atual de uma guerra inexcusavelmente desumana determina, não pode evidentemente a Liga Brasileira, articular-se bem como suas congêneres estrangeiras.

No entanto, aproveitando-se a circunstância de se encontrarem juntos, em Buenos Aires, em novembro de 1943, os presidentes das Liga Brasileira e Argentina, cuidou-se de organizar um Congresso de Higiene Mental a funcionar logo que termine a guerra.

Os objetivos deste Congresso, bem fundamentados e divulgados pela imprensa, mostrarão que as Ligas Brasileira e Argentina vão preenchendo perfeitamente seus fins e colocar-se-ão em posição de destaque no futuro, providenciando sobre a situação dos que vierem da guerra com doenças mentais e cuidando de sanidade da raça dos que deles descenderem.

A Liga Norte-Americana, cujo fundador o Prof. Clifford Beers, recentemente faleceu, deixando um vácuo insubstituível, não pode, no momento, atender a todos os seus encargos, tendo sido dada preferência a tudo que interesse diretamente a guerra.

A perspectiva de realização de um Congresso de Higiene Mental, de que tomaram conta o Brasil e a Argentina, obriga a providências de organização que impõem a necessidade de uma verba maior para a Liga Brasileira de Higiene Mental. É de esperar uma subvenção por parte do governo, no momento da realização do Congresso. Mas não se trata disto. Trata-se de fazer uma articulação com os outros países, combinar assuntos concernentes ao Congresso, trocar correspondências e formular programas. Quando se medita no que se pretende fazer, pode-se avaliar bem a enorme messe de benefícios que para a humanidade pode derivar. Os ambulatórios da liga continuaram a ter durante o ano de 1943, uma enorme freqüência. Houve um total de 4.362 consulentes, mais do que em 1942, em que houve 3.739, em 1941, 3.542 e em 1940, 1.557.

Funcionam na Praia Vermelha, na sede do Instituto de Psiquiatria, e no Edifício Odeon, à Avenida Getúlio Vargas n.º 2, na sede da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Os ambulatórios da Praia Vermelha são dirigidos por mim e pelos Professores Brahim Jorge e Manoel Novaes e pelos Drs. Rodrigo Ulisses e Albino Vaz. Os ambulatórios localizados no Edifício Odeon obedecem à direção dos Professores Plínio Olinto, Januário Bittencourt, Silvio Aranha de Moura e Bandeira de Melo.

Os dados estatísticos assinalam a seguinte freqüência:

Nos ambulatórios localizados na sede do Instituto de Psiquiatria, na Praia Vermelha, foram atendidos: 348 consulentes em janeiro, 286 em fevereiro, 282 em março, 344 em abril, 160 em maio, 252 em junho, 378 em julho, 226 em agosto, 250 em setembro, 248 em outubro, 240 em novembro e 350 em dezembro, num total de 3.354 consulentes.

Nos ambulatórios localizados na sede da Liga, Edifício Odeon, salas 610-11, foram atendidos 486 pelo Prof. Dr. Plínio Olinto, 264 pelo Prof. Dr. Silvio Aranha de Moura, 238 pelo Prof. Dr. Nelson Bandeira de Melo e 10 pelo Prof. Dr. Januário Bittencourt, num total de 4.362 consulentes.

A Visitadora Social desobrigou-se bem de seus encargos, foi a locais bem distantes, em recintos dos subúrbios, ver doentes que deveriam ser vistos em suas residências, a se explicarem as condições de desajustamento familiar e social, a serem orientados os proenitores de crianças anormais, a serem encaminhadas estas para estabelecimentos apropriados etc., de tudo sendo informada a Diretoria da Liga, por meios de detalhados relatórios que estão guardados por mim, na sede da Liga.

A moderna Higiene Mental não pode prescindir destes serviços e se em alguns casos não pode solucionar os problemas, em muitos outros tudo é resolvido. No futuro, o tratamento dos doentes

mentais e dos fronteiriços e predispostos será muito freqüentemente feito em domicílio, e não em hospitais. Ora, sendo assim o papel das ligas de higiene mental, vai, cada vez mais avultar. Há necessidade de lhe serem concedidas maiores verbas, com o que será realizada obra de economia, pois menor número de doentes deverá ser recolhido ao Serviço Nacional de Doenças Mentais.

Em 1943, foi publicado mais um número dos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, cuja impressão custou Cr\$ 3.610,00.

Nêle, escrevi um artigo sobre a profilaxia das Doenças Mentais, encarando o problema da nação em guerra.

Há, nêle, também, outro trabalho meu: "Como se pode curar doentes com obsessões e fobias?"

O Prof. Bandeira de Melo fundamentou uma hipótese original sobre a hereditariedade na epilepsia.

O Dr. Adalberto de Lira Cavalcanti escreveu sobre crianças anormais.

O Prof. Plínio Olinto tratou da Higiene Mental nas Atividades da Cruz Vermelha, na defesa ativa e no estado de guerra.

O Dr. Osvaldo Camargo escreveu sobre "Higiene Mental e Assistência Psiquiátrica".

A Dra. Lair Ximenes tratou da "Delinqüência Infantil".

A Semana Anti-Alcoólica deu assunto para vários trabalhos que nêle foram impressos.

As atas das sessões dão conta de assuntos interessantes que aí foram ventilados.

A subvenção do Governo Federal foi de Cr\$ 20.000,00, que recebi em 12 de julho de 1943 e deposei no Banco do Brasil.

No balancete anexo e em seus comprovantes, dá-se conta detalhada da aplicação das verbas recebidas.

A subvenção do governo Municipal foi de Cr\$ 20.000,00, que recebi em 28 de julho de 1943 e deposei no Banco do Brasil.

A Prof. Virginia Leone Bicudo, do Serviço de Higiene Mental Escolar de São Paulo, realizou uma conferência sobre a "Higiene Mental das crianças em tempo de guerra", a qual teve grande assistência e despertou evidente interesse.

No cuidado de determinar maior interesse pelas reuniões da Liga, propus e foi aceito que se fizessem pequenas conferências sobre assuntos interessantes.

O Prof. Nelson Bandeira de Melo fez uma exposição muito interessante e erudita sobre a "Hereditariedade na Epilepsia".

Esta tese foi publicada nos Arquivos Brasileiros de Higiene Mental, de janeiro de 1943 e despertou muito boa apreciação.

Foram convidados os Professores Dr. Adauto Botelho, Edgar

de Almeida e Dr. Osvaldo Camargo, para ir ao Uruguai fazer conferências sobre Higiene Mental e organização hospitalar psiquiátrica.

Não tendo sido possível ao Prof. Dr. Aduino Botelho seguir, por isso que está muito empenhado na perfeita organização do S.N.D.M., seguiram os outros dois que receberam incumbências da Liga Brasileira de Higiene Mental, de que se desobrigaram com o costumeiro brilhantismo. Na reunião de 7 de dezembro de 1943, foi escolhida a Comissão Organizadora e Diretora do futuro Congresso Pan-Americano de Higiene Mental.

Ficou ele constituído pelos Drs. Henrique Roxo, Aduino Botelho, Odilon Galotti, Pacheco Silva, João da Costa Machado, Plínio Olinto, Raul Bittencourt, Xavier de Oliveira, Silvio Moura, Flávio de Souza e Osvaldo Camargo.

Foi incumbido o Dr. Osvaldo Camargo de estabelecer a necessária articulação com os especialistas norte-americanos, em tudo que se refira à organização do Congresso, aproveitando-se a circunstância de ter ele de partir para os Estados Unidos em gozo de uma bolsa de estudos.

O Prof. Xavier de Oliveira, propôs e foi aprovado, que a liga incumbisse o Dr. Osvaldo Camargo de obter, na imprensa norte-americana, uma coluna dedicada a resumos de trabalhos brasileiros.

O Prof. Plínio Olinto tomou parte como representante da Liga, nas jornadas Psicológicas de Belo Horizonte, como salientou ter sido o Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental o iniciador da psicologia experimental no Brasil.

Vê-se, pois, que a Liga Brasileira de Higiene Mental continua a realizar, muito persistente e dedicadamente, todos os objetivos, podendo comparar-se, sem vexame, com todas as suas congêneres.

Henrique Roxo
Presidente

O INSTITUTO DE PSIQUIATRIA E SEU PAPEL NA HIGIENE MENTAL

PROF. DR. FLÁVIO DE SOUZA

I — O INSTITUTO DE PSIQUIATRIA

Este instituto, criado pelo Decreto-lei n.º 591 de 3 de agosto de 1938, é uma organização exemplar, dotada de todos os elementos necessários para um ensino superior eficiente, ao lado da possibilidade de realização de pesquisas, nos moldes do Instituto de Psiquiatria de Munich, cujas bases de organização se vêm realizando em vários países do mundo, em particular nos Estados Unidos e na República Argentina.

É este centro de ensino e pesquisas psiquiátricas uma instituição que honra o país, sendo aí colhidas as observações clínicas para o maior progresso do ensino de clínica psiquiátrica, cadeira que nos Estados Unidos vem tomando um impulso extraordinário, onde, ao lado do ensino, verificamos um gradual e progressivo desenvolvimento da Psiquiatria Experimental.

Hoje em dia cada vez mais se evidencia a tendência para a aproximação entre o psiquismo e o soma, com o advento da Medicina psico-somática, criteriosa pontificação que justifica algo de que me convenço e que não esmoreço em divulgar: a Medicina do futuro é a Medicina Psico-somática. Claro está que este critério é de muito maior avanço daquele imposto há anos passados, de Medicina somato-psíquica e que era o critério dos Constitucionistas.

Atualmente porém, vamos dando importância capital ao fator psíquico, a ponto de muitos clínicos modernos compreenderem que a cura de seus pacientes já não depende do remédio que deve restabelecer o equilíbrio funcional ou orgânico da economia, senão que depende da remoção dos conflitos vividos pelo paciente, que derivou para um determinado aparelho os seus sofrimentos morais.

Realmente, a escola psico-analítica muito tem influenciado para o desenvolvimento deste conceito, à frente da qual não podemos deixar de citar F. Alexander que muito se vem ocupando com este assunto. Não devo esquecer de mencionar Ely Smith Jelliffe que, desde 1916, vem se ocupando com o mesmo problema, demonstrando a grande influência do psiquismo (conflito mental) como elemento de enorme valor em determinadas alterações para o lado de certos aparelhos do organismo. Flanders Dunbar, grande entusiasta destas idéias nos Estados Unidos, tem encontrado a cooperação de grande número de médicos e já temos livros editados, como o de Weiss e English, nosso conhecido.

Quero lembrar que este assunto é de grande interesse para a Higiene Mental, de vez que na última reunião realizada na Europa (VI da série, que se verificou em Lugano, de 4 a 6 de junho de 1939), foi escolhido como tempo principal, um problema de grande importância psico-higiênica: "O estudo das bases biológica e psicológica da compreensão mútua".

Pois bem, Senhores, se o objetivo desta palestra é mostrar o que vem realizando o Instituto de Psiquiatria em relação à Higiene Mental, eu não poderia cogitar desse assunto, que está desenvolvido no fim da palestra, sem dar antes uma idéia de sua atual organização.

Criado em 1938 pelo Governo, tem este Instituto todo um grande desenvolvimento, pela notável orientação que lhe vem dando o Prof. Henrique Roxo, que não poupa esforço e sacrifício para ver realizada a sua obra.

A direção do Instituto de Psiquiatria vem imprimindo uma tal forma de organização, que nêle podemos apreciar o máximo de eficiência com o mínimo de despesa.

Obedecendo aos objetivos a alcançar, o instituto dispõe de três elementos básicos em sua formação: a) ensino; b) pesquisa; c) aplicação prática dos resultados obtidos no item b.

A organização consta de uma Diretoria, uma Divisão de Pesquisas, uma de Ensino, uma de Aplicação Experimental, constando ainda de uma Administração. Cada uma destas divisões é subdividida em Gabinetes ou Seções, como podemos ver no organograma que juntamente aqui apresentamos. Na divisão dos diversos departamentos há a tendência em obedecer aos princípios administrativos da unidade de direção, comando, divisão do trabalho, classificando-os por homogeneidade, processo e propósito.

Para uma verdadeira harmonia e melhor aproveitamento de trabalho, o Diretor bem orientado entrosou as atividades da clínica psiquiátrica com o Instituto de Psiquiatria, lotando cada um dos quatro Assistentes de ensino garantidos pela Faculdade Nacional de Medicina, em cada uma das Divisões componentes do Instituto.

Estes Assistentes superintendem e supervisam, sob o controle do Diretor, as Divisões de Pesquisa, Ensino e Aplicação Experimental, colaborando também o Zelador no trabalho administrativo, sem prejuízo para as normais obrigações que devem ao ensino no que se refere à ministração de aulas práticas.

A intenção é dotar a Universidade do Brasil de Instituto modelar no gênero, perfeitamente semelhante aos europeus e norte-americanos.

Portanto, repetindo, o Instituto de Psiquiatria compõe-se de uma Diretoria, à cuja frente se acha o professor catedrático de clínica psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina. Logo após, um colaborador geral, que é o Chefe de Clínica, destacado entre os Assistentes de Ensino. Temos três Divisões, uma Central, que é a Divisão de Ensino e duas laterais que são a Divisão de Pesquisas e a Divisão de Aplicação Experimental, tôdas chefiadas pelos Assistentes de Ensino.

A Divisão de Ensino compreende os cursos, a biblioteca e a administração com dois zeladores. Esta Divisão é dirigida pelo Chefe de Clínica, que escolhe o material para as aulas, os resultados obtidos em tôdas as demais Divisões, para que o ensino seja o mais proveitoso possível aos doutorandos da Faculdade Nacional de Medicina. Ali encontramos tudo que é necessário para que o estudo de psiquiatria se torne o mais eficiente.

A Divisão de Pesquisas compõe-se de vários Gabinetes, que são: Química Biológica, Foto e Interferometria, Sorologia e Metabologia, Psicologia e Psicopatologia, Anatomia e Histologia Patológicas, Electrocardiografia e Electroencefalografia, Foto-cinematografia e Raios X.

As Seções de Química Biológica, Foto e Interferometria e Sorologia estão entregues ao Dr. Paulo Lacaz, que, com a apresentação de muitos trabalhos originais, têm salientado grandemente o Instituto no que se refere a essas investigações.

A de Metabologia Clínica, a cargo do Dr. Rodrigo Ulisses, tem dado ao instituto a oportunidade de estudar com detalhe as diversas alterações que apresentam os pacientes internados e os que freqüentam o Ambulatório, em relação ao metabolismo basal.

A de Psicologia, sob a orientação do Prof. Morais Coutinho, empresta um enorme contribuição para o estudo das perturbações mentais.

O Gabinete de Anatomia e Histologia Patológicas, entregue ao Dr. Paulo Elejalde, ainda em formação, está prestes a dar os seus primeiros resultados, com a eficiente colaboração de seu orientador.

A Electrocardiologia e a Electroencefalografia, ambas controladas pelo Dr. Henrique de Novais, vem imprimindo ao Instituto uma notável colaboração ao ensino e à pesquisa, porquanto os dois processos, empregados para o diagnóstico e para estudos de aplicação terapêutica, têm contribuído para confirmar investigações que vêm sendo realizadas por vários cientistas mundiais.

A Cinematografia, com os aparelhos de que dispõe o Instituto, é um elemento indispensável para objetivar as conferências realizadas nos cursos.

Na Divisão de Aplicação Experimental temos em primeiro lugar a Fisioterapia, sob a sábia orientação do Prof. Renato de Souza Lopes. Realmente, nesse Gabinete encontramos os principais aparelhos que se destinam a colaborar na melhora de nossos doentes mentais.

A Laborterapia é bem aproveitada principalmente na Seção de mulheres, onde elas se aplicam à costura, ocupando o tempo com alguma coisa útil e salutar.

A parte referente à Alimentação e Cozinha Dietética foi uma das grandes preocupações do Diretor, na justa compreensão de que, não somente o tratamento medicamentoso é capaz de restaurar a vida de um doente mental, senão que é, também, uma alimentação sadia, suprimindo carências enormes no organismo, capaz de ajudar amplamente sua recuperação.

A Oxigenoterapia tem sido objeto de cogitações dos médicos do Instituto, já que dispomos de ótima aparelhagem para que melhor se aproveitem dessa terapêutica, os nossos pacientes.

Os diversos processos modernos em Psiquiatria são grandemente aplicados e estudados, tendo o Instituto nestes últimos anos apresentado uma ampla contribuição para o aperfeiçoamento dessas técnicas. Assim, a Malarioterapia, a Convulsoterapia pelo Cardiazol e pelo Electrochoque, a Insulinoterapia, têm no Instituto, grande aplicação.

Apresentaremos, quando tivermos concluído a apreciação sobre a magnífica organização do Instituto de Psiquiatria, sábia criação do Governo, no sentido de dar ampla e completa assistência aos doentes mentais sem recursos, uma lista de suas realizações, dando uma satisfação ao mundo científico da especialidade, do muito que se faz, não somente na esfera do ensino, da pesquisa, como também na assistência e no tratamento de nossos pacientes.

A administração, hoje bem entrosada ao Dasp, consta da Secretaria, Contabilidade, Estatística e Contrôlo, Almoxarifado, Farmácia, Rouparia e Lavanderia, Cozinha e Refeitório, Serviço de Conservação e Vigilância. Este grupo, dirigido pelo Sr. Eudoxio

Araujo, funciona com harmonia e equilíbrio que, somente encontramos nas ótimas organizações.

Sendo o Instituto de Psiquiatria um hospital misto, consta de um Serviço aberto e uma Seção fechada. Assim, dispõe de um Ambulatório, verdadeiro Dispensário de Higiene Mental, onde as pessoas que consultam, podem receber conselhos profiláticos, tratamento e internação se preciso fôr. Realmente, a noção de que se trata de Serviço aberto, permite que se possam tratar os psiconeuróticos e psicopatas que apresentam quase sempre, uma natural resistência a se internarem nos Serviços fechados.

O Serviço aberto é hoje em dia, o tipo ideal de assistência que devemos oferecer ao doente mental. Admite os pacientes psiconeuróticos, os psicopatas com psicoses de situação, de reação, doentes com reações depressivas exógenas sem idéias de suicídio. Também para este Serviço, devem ir os casos de ingresso voluntário, em que se suspeite transformar de voluntário em involuntário o ingresso no hospital, como no caso dos toxicômanos, nos quadros psicóticos iniciais, nos oligofrênicos com impulsos antisociais (sexuais, agressivos), nas personalidades explosivas.

Neste tipo de assistência, o individuo fica com a impressão de liberdade, de não coação, o que permite maior influência psicoterápica do especialista, além de tratamento sem resistência, muito útil ao paciente. Ele passeia, atende a pequenas atividades, à critério do médico assistente, sem prejuízo do tratamento de sua saúde.

Nos Serviços psiquiátricos fechados então, o paciente vem contra a sua vontade, seja por indicação médica, governativa ou judicial. No Instituto, estes pacientes são examinados, tratados durante três meses ou mais e, uma vez esgotados os recursos para cura imediata, costuma a Direção aconselhar levar o doente para a Colônia de Psicopatas, onde os meios praxiterápicos podem favorecer os doentes com tendência à cronicidade.

A assistência post-hospitalar ou post-frenocomial é ainda no Brasil, um problema a resolver. O Instituto de Psiquiatria, seguindo o que a experiência ensina, procura dar altas mais rápidas possíveis, com cunho experimental ou sob condição. Isto é, com boa remissão ou cura clínica, são mandados para uma fazenda fora do ambiente familiar, com a recomendação de procurar o Ambulatório, onde podem completar a cura. Quando não é possível deixar o paciente de voltar ao ambiente familiar (meio ambiental desfavorável por vezes), pedimos a uma pessoa da família, mais encorajada, para acompanhar o doente em casa.

Não resta dúvida que a assistência hetero-familiar representa o melhor meio para a completa recuperação de nossos doentes mentais. Deixamos porém, de discutir este assunto, por isso que

já foi objeto de publicação de minha autoria, sobre "Assistência hetero-familiar aos doentes mentais", publicado em um dos Arquivos da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Muito tem o Instituto publicado sobre suas atividades. Mencionaremos as principais já publicadas:

- 1) Como curar os desequilibrados do vago-simpático? Prof. Roxo.
- 2) Considerações clinicas sobre as reações esquizofrênicas. Prof. Henrique Roxo.
- 3) Contribuição à bioquímica das doenças mentais. Dr. Paulo Lacaz.
- 4) Do metabolismo basal em Psiquiatria. Dr. Rodrigo Ulisses.
- 5) Do onirismo confusional ao onirismo dissociativo. Dr. Morais Coutinho.
- 6) Vitaminas e doenças mentais. Dr. Flavio de Souza.
- 7) Higiene da delinqüência infantil. Dr. Flavio de Souza.
- 8) A assistência hetero-familiar aos doentes mentais. Dr. Flavio de Souza.
- 9) Da personalidade pervertida. Dr. Flavio de Souza.
- 10) Da picrotoxina associada ao cardiazol na cura das doenças mentais. Dr. Flavio de Souza.
- 11) Aperfeiçoamento na terapia das doenças mentais pelo cardiazol. Emprêgo simultâneo do soluto glicosado a 35 por cento, com o objetivo de diminuir a intensidade das crises convulsivas. Dr. Flavio de Souza.
- 12) Cotejo entre os resultados clínicos observados pela convulsoterapia pelo cardiazol e pelo electrochoque. Dr. Flavio de Souza.
- 13) O uso constante do álcool pode ser grandemente prejudicial à saúde. O perigo do alcoolismo crônico. (Conferência na Campanha anti-alcoólica). Dr. Flavio de Souza.
- 14) Estudos sobre a natureza do choque produzido pelo cardiazol. A velocidade circulatória e o tempo de latência da crise convulsiva. Dr. Flavio de Souza.

Como vemos, o Instituto já vem realizando experiências científicas valiosas que permitem com que muito possamos fazer pelo ensino superior e pelos doentes mentais, no Brasil.

II — SEU PAPEL NA HIGIENE MENTAL

A assistência ao doente mental, tem sido o escopo principal do Instituto de Psiquiatria, pois, além de se dedicar ao ensino, já que o seu Diretor é o Catedrático de Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina, à pesquisa, como vimos anteriormente, visa também a profilaxia mental, mantendo um Ambulatório que serve à Liga Brasileira de Higiene Mental, há muitos anos, concorrendo para que se aliviem os sofrimentos humanos e se evite o aparecimento da doença mental.

Neste particular, eu não deixaria de prestar uma homenagem ao Prof. Henrique Roxo, muito ilustre Diretor da Liga, a cujo esforço e dedicação se deve a recuperação da saúde a tantos sofredores, quer fronteiriços, ou doentes com psicoses manifestas, que são internados imediatamente para tratamento intensivo, conseguindo rápidas remissões e curas clinicas, na justa demonstração beneficente de sua obra altamente eficaz, do ponto de vista social.

Já as famílias dos doentes e o Governo começam a compreender o tipo de assistência que encontram no Instituto de Psiquiatria, competente e precoce, em benefício da população pobre do Rio de Janeiro.

Funciona o Ambulatório semanalmente, tendo à sua frente o Prof. Henrique Roxo que, sem esmorecimento atende a todos de primeira consulta, fornecendo todos os elementos que a Psiquiatria moderna pode conceder, não somente em relação ao diagnóstico (exames de laboratório, psicologia, electrocardiograma, electroencefalograma, metabolismo basal, interferometria), como do ponto de vista dietético e terapêutico.

Note-se que o Ambulatório funciona sempre com a presença de seu Diretor, que a não ser nos dias santificados, não falta senão quando se trata de causa excepcional. O desejo de servir à pobreza, de fazer profilaxia mental é para o eminente mestre, quase obsessão.

Trabalham com êle outros missionários, acompanhando o exemplo dignificador do Mestre, como o Dr. Rodrigo Ulisses de Carvalho, Dr. Henrique de Novais e Dr. Albino de Souza Vaz.

No Ambulatório, além da consulta, receita e dá conselhos psicoterápicos, sendo que um terço dos pacientes recebe gratuitamente os remédios que são fornecidos pelo Instituto. Além disto, possuindo o hospital cozinha dietética especial, de acôrdo com a necessidade de bem alimentar o doente com principios racionais de Dietética, permite o seu Diretor, às pessoas provavelmente indigentes, que tenham vindo de muito longê, que se lhes forneça um almoço substancial e salutar.

Realmente, o problema de assistência a doente mental no Instituto de Psiquiatria, no que pode a ciência psiquiátrica conseguir, está quase atingindo o máximo. Não falta alimentação de primeira ordem baseada em critério científico, como todo o tratamento eficaz que dispõe a psiquiatria moderna.

Devo também render homenagem especial aos colegas que lá trabalham (excluindo, está claro, a minha modesta contribuição, mas de colaboração sincera) que, a exemplo do Mestre, emprestam os seus esforços e dedicação, sem esmorecimento, em benefício dos doentes mentais. Lá estão eles, abnegados, no ensino, na pesquisa, mas sobretudo na assistência aos doentes mentais e suas famílias, seguindo de perto a missão orientada pelo inigualável chefe que é o Prof. Roxo: amparo, proteção, profilaxia e reajustamento social dos doentes mentais. Não posso deixar de mencionar os nomes dos Profs. Moraes Coutinho, Brahim Jorge, Xavier de Oliveira, Januario Bittencourt, e ao lado destes, o entusiasmo jovem dos Drs. Rodrigo Ulisses, Albino Vaz e Henrique de Novais.

Não basta, porém, mencionar os nomes daqueles que levam com eles alguma coisa que faz parte integrante da personalidade do médico, o sacrossanto dever de aliviar os padecimentos das criaturas humanas ou conseguir as remissões das doenças ou curas, mesmo que isto importe em seu próprio sacrifício, senão que devo fazer ressaltar o papel do enfermeiro que assiste ao doente mental, verdadeiro apóstolo de abnegação, que trabalha junto ao doente ajudando a sua recuperação. A estes homens, preparados para melhor compreender os doentes da alma, presto neste momento minha homenagem, num preito de admiração e de respeito.

Ao lado destes elementos notáveis, quero levar minha palavra de alento ao administrador, a cujo zelo e perseverança muito deve o Instituto de Psiquiatria em seu desenvolvimento, para conseguir esse objetivo: o de dar a melhor assistência ao doente mental. Aos seus companheiros de trabalho, cada qual com sua parcela de esforço para o bem comum, o meu reconhecimento pela obra social.

Não se descurou o ilustre Diretor de criar um grupo de monitores sociais. No momento, possui o Instituto vinculado à Liga Brasileira de Higiene Mental, uma visitadora social, que se ocupa particularmente em visitar as casas das famílias das crianças que se consultaram por qualquer anormalidade.

Realmente, este é um dos problemas mais interessantes de Profilaxia mental. Evitar que as crianças com anomalias possam mais tarde apresentar psicoses manifestas. A visitadora vai seguindo o tratamento e agindo no sentido de conseguir a recuperação das crianças anormais.

No Brasil, a questão de assistência aos menores anormais e delinquentes, ainda está por resolver. Entretanto, já alguma coisa se vem fazendo neste terreno. Primeiramente, com a fundação do Laboratório de Biologia Infantil, onde trabalhei como psiquiatra durante dois anos, um grande passo foi dado. Ha dificuldade, porém, de colocar as crianças com anomalias diagnosticadas, em estabelecimentos apropriados para sua reeducação. Hospitais, Asilos, Patronatos agrícolas, temos alguns, ainda com grandes deficiências. O mesmo com as Escolas para anormais, que ainda não conseguiram alcançar seus objetivos.

Parece que alguma contribuição já fiz para cooperar na elucidação deste problema. Quero me referir a um artigo publicado na revista "Criança" em março de 1939, sobre "Critério classificativo das perturbações psíquicas nas crianças anormais", onde pretendi trazer alguns esclarecimentos sobre essas crianças. Também apresentei um trabalho ligeiro sobre "Personalidade Perversa", analisando um caso bastante interessante.

Meus Senhores, tudo isto prova que em nenhum ponto se descurou o eminente Diretor do Instituto, principalmente interessado nas questões de Higiene Mental.

No Ambulatório, em 1940, foram feitas 1.547 consultas. Dai por diante, as consultas têm aumentado gradativamente até atingirem perto de 5.000, o que demonstra o interesse e eficácia do Ambulatório.

Ai os pacientes encontram a assistência que necessitam: conselhos contra o malefício do álcool, contra o espiritismo e contra o curandeirismo ou baixo charlatanismo. São atendidos os fronteiriços, em particular as personalidades psicopáticas e as psiconeuroses. Aos psicopatas em estado agudo, manda o Diretor internar, na suposição de que se possam curar num prazo nunca superior a 90 dias, ou sejam 3 meses. Aos outros doentes com tendência à cronicidade, é aconselhado o internamento na Colônia de Psicopatas, onde eles encontram na Laborterapia, um ótimo recurso para melhorar os seus grandes padecimentos.

Portanto, o Instituto de Psiquiatria, onde funciona a Clínica Psiquiátrica, dirigida pelo Prof. de Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina, exige para si um bem aparelhado material de investigações no campo da patologia mental. São objetivos principais da Clínica Psiquiátrica:

- 1) Assistir os psicopatas agudos;
- 2) Facilitar aos estudantes um campo favorável ao aprendizado, onde eles possam, sem se deslocarem para fora da cidade, adquirir indispensáveis noções de Psiquiatria;

3) Possuir laboratórios bem montados, onde se possam realizar pesquisas originais no domínio da bacteriologia, da anatomia patológica e da psicologia experimental. Ao lado disso, uma boa biblioteca especializada, com um bem organizado fichário, com o fim de facilitar as investigações bibliográficas.

O Instituto anexo à Clínica destina-se a investigar e a esclarecer as causas predisponentes e determinantes das desordens mentais e, além disso, a encontrar os meios necessários à profilaxia, ao tratamento e à cura das psicoses, se possível.

Há ainda uma seção de Demografia e Genealogia, nos moldes da dirigida pelo Prof. Rudin em Munich, que deve se ocupar:

1) de investigar da melhor forma e com o auxílio das ciências naturais, o papel da herança na origem e na evolução das doenças mentais;

2) De estabelecer a importância na influência dos fatores externos, sobretudo sociais, na deflagração das psicoses;

3) De preconizar medidas eugênicas e indicar as principais influências nocivas do ambiente e da vida social.

Como estamos vendo, o Instituto obedece aos requisitos modernos da assistência eficaz ao doente mental.

Ao lado da Psiquiatria social, no Instituto juntamente com a Liga Brasileira de Higiene Mental, houve a preocupação de lutar contra as causas conhecidas do transtorno mental e de fortalecer e melhorar a personalidade humana, para torná-la mais resistente às causas que ameaçam seu equilíbrio psíquico.

A tendência da organização social moderna é dedicar-se a essa tarefa de "Profilaxia psiquiátrica", para diminuir a percentagem, infelizmente muito elevada e, sempre crescente de doentes mentais, delinquentes e inválidos sociais.

Não somente na Rússia, nos Estados Unidos, na Argentina, mas também no Brasil, já se cogita grandemente, num interesse progressivo, da necessidade de cultivar e proteger cientificamente sua delicada e máxima riqueza: o potencial psíquico de seus habitantes.

Não há dúvida que a tarefa verdadeira de Higiene Mental consiste, não somente em intensificar a luta contra as causas evitáveis da loucura (tais como: o alcoolismo, a lues, os problemas econômicos), senão, também, no diagnóstico precoce e na correção psico-pedagógica dos pequenos desequilibrados infantis, que, com o tempo podem exagerar suas perturbações doentias e serem conduzidos à eclosão das predisposições genotípicas, mais ou menos latentes em todos os seres vivos, com tendência de adaptação aos denominados mecanismos primários de reação, que foram vencidos e superados em nosso atual mundo civilizado.

Assim, não somente eu, mas o eminente Diretor da Liga e mais outros distintos sócios desta Liga, já fizemos sentir que a verdadeira obra de Higiene Mental há de se fundir singularmente com a educação.

Este problema educacional vem preocupando grande parte da humanidade. Em seu recente livro sobre "Higiene Mental e Educação", Tiegs e B. Katz firmam com segurança essa estrita relação. Ai estão as escolas de Psicologia dinâmica (doutrinas psico-analíticas, psico-evolutivas, psico-reflexológicas), a nos ensinarem que: é nos primeiros anos da vida, ainda sem entrar no período escolar, que se fixa na criança, o que poderíamos chamar a "arquitectura tensional e in-tensional da personalidade", e que se decidem, entre as infinitas possibilidades do ser, aquelas que lhe vão servir, com seu desenvolvimento, para constituir os elementos básicos, fundamentais para a formação do caráter e personalidade.

Donde se pode concluir: aos obstetras, visitantes e trabalhadores sociais, pediatras, mestres de escolas, aos pais e às famílias da criança, é que precisamos divulgar os elementos necessários para que essa se crie sem deformações, ou se reforme a tempo, se nasceu com manifesta tendência psicopática. Dai a conveniência de se ministrar sólidas noções de Neuro-psiquiatria infantil aos médicos gerais e aos professores dos colégios, pois estes podem se aperceber a tempo das anomalias apresentadas pelas crianças, que mais tarde podem se candidatar aos estabelecimentos psiquiátricos.

Aqui no Brasil, além do Laboratório de Biologia Infantil, onde as crianças são examinadas, não somente sob o ponto de vista somático, como também com testes psicológicos e exames psicopatológicos, a Liga Brasileira de Higiene Mental, com seus dispensários, vem cumprindo com brilhantes resultados, essa obra magnífica de Profilaxia mental. Aos indivíduos é ensinado que devem procurar o Ambulatório ou Dispensário de Higiene Mental em várias fases de suas vidas, sobretudo quando atingem as fases críticas (adolescência e climatério), onde parece que se reativam todas as predisposições mórbidas que o indivíduo apresenta.

A profilaxia psiquiátrica precisa ser divulgada com critério social e não individual. É por esta razão que as campanhas de Higiene Mental não podem ser obra de iniciativa particular e, se o forem, devem ser desde logo reconhecidas e oficializadas, com ambiente e legislação adequada para seu maior êxito.

Recordemos que a tarefa psico-higiênica tem um duplo aspecto: a) prevenir a ação de todas as causas prejudiciais ao psiquismo; b) obter o maior desenvolvimento e equilíbrio de todas as disposições genotípicas favoráveis ao ser, fazendo-o, serena, boa, enérgica, com manifesto sentimento de comunidade. Trata-se então aqui de Psico-higiene individual.

Falemos agora dos objetivos fundamentais da Higiene Mental Social. Já o Prof. Roxo em um de seus relatórios, coíta do problema das chamadas causas hereditárias das perturbações mentais. Encontramos três vias distintas:

- 1) Evitar o casamento ou a ligação de seres portadores de taras bem conhecidas;
- 2) Não permitir a fecundação;
- 3) Destruir precocemente o produto.

Na Alemanha com o regime Nacional Socialista, é obrigatório a esterilização de todas as pessoas que, de acordo com o estudo de sua genealogia, possam produzir filhos portadores de taras psicóticas.

A primeira via refere-se ao exame pre-nupcial feito com critério genérico, para prevenir uniões legais ou ilegais que possam ser perigosas. A segunda tem a modalidade compulsiva seguida na Alemanha, ou a persuasiva, sempre preferível, dos métodos anti-concepcionais. A terceira medida extrema é por demais perigosa e formalmente desaconselhável, tanto em sua forma de aborto profilático como na pior medida — a eutanásia extrauterina.

A luta contra as causas citóticas de desequilíbrio ou perturbação mental (lesão germinal, infecção e alimentação insuficiente) resume-se na intensificação da legislação e assistência protetora à mulher grávida e assistência técnica obrigatória durante o parto.

Nascida a criança, sua higiene mental coletiva confunde-se com a higiene somática de um lado — luta contra as doenças evitáveis — e de outro lado, com a obra de pedagogia familiar moderna. É por vezes, no seio da família onde grande número de crianças mimadas, excitadas, desatendidas, castigadas, abandonadas moralmente, durante seus primeiros anos de vida, fixam atitudes anômalas de reação que são difíceis de correção. Uma educação ortofênica porém, e se necessário, uma educação precocemente terapêutica, já faz parte das cogitações do Governo, para levar para diante essa grande obra de Psico-higiene social. As Associações pedagógicas, a Inspeção médico-escolar, as Instituições hetero-familiares, as Clínicas de conduta (Child Guidance Clinics, Lab. de Biologia Infantil), os Dispensários de Puericultura etc., todos hão de participar, em cooperação com os Psiquiatras nesta tarefa, difundindo entre o povo os princípios educativos indispensáveis.

Outra preocupação dos Centros de Higiene Social é conseguir afastar das mentes em formação, todos os estímulos que possam contribuir para excitar suas baixas paixões ou criar um confusão ideológico. Assim, a censura ou o controle das revistas, folhetos, tanto literários como pseudocientíficos, a supervisão e censura das

produções cinematográficas, o controle dos estabelecimentos de expansão sexual e de libação, devem ser exercidos com um critério manifestamente técnico.

A Psico-higiene Profissional exige a devida orientação profissional de cada indivíduo ou seja o perfeito ajustamento entre o ser e o que fazer. Afastando a problemática sexual, econômica, social etc., do homem, o fato de que intente realizar obras para as quais não tenha devidamente habilitado, converte-se em uma poderosa causa de desequilíbrio que precisamos combater. Em alguns casos de alcoolistas, jogadores, viciados, desadaptados, delinquentes, inválidos, podemos chegar à sua regeneração quando se consegue um trabalho que esteja de acordo com sua autêntica vocação (voz interior) e permita a eclosão de partes de sua individualidade psíquica que haviam sido reprimidas ou afogadas no "afan de chegar a ser alguma coisa".

Outro fato é o indivíduo encontrar um ambiente favorável no trabalho. É estudando a relação do trabalhador com seus inferiores, semelhantes e superiores, assim como com o público, que poderemos criar um ambiente favorável para o trabalho.

A vida profissional constitui o tema de muitas idéias delirantes e de reações catatímicas.

Vejam agora o problema da Psico-higiene Cultural. O esforço assimilador de conhecimentos também vem a ser um elemento de alto valor, quando encaramos o assunto sob o ponto de vista da Psico-higiene.

O estudo, podemos afirmar, não é causa de desgaste nem de esgotamento mental, desde que seja devidamente realizado. Da mesma forma que o cultivo racional do sistema muscular o torna forte e ágil, assim também o cultivo do aparelho psico-intelectual o robustece e aperfeiçoa. Estamos habituados a ouvir das famílias de certos esquizofrênicos, que a causa de sua doença foi o fato de "estudarem demais". Na realidade, o que se verifica é a incapacidade do indivíduo de viver normalmente, já em alguns deles com a tendência a cultivar suas ondas francamente autistas.

Finalmente temos a considerar a Psico-higiene Sexual, que em todas as reuniões de Higiene Mental tem sido um dos mais importantes assuntos.

Não somente Freud e seus discípulos despertaram a atenção dos estudiosos para a grande importância dos desequilíbrios sexuais na produção das alterações mentais. Hoje em dia, a maior parte dos investigadores está de acordo para que se faça boa Psico-higiene Sexual:

- a) Separação física precoce (corpo e ambiente) dos filhos e das mães;

ATA DA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E CONSELHO EXECUTIVO DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, REALIZADA EM 11 DE FEVEREIRO DE 1943

Aos onze de fevereiro de mil novecentos e quarenta e três, às 17 horas, teve lugar a primeira sessão conjunta da Diretoria e Conselho Executivo, no corrente ano. Ao abrir a sessão, não tendo comparecido o Secretário Geral, Prof. Odilon Gallotti, por motivo justificado, foi convidado para secretário *ad-hoc* o conselheiro Prof. Nelson Bandeira de Melo. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o Sr. Presidente Prof. Henrique Roxo declarou destinar-se a presente sessão principalmente à nomeação da comissão que deve examinar o balancete correspondente a 1942. A referida demonstração de receita e despesa foi entregue à comissão, que ficou constituída dos Profs. Aduino Botelho, Heitor Carrilho e Xavier de Oliveira. Em seguida, foi lido o requerimento do Dr. Nuno de Sousa Santos Lisboa, Livre Docente de Medicina Legal pela Faculdade Fluminense de Medicina, solicitando sua inclusão na lista de Membros da Liga Brasileira de Higiene Mental. Foi concedida depois a palavra ao Prof. Plínio Olinto, que informou dever ser apresentado, na próxima sessão, um requerimento coletivo de alunos do curso de Higiene Mental do D.A.S.P., solicitando serem aceitos como membros da Liga — manifestação de interesse espontânea que não queria deixar passar sem registro. A seguir, o Dr. Camargo, encarregado do expediente, informando preliminarmente ser testemunha da atividade incansável do Professor Plínio Olinto, em difundir os ideais da Liga e interessar um apreciável número de pessoas no programa da mesma, propôs uma moção de aplausos ao citado Conselheiro, a qual foi unânime e aprovada. Falando sobre a necessidade de estimular o comparecimento de maior número de membros à reunião da Liga, sugeriu o Sr. Presidente que em cada uma dessas reuniões fosse feita uma palestra de 30 minutos sobre assunto de atualidade. Aceito o alvitre, ficou assentado que na reunião do dia dois de março próximo seria pronunciada pelo Prof. Dr. Nelson Bandeira de Melo uma conferência sob o título de "Uma hipótese sobre here-



ditariedade epilética". E nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão, às 18 horas. Nelson Bandeira de Melo, secretário *ad-hoc*.

Aprovada a 16-3-1943.

Henrique Roxo, presidente.

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL REALIZADA EM 16 DE MARÇO DE 1943

A Liga Brasileira de Higiene Mental reuniu-se em assembléia geral no dia dezesseis de março de 1943. Aberta a sessão às 17 horas, foram lidas e aprovadas, sem emendas, as atas das sessões de 19 de setembro, de 11 de fevereiro (de 1942 a primeira e de 1943 a segunda). O Dr. Nelson Bandeira de Melo realizou uma interessantíssima conferência intitulada "Uma hipótese sobre a hereditariedade epilética". Aplaudida por uma salva de palmas, foi a conferência muito elogiada pelo Presidente, que agradeceu ao conferencista. Foi lido um pedido de D. Marguerite Klier de Mendonça, no sentido de ser ela admitida no quadro social da Liga. Em seguida o Presidente leu o seu relatório sobre as atividades da Liga no ano de 1942, bem como o balancete relativo ao mesmo ano. Os Drs. Adauto Botelho, Plínio Olinto e Heitor Carriho, membros da comissão designada na sessão anterior para examinar a prestação de contas relativas ao ano de 1942 e dar parecer sobre ela e sobre os atos da Diretoria da Liga nesse período, apresentaram o seu parecer, que foi absolutamente favorável, tendo a assembléia aprovado por unanimidade esse parecer.

O Dr. Osvaldo Camargo deu conhecimento à Liga de um gesto grandemente expressivo do Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, o qual, no intuito de incentivar o intercâmbio cultural entre os especialistas daqui e dos Estados, havia convidado dois técnicos do Serviço de Higiene Mental Escolar de São Paulo, as professoras Virginia Leone Bicudo e Maria Aparecida Barbosa, para virem ao Rio fazer conferências sobre Higiene Mental.

Frisou tratar-se de duas psicologistas de elevado mérito, assistentes do Dr. Durval Marcondes, cujos trabalhos já eram conhecidos por diversos membros da Liga. Pediu, por isso, que a Liga manifestasse o seu aplauso ao Dr. Adauto Botelho por essa feliz iniciativa e, ao mesmo tempo, sugeriu fossem as referidas higienistas convidadas a realizar uma palestra na sede desta institui-

ção. O prof. Roxo disse estar de pleno acôrdo com a proposta, ficando o Dr. Camargo incumbido de promover a palestra, quando achasse oportuno. Ainda foi comunicado à Casa que, em data recente, o Governo do Uruguai endereçava convite nominal aos Drs. Adauto Botelho, Edgar de Almeida e Osvaldo Camargo para irem a Montevidéu realizar conferências sobre higiene mental e organização hospitalar psiquiátrica. O referido convite foi encaminhado, através do Itamarati, ao Ministério da Educação e Saúde. Congratulou-se o Prof. Roxo com os consócios distinguidos com tão honroso convite e solicitou ao Dr. Camargo que apresentasse em Montevidéu uma súmula das atividades da Liga, mostrando o que tem sido feito entre nós nestes últimos anos. A sessão foi encerrada às 18 horas e meia.

Aprovada 28-9-1943.

Henrique Roxo, presidente.

Silvio Aranha de Moura, secretário *ad hoc*.

ATA DA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E DO CONSELHO EXECUTIVO, REALIZADA EM 28 DE SETEMBRO DE 1943

Aberta a sessão às 17 hs. 20, leu o Secretário a Ata da sessão anterior, que, sem qualquer emenda, foi aprovada. Deu o Presidente o motivo por que desde março não tem havido convocações, dizendo que ficara assentado que em cada sessão fosse realizada uma conferência e não tinha sido possível conseguir que os consócios que aceitaram tal encargo estivessem prontos para desobrigar-se dele. Não deixou, porém, de referir que o Dr. Nelson Bandeira de Melo já desempenhara o seu encargo, fazendo uma interessante conferência.

Falando sobre as atividades da Liga, o Prof. Roxo aludiu às recentes conferências pronunciadas pelas professoras paulistas Virginia Leone Bicudo e Maria Aparecida Barbosa, do Serviço de Higiene Mental Escolar, a primeira das quais discorreu, na sede da Liga, sobre o tema "Higiene mental em tempo de guerra", despertando a sua palestra o maior interesse no auditório. Em seguida o Sr. Presidente pediu aos presentes artigos para os Arquivos, que se ressentem de escassez de colaboração; sugeriu se escrevessem trabalhos de cooperação no sentido das campanhas contra o espiritismo e o alcoolismo. Comunicou haver solicitado aumento das subvenções federal e municipal concedidas à Liga, mas não o ter obtido, pelo que continuam elas a ser, respectivamente, de vinte mil e quinze mil cruzeiros.

Informou que os Arquivos têm sido remetidos para diversos países e que o Dr. Osvaldo Camargo, em sua viagem ao Uruguai, Argentina e Paraguai, foi portador de muitos exemplares dos mesmos, para distribuição. Leu o requerimento em que o Dr. Reginaldo Macieira e Silva solicitava sua inclusão como membro da Liga, o qual foi aprovado, e comunicou haver nomeado o Dr. Hilário Veiga de Carvalho, residente em São Paulo, e que é um dos diretores da revista *Neurônio*, sócio correspondente da nossa sociedade. Foi aprovado o ato do Sr. Presidente. Com a palavra, o Dr. Osvaldo Camargo apresentou um relatório verbal de sua recente viagem aos países do Sul do Continente, a começar pelo Paraguai, onde teve ocasião de pronunciar, a convite do Ministro Bongermini, titular da Saúde Pública, uma conferência, na sede da Cruz Vermelha Paraguaia, sobre "A higiene mental no Brasil", referindo-se ainda às visitas que fez ao Hospital de Alienados de Assuncion, dirigido pelo Prof. Carlos Alvarez. Disse da magnífica recepção proporcionada aos psiquiatras brasileiros pelas autoridades e pelos cientistas de Montevideú, onde tiveram ocasião, ele e o Dr. Edgar de Almeida, de realizar quatro conferências sob o patrocínio do Ministério de Saúde Pública do Uruguai. Descreveu as visitas que então fizeram ao Hospital Viladerbó, à Colônia Etchepare, ao Instituto Normal e a numerosas outras organizações assistenciais e educativas. Em Buenos Aires tiveram também oportunidade de visitar todos os estabelecimentos psiquiátricos e de estreitar relações amistosas com os especialistas argentinos, muitos dos quais eram membros honorários da Liga Brasileira de Higiene Mental. Por último deu conhecimento à Liga da incumbência que lhe outorgou o Prof. Gonzalo Bosch, catedrático de Psiquiatria de Buenos Aires e Presidente da Liga Argentina de Higiene Mental, no sentido de ser proposta a realização de um Congresso de Higiene mental, sob o patrocínio das duas Ligas, em futuro próximo. O Sr. Presidente elogiou e agradeceu a atuação do Dr. Camargo e mostrou-se favorável à realização do Congresso de higiene mental, após a terminação da guerra.

O Dr. Adauto Botelho informou que fizera no Pará uma conferência sobre higiene mental e que no Ceará fôra criada uma Liga de Higiene mental e falou sobre os Ambulatórios da Higiene mental que o Serviço Nacional de Doenças Mentais tem criado e pretende criar nos Estados. A seguir foi dada a palavra à Dra. Joana Lopes, que fez saber iria realizar-se de 25 a 31 de outubro a Semana anti-alcoólica e pediu aos presentes a sua cooperação nas atividades da mesma. O Dr. Bandeira de Melo comunicou que o Dr. Plínio Olinto, impossibilitado de comparecer, o incumbira de pedir à Liga fôsse nomeada uma comissão para representá-la na Semana Psicológica, que iria efetuar-se entre 25 e 30 de outubro,

em Belo Horizonte. O Sr. Presidente, em visita do exposto, escolheu para representarem a Liga nesse certame os Drs. Plínio Olinto e Bandeira de Melo. Aprovada na sessão de 15-2-1944, com a corrigenda quanto ao valor da subvenção municipal, que é de vinte mil cruzeiros também.

Henrique Roxo, presidente.

Silvio Aranha de Moura, secretário ad-hoc.

ATA DA SESSÃO CONJUNTA E EXTRAORDINÁRIA DA
DIRETORIA E CONSELHO EXECUTIVO, DA LIGA
BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, REALIZADA
A 7 (SETE) DE DEZEMBRO DE 1943

Às dezessete horas do dia 7 de dezembro de 1943 reuniram-se em sessão conjunta, na sede da Liga Brasileira de Higiene Mental, os membros da Diretoria e do Conselho Executivo da mesma. Presidiu a sessão o Prof. Henrique Roxo, que deu início aos trabalhos, fazendo uma exposição dos resultados de sua recente viagem ao Rio da Prata e dando conhecimento à Casa dos entendimentos que teve com o Prof. Gonzalo Bosch, Presidente da Liga Argentina de Higiene Mental, o qual havia sugerido a próxima realização, — assim que terminar a guerra — de um Congresso pan-americano de higiene mental, onde fôsse ouvida a opinião dos especialistas do Continente no sentido de estabelecer-se uma legislação uniforme sobre todos os assuntos de higiene mental do após-guerra, tais como a seleção imigratória, a readaptação dos desajustados sociais e psíquicos, a proteção do alienado na sua capacidade civil, etc. Revelou o Prof. Roxo que o próprio Governo argentino dá todo o apoio, moral e financeiro a êsse certame, o qual deveria realizar-se parte no Rio e parte em Buenos Aires, podendo o mesmo ser convocado sob os auspícios das três maiores entidades do Continente, a saber: as Ligas de Higiene Mental do Brasil e da Argentina e o *Comité Nacional de Higiene Mental dos Estados Unidos*. Havendo urgência em se constituir a Comissão organizadora Brasileira, para dar imediato início à escolha e preparação dos termos do Congresso, propôs o Presidente se aprovasse uma relação de nomes a qual ficou definitivamente assim constituída: Prof. Henrique Roxo, Prof. Adauto Botelho, Prof. Odilon Gallotti — respectivamente Presidente, vice-Presidente e Secretário da Liga; Prof. Pacheco e Silva (de S. Paulo), Prof. Plínio Olinto, — catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia; Prof. Raul Bittencourt, — da Faculdade de Filosofia; Prof. Xavier de Oliveira — do Hospital Psiquiátrico;

Prof. Silvío Aranha de Moura — da Colônia Juliano Moreira; Prof. Flávio de Sousa — do Instituto de Psiquiatria, e Drs. Osvaldo Camargo — Inspetor Psiquiátrico, e João Costa Machado, da Sociedade de Psiquiatria do Nordeste. Foi incumbido de estabelecer a necessária articulação com os especialistas norte-americanos, em tudo que se refira à organização do congresso, o Dr. Osvaldo Camargo, que na próxima semana deverá partir para Nova York, em viagem de estudos. O Prof. Xavier de Oliveira propôs que também se incumbisse o Dr. Camargo de obter na imprensa norte-americana uma coluna dedicada a resumos de trabalhos brasileiros. Falando sobre a personalidade do saudoso Prof. Ulisses Pernambucano, há poucos dias falecido nesta capital, o Presidente pediu que a Assembléia permanecesse de pé e em silêncio durante um minuto, em homenagem à memória desse ilustre psiquiatra, fundador da Sociedade de Psiquiatria do Nordeste. O Prof. Plínio Olinto fez referência às Jornadas psicológicas de Belo Horizonte, onde teve ocasião de representar a Liga e onde teve também a satisfação de subscrever um voto de homenagem ao Prof. Henrique Roxo, como iniciador da psicologia experimental entre nós (1900). O Prof. Xavier de Oliveira propôs um voto de aplausos e adesão da Liga ao Instituto Inter-aliado de Alta Cultura, recém-instalado no Palácio Itamarati, o que foi aprovado. Nada mais havendo a tratar, foi a sessão encerrada às 18 horas.

Aprovada na sessão (Assembléia-geral) de 7 de março de 1944.

Henrique Roxo, presidente.

Silvío Aranha de Moura, secretário ad-hoc.

ATA DA PRIMEIRA SESSÃO CONJUNTA DA DIRETORIA E DO CONSELHO EXECUTIVO DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL

Às 17 horas do dia 15 de fevereiro de 1944, na sede da Liga, presentes os Senhores Presidente e vice-Presidente: Professores Henrique Roxo e Aduato Botelho, os Membros do Conselho Executivo, Senhores Plínio Olinto, Nelson Bandeira de Melo, Silvío Aranha de Moura e Xavier de Oliveira e os sócios, Senhores Manuel Leite de Novais, Henrique de Novais e Eudócio Paiva de Araújo, declarou o Sr. Presidente aberta a primeira sessão conjunta da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Após a abertura da sessão, o Sr. Presidente, justificando o não comparecimento do Sr. Secretário-geral, Prof. Odilon Gal-

lotti, convidou para secretário *ad-hoc* o Conselheiro Aranha de Moura, que assumindo a secretaria leu a Ata da sessão de 28 de setembro de 1943, que foi aprovada com a emenda de ser de vinte mil cruzeiros e não de quinze mil cruzeiros a subvenção municipal à Liga.

Com a palavra, o Sr. Presidente leu o relatório referente às atividades da Liga em 1943. Lembrou em seguida a próxima reunião, na qual se fará a tomada de contas e, estatutariamente, a eleição para os Membros da Diretoria e do Conselho Executivo para o quadriênio 1944-1948, marcando essa reunião (Assembléia-geral) para o dia 7 (sete) de março vinduro.

A fim de julgarem o Relatório do Sr. Presidente foram eleitos o Prof. Raul Bittencourt e os Drs. Manuel Leite de Novais e Adalberto de Lira Cavalcante.

Em seguida o Sr. Presidente leu uma carta do Dr. George S. Stevenson, agradecendo a comunicação de pretendermos levar a cabo um Congresso Pan-americano de Higiene Mental após a terminação da guerra e se referindo à simpática apresentação do Dr. Osvaldo Camargo Abib, e também a carta do Prof. Gonzalo Bosch, na qual o missivista agradecia o envio dos nomes dos componentes do *Comité* Brasileiro, lembrava como temas "O americanismo histórico e conceitual próprio ao Movimento de Higiene Mental", "A Higiene Mental da imigração" e "A Higiene Mental da angústia", propondo ser permitido às diversas Delegações exporem a obra psico-higiênica efetuada em seus respectivos países, e dando o nome dos integrantes do *Comité* argentino do futuro Congresso Pan-americano de Higiene Mental.

A respeito desse Congresso disse o Sr. Presidente que lhe fôra proposto ser feito um convênio maior, transformando-o em um Congresso Internacional de Higiene Mental, não sendo aceita sugestão pela dificuldade de reunir representantes europeus, asiáticos, etc.

Propôs, em seguida, Plínio Olinto um voto de grande pesar pelo falecimento de Clifford Beers, e que a Liga o transmitisse por carta à família do morto, participando o desejo da Liga de ir realizar em breve uma sessão especial à memória de Clifford Beers, o que propunha então à Liga, e que foi aprovado.

Agradeceu o Sr. Presidente a colaboração de todos durante a sua gestão, fazendo um ligeiro histórico sobre os fatos de sua eleição e seu exercício nessa Presidência.

Pedindo depois a palavra, o Conselheiro Xavier de Oliveira levantou-se, e dizendo que ia falar de pé, pronunciou palavras de grande entusiasmo e admiração ao Prof. Henrique Roxo durante a sua Presidência, cheia de progressos para a Liga, justamente após aquela fase difícil, em que esteve em via de naufragar.

Lembrou o Conselheiro Aranha de Moura a necessidade de ser participada ao Sr. Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda a relação dos nomes dos componentes do Comitê argentino, atendendo a solicitação desse Departamento quanto às iniciativas referentes ao futuro Congresso Panamericano de Higiene Mental.

O Sr. Presidente aprovou a medida e autorizou o secretário *ad-hoc* a fazê-lo.

Nada mais havendo a tatar, o Sr. Presidente encerrou a sessão às 18 horas e 15 minutos.

Aprovada na Assembléia geral de 7 de março de 1944.

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL PARA A TOMADA DE CONTAS, E ELEIÇÃO DA DIRETORIA E CONSELHO EXECUTIVO DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, PARA O QUADRIÊNIO 1944 - 1948

As 17 horas do dia 7 (sete) de março de 1944, presentes na sede da Liga Brasileira de Higiene Mental, na Praça Getúlio Vargas, n.º 2 (Edifício Odeon, sala 611) os sócios desta Liga, Srs. Plínio Olinto, Laudelino de Oliveira Lima Filho, Artur Augusto de Oliveira Lima, Eudóxio Paiva de Araújo, Adauto Botelho, Nelson Bandeira de Melo, Adalberto de Lira Cavalcanti, Xavier de Oliveira, Edmundo Gouveia Cardillo, Eurico Sampaio, Waldemar Carneiro da Cunha, Silvio Aranha de Moura, Manuel L. de Novais, Pernambuco Filho, Alberto A. Lohmann, Valderedo Ismael de Oliveira, Odilon Gallotti, Juana M. de Lopes e Cecília Resende, havendo o Sr. Eudóxio Paiva de Araújo declarado que o Sr. Presidente, Prof. Henrique Roxo, o autorizara comunicar que não poderia comparecer, propôs o Sr. Plínio Olinto a aclamação do Sr. Eurico Sampaio para presidente da Assembléia.

Aclamado o Sr. Eurico Sampaio, deu por aberta a Assembléia, convidando para secretário o Sr. Silvio Aranha de Moura e escrutinadores os Srs. Manuel Leite de Novais e Waldemar Carneiro da Cunha.

Constituída a mesa, deu o Sr. Presidente a palavra ao secretário para que o mesmo lesse as atas das sessões anteriores e o expediente.

Leu o secretário as atas das sessões de sete de dezembro de 1943 e quinze de fevereiro de 1944, que postas, uma de cada vez, em discussão, foram aprovadas sem emenda.

O secretário disse haver dado execução ao que lhe autorizara o Prof. Roxo, na sessão de 15 de fevereiro de 1944, quando ser-

vindo de secretário *ad-hoc*, o participar ao Sr. Capitão Amílcar Dutra de Menezes, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda, o nome dos integrantes do Comitê argentino no Congresso Panamericano de Higiene Mental, que pretendemos levar a efeito após a terminação da atual guerra, e o haver dado o Dip grande divulgação da notícia.

No expediente constaram as propostas, para sócios da Liga, dos Drs. Manuel de Oliveira Filho e Henrique de Novais Filho. Em seguida o Sr. Presidente anunciou que ia ser procedida a eleição, pedindo ao secretário fazer a chamada dos senhores sócios.

Feita a chamada, votaram dezenove sócios, deixando de tomar parte na eleição os Srs. Manuel de Oliveira Filho e Henrique de Novais Filho, que haviam assinado o livro de presença.

Contadas as cédulas, coincidiu o seu número com o dos votantes: 19 (dezenove).

Apurados os votos, chegou-se ao seguinte resultado. Para Presidente: *Henrique Roxo* 19 (dezenove) votos; para vice-Presidente: *Adauto Botelho* 17 (dezessete) votos, *Heitor Carrilho*: 1 (um) voto e *Plínio Olinto*: 1 (um) voto; para Secretário geral: *Silvio Aranha de Moura*: 19 (dezenove) votos; para Membros do Conselho Executivo: *Plínio Olinto*: 19 (dezenove) votos; *Ataulfo de Paiva*: 18 (dezoito) votos; *Heitor Carrilho*: 18 (dezoito) votos; *Raul Bittencourt*: 18 (dezoito) votos; *Inaldo de Lira Neves Manta*: 12 (doze) votos; *Nelson Bandeira de Melo*: 19 (dezenove) votos; *Pernambuco Filho*: 19 (dezenove) votos; *Xavier de Oliveira*: 18 (dezoito) votos; *Laudelino de Oliveira Lima Filho*: 17 (dezessete) votos; *Adalberto de Lira Cavalcanti*: 17 (dezessete) votos; *Júlio Paternostro*: 12 (doze) votos; *Manuel Leite de Novais*: 6 (seis) votos; *Januário Bittencourt*: 11 (onze) votos; *Eurico Sampaio*: 16 (dezesseis) votos; *Juana Lopes*: 1 (um) voto; *Adauto Botelho*: 1 (um) voto; *Oswaldo Camargo*: 1 (um) voto; *Adalberto Lohmann*: 1 (um) voto. De acôrdo com esta apuração (havia um cédula com onze nomes e uma outra cédula com nove nomes para Membros do Conselho Executivo) o Sr. Presidente declarou eleitos para o quadriênio de 1944-1948: Presidente *Professor Henrique Roxo* (19 votos); Vice-Presidente *Dr. Adauto Botelho* (17 votos); Secretário-geral *Dr. Silvio Aranha de Moura* (19 votos) e Membros do Conselho Executivo: *Prof. Plínio Olinto* (19 votos), *Dr. Pernambuco Filho* (19 votos), *Dr. Nelson Bandeira de Melo* (19 votos), *Dr. Heitor Carrilho* (18 votos), *Ministro Ataulfo de Paiva* (18 votos), *Dr. Xavier de Oliveira* (18 votos), *Dr. Raul Bittencourt* (18 votos), *Dr. Adalberto de Lira Cavalcanti* (17 votos), *Dr. Eurico Sampaio* (16 votos), *Dr. Laudelino de Oliveira Lima Filho* (17 votos), *Dr. Neves Manta* (12 votos) e *Júlio Paternostro* (12 votos).

Em tempo — deixou de ser feita a tomada de contas por não haverem os componentes da comissão preparado em tempo o seu relatório, por não terem tido oportunidade de se encontrarem os relatores, conforme declarou no expediente o Dr. Manuel Leite de Novais.

Nada mais havendo a tratar, como nenhum dos presentes quisesse usar da palavra oferecida pelo Presidente da Assembléia, Dr. Eurico Sampaio, encerrou o mesmo a sessão, determinando que eu, Silvio Aranha e Moura, redigisse a presente, o que faço de meu próprio punho e vai assinada por mim, pelo Dr. Eurico Sampaio, Presidente da Assembléia e pelos Drs. Valdemar Carneiro da Cunha e Manuel Leite de Novais, escrutinadores da eleição; com a ressalva quanto às rasuras feitas e emendas, procedidas a respeito do número de votos obtidos pelo Dr. Manuel Leite de Novais (que foram seis) e pelo Dr. Adalberto de Lira Cavalcanti, que foram dezessete, e que são (digo) por nós assinada.

Rio de Janeiro, 7 de março de 1944.

Silvio Aranha de Moura
Eurico Sampaio
Waldemar Carneiro da Cunha
Manoel L. de Novais

ATA DA ASSEMBLÉIA EXTRAORDINÁRIA DA LIGA
BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, REALIZADA A
9 (NOVE) DE MARÇO DE 1944

As 17 horas do dia 9 de março de 1944, em sua Sede na Praça Getúlio Vargas, n.º 2, Edifício Odeon — sala 611 —, presentes os Srs. Eurico Sampaio, Juana M. de Lopes, Cecília Resende, Henrique Roxo, Eudócio Paiva de Araújo, Laudelino de Oliveira Lima Filho, Plínio Olinto, Heitor Carrilho, Luis Amadeu Robalinho Cavalcante, Júlio Paternostro, Aduino Botelho, Neves Manta e Silvio Aranha de Moura, o Sr. Eurico Sampaio, que presidira, por aclamação, a Assembléia geral de 7 do corrente mês, abriu a sessão da Assembléia extraordinária, — convocada para a posse da Diretoria e Membros do Conselho Executivo eleitos para o quadriênio 1944-1948, — da Liga Brasileira de Higiene Mental.

Após haver aberto a sessão, o Sr. Eurico Sampaio convidou para tomar posse o Presidente eleito, Prof. Henrique Roxo. Empossado, o Prof. Henrique Roxo deu posse aos outros Membros da Diretoria e do Conselho Executivo.

Depois falou agradecendo o fato de ter sido reeleito por unanimidade Presidente da Liga Brasileira de Higiene Mental, para o quadriênio 1944-1948. Disse que tendo sido Presidente durante os períodos de 1938-1940, — em que obtivera 100 votos contra 3, — e de 1940 a 1944, também por unanimidade, achara, aliás muito sinceramente, que a outrem deveria ser confiada a Presidência atual, e que um processo de promoção do vice-Presidente seria o mais justo. No entanto, continuou, como assim não entenderam, não quer mostrar-se indiferente à honra que lhe é dada, e aceita o cargo.

Procurará, afirmou, por todos os meios, desenvolver a Liga e torná-la mais conhecida ainda. Os ambulatórios continuarão a ser uma de suas preocupações. Nos ambulatórios da Liga, o número de consulentes, que foi de 1.557 (mil quinhentos e cinquenta e sete) em 1940, passou a ser de 3.542 (três mil quinhentos e quarenta e dois) em 1941, 3.739 (três mil setecentos e trinta e nove) em 1942 e 4.362 (quatro mil trezentos e sessenta e dois) em 1943.

Sendo os consulentes geralmente indivíduos muito pobres, pretende este ano dar gratuitamente também os remédios que se fizerem necessários. Referiu-se ao serviço de Visitadora-social que organizou, a exemplo do que sucede nas Ligas congêneres, e que tem sido muito proveitoso; às conferências sobre a Psiquiatria na guerra, realizadas sob os auspícios da Liga; ao pretender publicar em abril próximo o número dos nossos Arquivos correspondente a 1944, — para o qual solicitava a todos os presentes as suas colaborações sempre tão valiosas, — e ao pretender reunir mensalmente os membros da Liga e reorganizar as Seções de Estudos.

Fêz, em seguida, elogiosas referências ao Conselheiro Nelson Bandeira de Melo, não só como organizador da Biblioteca da Liga, como conferencista do palpitante assunto ligado à higiene mental: "Uma hipótese sobre a hereditariedade epilética", e a outros Membros do Conselho Executivo, enaltecendo as suas ações em prol do engrandecimento da Liga. Citando depois, nominalmente, o Prof. Aduino Botelho, o novo secretário-geral e a cada um dos Conselheiros eleitos, disse o que esperava de cada um, dentro de suas possibilidades científicas e culturais. Nada mais havendo a tratar o Sr. Presidente marcou o dia 21 de março corrente para a reunião de uma Assembléia-geral e encerrou a sessão às 17 horas e cinquenta minutos.

(Aprovada na Assembléia-geral de 31-3-1944).

Henrique Roxo, presidente.

Silvio Aranha de Moura, secretário-geral.

ATA DA ASSEMBLÉIA-GERAL DA LIGA BRASILEIRA
DE HIGIENE MENTAL, REALIZADA A 21 DE MARÇO
DE 1944

As 17 horas e cinco minutos do dia 21 (vinte e um) de março de 1944, em sua Sede social, presentes os senhores Henrique Roxo, Aduino Botelho, Laudelino de Oliveira Lima Filho, Eurico Sampaio, Heitor Carrilho, Nelson Bandeira de Melo, Silvio Aranha de Moura, Cecília Resende, Eudócio Paiva de Araújo, Artur Augusto de Oliveira Lima, Plínio Olinto e Adalberto de Lira Cavalcante, realizou a Liga Brasileira de Higiene Mental a sua segunda Assembléia-geral do ano de 1944. Aberta a sessão foi lida a Ata da Assembléia extraordinária do dia 9 de março corrente, que, submetida a discussão, foi aprovada sem emenda.

Em seguida o Secretário leu as propostas para Sócios Efetivos da Liga, assinadas pelos senhores Newton de Carvalho e Silva e Drs. Hugo Bentes Pacheco e Luis da Mota Granja. Findo o expediente, o Prof. Henrique Roxo, após referir-se à ação sempre benfazeja do Prof. Ernâni Lopes à Liga Brasileira de Higiene Mental, aos brilhantes artigos do talentoso jornalista Sr. Oto Prazeres e aos muitos obséquios devidos pela Liga aos Srs. Ministro Ataulfo Nápoles de Paiva — que vinha de ser reeleito Membro do Conselho Executivo — e Dr. Jorge Dodsworth, propôs à Assembléia lhes serem conferidos os títulos de Sócios Honorários.

Posta em discussão, usaram da palavra os Conselheiros Eurico Sampaio, Plínio Olinto, Heitor Carrilho e Nelson Bandeira de Melo e o vice-Presidente Aduino Botelho, todos apoiando a proposta, mas achando alguns ser apoucado o título de Sócio Honorário, referentemente ao Prof. Ernâni Lopes, a quem julgavam mais cabível o título de Benemérito. Pedindo a palavra o Secretário-geral explicou que, embora na Academia Nacional de Medicina, como ponderara o Conselheiro Eurico Sampaio, o título de Honorário fôsse menos valioso que o de Titular, — na Liga Brasileira de Higiene Mental, estatutariamente, o título de Sócio Honorário era o de mais alta categoria, e propôs então que na comunicação a cada um dos novos Sócios Honorários se fizesse a declaração de ser esta a maior honraria concedida pela Liga aos seus sócios. Todos acordes com esta proposta, aprovaram a medida do Sr. Presidente, na conferência do título de Sócios Honorários aos Srs. Profs. Ernâni Lopes, Ministro Ataulfo Nápoles de Paiva, Oto Prazeres e Jorge Dodsworth.

Havendo então chegado o Balancete de 1943, conferido e aprovado pelo Dr. Manuel Leite Novais, estando presente o Dr. Adalberto de Lira Cavalcante, também Membro da Comissão

de julgamento, por proposta do Conselheiro Plínio Olinto, foi suspensa a sessão, a fim de poder o Dr. Lira Cavalcante dar o seu parecer sobre o referido Balancete, na sala contigua.

Regressando o Dr. Lira Cavalcante, o Sr. Presidente reabriu a sessão e passou a Presidência ao Secretário-geral, por não se achar mais presente o Sr. vice-Presidente, que se retirara, por motivo de força maior, após o conferimento dos títulos de Sócios Honorários.

Lidos o Balancete e os pareceres aprobatórios dos citados Membros da Comissão-julgadora, passou o Secretário-geral a Presidência ao Prof. Henrique Roxo.

Depois de haver agradecido, o Sr. Presidente disse da necessidade de restabelecermos as Seções de Estudos e propôs, — de acôrdo com a letra *h* do art. 17 dos Estatutos: convidar e nomear, para constituírem as diversas Seções de Estudos, pessoas de elevada cultura e destaque social, etc., — o nome de algumas pessoas para integrarem as 12 Seções de Estudos. Para a Seção "Dispensários e Assistência Social": Dr. Clarisse Diogo Lavrador e Esmeralda Azevedo e o Conselheiro Dr. Adalberto de Lira Cavalcante. Para a Seção "Assistência hospitalar aos psicopatas": Drs. Aduino Botelho, vice-Presidente da Liga, — Heitor Peres e Francisco de Sá Pires. Para a Seção "Legislação Social": os Conselheiros Raul Bittencourt e Xavier de Oliveira, o Doutor Edmundo Gouveia Cardillo e o Secretário-geral da Liga Silvio Aranha de Moura. Para a Seção "Medicina Legal e Prevenção da Delinqüência": o Conselheiro Heitor Carrilho e os Drs. Lair Ximenes, Nilton Sales e Aloisio Pereira da Câmara. Para a Seção "Educação e Trabalho profissional": os Conselheiros Eurico Sampaio e Laudelino de Oliveira Lima Filho e o Dr. Osvaldo Domingues de Moraes, que enviara a sua adesão à Liga no dia 9 desse mês. Para a Seção: "Ensino e vulgarização da Neuro-psiquiatria": os Drs. Odilon Gallotti, Flávio de Sousa e Alfredo de Moraes Coutinho.

Para a Seção "Higiene Militar": o Coronel Florêncio de Abreu, o Conselheiro Cap. Nelson Bandeira de Melo e o Capitão Emanuel Pedrosa. Para a Seção "Propaganda e Publicidade": o Conselheiro I. de L. Neves Manta, o Sr. Eudócio Paiva de Araújo e o Dr. Osvaldo Camargo. Para a Seção "Puericultura e Higiene Infantil": os Drs. Alberto Amadeu Lohmann, Valdemiro Pires, Artur Augusto de Oliveira Lima e José Leme Lopes.

Para a Seção "Medicina em suas relações com o sistema nervoso": o Conselheiro Pedro Pernambuco Filho, e os Drs. Manuel Leite de Novais e Almir Almeida Guimarães, que assinara a sua adesão à Liga também a 9 de março corrente. Para a Seção "Ci-

rurgia em suas relações com o sistema nervoso": os Drs. Juana M. de Lopes e José Ribe Portugal. E para a Seção "Psicologia aplicada e psicanálise": o Conselheiro Plínio Olinto e Ds. Ofélia Boisson Cardoso, Carmem Alonso e Dra. Maria Brasília Leme Lopes. Nada mais havendo a tratar foi encerrada às 18 hs. 30.

(Aprovada na Assembléia-geral de 11-4-1944).

Henrique Roxo, presidente.

Silvio Aranha de Moura, secretário-geral.

ATA DA ASSEMBLÉIA-GERAL DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, REALIZADA A 11 DE ABRIL DE 1944

As 17 horas do dia onze de abril de 1944, em sua sede social, na Praça Getúlio Vargas, n.º 2, Edifício Odeon, sala 611, realizou a Liga Brasileira de Higiene Mental a sua terceira Assembléia geral.

Abrindo a sessão, o Sr. Presidente convidou a tomar parte na Mesa o Sr. Ministro Ataulfo Nápoles de Paiva, Conselheiro reeleito, a quem a Liga, em sua Assembléia-geral de 21 de março do corrente ano, conferira, por unanimidade, o título de Sócio-Honorário, dirigindo então ao distinguido palavras em que traduziu o seu grande prazer em ver o Sr. Ministro reconduzido como Membro do Conselho Executivo e detentor do título de Sócio-Honorário.

Agradeceu o homenageado a sua reeleição como Conselheiro e o lhe haver a Liga outorgado o título de Sócio-Honorário, dizendo que esses títulos muito o honravam e lhe faziam crescer o seu contínuo ardor e encantamento pela Liga, e prometendo o seu completo apoio.

Continuando o expediente deu a palavra o Sr. Presidente ao Secretário-geral, que leu a ata da Assembléia-geral de 21 de março último e apresentou a relação das Revistas, cartas e adesões recebidas. A ata, posta em discussão, foi aprovada. Enviaram suas adesões à Liga o Sr. Alfredo Frederico Sedlmayer e o Dr. Mafra Pedroso, este por carta, na qual solicita o envio dos nossos Arquivos. Foram recebidas cartas: do Dr. Ulisses Ferreira (de Pindorama — S. Paulo) — pedindo orientação, cartazes e folhetos, a fim de fazer a propáganda antialcoólica, e, no caso de existir uma película cinematográfica ou pequena peça teatral, que a Liga lhes prestasse pela passagem da semana antialcoólica, — do Conselheiro I. de L. Neves Manta, Diretor-Responsável da Revista *Imprensa-Médica*, oferecendo dois exemplares das publicações do ano corrente e solicitando permuta com os nossos ARQUIVOS, —

do Dr. Júlio C. Flores Azevedo, Bibliotecário do Círculo Médico de Córdoba pedindo o número 1 do ano XIII dos ARQUIVOS, — carta da D. Ofélia Boisson Cardoso agradecendo e aceitando a sua nomeação para a 12.ª Seção de Estudos e dando os motivos pelos quais não podia comparecer à presente reunião, — do Bibliotecário da Universidade Colúmbia da cidade de Nova-York, solicitados os ARQUIVOS nú. 5, de 1933, o volume de 1935, e ns. 2, de 1940, e 1, de 1942, — e de Miss Invander Mac Ives — Chefe da Seção de Recebimentos e Trocos da Biblioteca da Universidade da Califórnia (Berkeley) — agradecendo o envio do n.º 1 de 1943 (Ano XIV), remetendo o volume n.º 6 da publicação *Psychology* dessa Universidade e perguntando se lhe poreríamos enviar os números anteriores dos nossos ARQUIVOS.

Constou ainda do expediente o recebimento dos trabalhos "Problemas de Higiene Mental", pelo Prof. Roxo; e Introdução ao Estudo da Higiene Mental" e "Alcoolismo e Higiene Mental", pelo Dr. Carlos Augusto Lopes, entregues para serem publicados no próximo número dos ARQUIVOS.

Ainda no expediente, usando da palavra, propôs o Sr. Presidente um voto de profundo pesar pelo falecimento do muito talentoso e brilhante Prof. Hélio Póvoa.

Em seguida foram propostos para Membros das Seções de estudos: o Dr. Calos Matoso Sampaio Correia para a de Educação e Trabalho Profissional; o Dr. Januário Jobim Bittencourt para a de Psicologia aplicada e psicanálise, e também aprovadas as permutas das seções para as quais haviam sido nomeados: o Dr. Raul Jobim Bittencourt para "Psicologia aplicada e psicanálise"; Dr. Pedro Pernambuco Filho para "Puericultura e Higiene Infantil" e Dr. Alberto Amadeu Lohmann para "Ensino e vulgarização da neuropsiquiatria".

Logo após, o Sr. Presidente deu a palavra ao conferencista inscrito: Conselheiro Dr. Laudelino de Oliveira Lima Filho que discertou sobre "Seleção de Pessoal para o tráfego telefônico".

Esta sua brilhante conferência foi muito elogiada pelo Sr. Presidente, Vice-Presidente e Conselheiro Plínio Olinto.

O Sr. Presidente lembrou a possibilidade de encarregar-se do assunto na readaptação dos "fracassados" a seção de estudos: Psicologia aplicada e Psicanálise".

O Sr. Vice-Presidente, louvando o trabalho do Dr. Oliveira Lima Filho que, com métodos científicos de seleção profissional, procura maior e melhor rendimento para o trabalho que dirige, chamou a atenção da Liga para o problema do afastamento definitivo dos deficientes no primeiro exame. Esse mesmo problema se

vem apresentando em todos os ramos da indústria e sobretudo, disse, entre os candidatos ao funcionalismo público que, muitas vezes aprovados em difíceis provas de Concurso, vêm discipadas tôdas as suas esperanças de vitória, após o exame médico que os declara incapazes para as funções pretendidas, dando-lhes um diploma de fracassados na luta pela vida. E o seu sofrimento psíquico freqüentemente lhes gera estados mentais nocivos à saúde psíquica, exacerbando ou estabelecendo sentimentos de inferioridade, levando indivíduos que anteriormente levaram uma vida psíquica despreocupada e animadora, sem se perceberem de quaisquer sofrimentos ou incapacidades físicas ou mentais, a complicados estados neuróticos que os inutiliza para tôda a vida.

Para êstes casos, que constituirão uma imensa falange em todo o mundo, comentou, deve a higiene mental voltar suas atenções para resolver os problemas, dos mais impressionantes no momento, pois o mal que os cria é produzido pela ciência, quando é a ciência que deve procurar o bem-estar de todos os homens.

Fazemos apenas a metade do que devíamos fazer, concluiu, quando procuramos selecionar valores, pois nada fazemos para evitar que outros valores se aniquilem passivamente, após um veredictum de incapacidade para o trabalho, donde o louvar o Dr. Laudelino de Oliveira Lima Filho, por trazer à Liga Brasileira de Higiene Mental êste problema de tão magna importância.

Solicitando em seguida a palavra, pediu o Conselheiro Xavier de Oliveira a sua inscrição para na próxima sessão expor em seu trabalho sôbre "Censo psiquiátrico e Higiene Mental" — o que foi aprovado. Nada mais havendo a tratar, encerrou o Sr. Presidente a sessão, às 18 horas e 20 minutos.

Estiveram presentes os Srs. Henrique Roxo, Ataulfo de Paiva, Pedro Pernambuco Filho, Alfredo de Moraes Coutinho, Laudelino de Oliveira Lima Filho, Artur Augusto de Oliveira Lima, Alberto Amadeu Lohmann, Osvaldo de Moraes, Eudócio Paiva de Araújo, Cecília Resende, Silvio Aranha de Moura, Flávio de Sousa, Xavier de Oliveira, Adauto Botelho, Raul Jobim Bittencourt, Plínio Olinto e Adalberto Lira Cavalcante.

Aprovada na Assembléia-geral de 4 de maio de 1944.

ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DA LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL, REALIZADA A 4 DE MAIO DE 1944

As 17 horas e cinco minutos do dia 4 (quatro) de maio de 1944, presentes o Sr. Presidente Prof. Henrique Roxo, o Sr. Vice-presidente Prof. Adauto Botelho, o Secretário-geral, os Srs. Conselheiros Plínio Olinto, Laudelino de Oliveira Lima Filho, Nelson

Bandeira de Melo, Xavier de Oliveira e Adalberto Lira Cavalcante, os Membros de Seções de Estudos Artur Augusto de Oliveira Lima, Eudócio Paiva de Araújo, Edmundo Gouveia Cardilo, Francisco de Sá Pires e Carmen Pereira Alonso e os Srs. Cecília Resende, Alfredo Frederico Sedlemayer e Valdemar de Almeida, — em sua Sede Social, — realizou a Liga Brasileira de Higiene Mental a sua 4.^a Assembléia-geral do ano de 1944.

Aberta a sessão, o Sr. Presidente deu a palavra ao Secretário-geral para a apresentação do expediente. O Secretário leu a ata da Assembléia-geral de 11 de abril, que foi aprovada sem emendas —, as cartas dos Drs. Jorge Dodsworth e Oto Prazeres — aceitando e agradecendo as suas nomeações para Sócios Honorários, — as propostas para Sócios Efetivos dos Drs. José Afonso Neto e Danilo Perestrelo da Câmara, a carta do Capitão Dr. Emanuel Pedrosa, — agradecendo e apresentando excusas por não poder aceitar as funções de Membro Titular da Seção de Estudos "Higiene Militar" desta Liga — e se referiu ao recebimento do escrito do Conselheiro Adalberto Lira Cavalcante, — para ser publicado no próximo número dos ARQUIVOS, sôbre "Higiene Mental do Trabalho" — do Ofício do Dr. Adauto Botelho, — Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais, enviando a classificação oficial adotada e em uso, — a Conferência, dactilografada, sôbre "Seleção de Pessoal para o tráfego telefônico", — da autoria do Dr. Laudelino de Oliveira Lima Filho e lida por êste ilustre Membro do Conselho Executivo da Liga, na sessão de onze de Abril do ano corrente, — as resenhas do *The Neuro-Psychiatric Institute of the Hartford Aretreat*, e das publicações Imprensa Médica: um exemplar oferecido (permuta) e vinte e cinco adquiridos pela Liga (exemplares em que estão reimpressos os nossos Estatutos — para distribuição aos Srs. Conselheiros e Membros das Seções de Estudos —, o número de "Brasil Médico" — correspondente a 1, 8 e 15 de abril de 1944 —, o n.º 41 do ano XXIII de "Accion Sindical" do Sindicato Médico do Uruguai, o n.º 1 do ano VI do número científico de "Accion Sindical", do mesmo Sindicato, — o n.º 1-2, volume VII de "America Clinica de Nova York (edição hespanhola), — o trabalho "Orientação prática sôbre a indicação dos métodos de choque no tratamento das doenças mentais", e o n.º 12 de "Noticiário" do Instituto Internacional Americano de proteção à infância, de Montevideú, abril de 1944.

Em seguida, solicitando a palavra, o Secretário-geral se referiu ao decênio do falecimento do Dr. Gustavo Riedel e às homenagens que a Diretoria da Colônia Gustavo Riedel programara para levar a efeito nesse dia, 16 do corrente.

O Sr. Presidente nomeou a Comissão Valdemar de Almeida Robalinho Cavalcanti e Silvio Aranha de Moura para representar

a Liga nessas homenagens, autorizando o Secretário-geral a combinar com o Dr. Ernani Lopes uma sessão conjunta com as outras Sociedades que pretendam aderir.

Em seguida o Sr. Presidente deu a palavra ao conferencista inscrito, Dr. Xavier de Oliveira, — sobre o tema "Censo psiquiátrico e higiene mental", — que proferiu a sua conferência, abordando as questões a respeito da criação, pela Liga, de um Serviço de Assistência à Família do Insano e de uma grande campanha contra o espiritismo, pela Liga, e suas filiais, em todo o Brasil, — fazendo com que sejam fechados os milhares dos chamados "Centros espiritas" e as suas "Tendas", fundados quase sempre para explorar a credulidade pública, com malévolos e criminosos intuitos. Disse o conferencista ser o espiritismo, o "alto" ou o "baixo", um mal brasileiro, filho da ignorância, da irreligião, da incultura, e estar reclamando uma enérgica providência para a sua extinção pois o espiritismo, — com os seus centros, tendas, tendinhas, tabas de caboclo, candoblés, mediuns e trabalhadores, Mestres, etc. — está cada vez mais concorrendo para aumentar as internações nos hospitais para insanos — mais ainda que o álcool e talvez que a sífilis, — e desfazendo os lares cristãos e desgraçando inúmeras famílias, com os crimes que pratica nestas verdadeiras fábricas de loucura, que tanto depõem contra a nossa cultura e tanto nos envergonham perante a civilização. Concluindo, assevera o conferencista: 1) O levantamento do Censo psiquiátrico é um fator da máxima importância para uma campanha de Profilaxia Mental; 2) O conhecimento do meio familiar do insano é medida que se impõe como base de uma assistência médica e profilática ao enfermo mental, visando à sua higiene psíquica em fase prè ou post-hospitalar; 3) O sentido humano e o valor profilático da assistência psiquiátrica à família do insano é medida de tão alto alcance científico e social, que louvado nela, é que proponho à Liga Brasileira de Higiene Mental seja criada em seu organismo uma Secção denominada Serviço de Assistência à Família do Insano: S. A. F. I.; 4) O combate ao espiritismo é uma medida de alta profilaxia, que a Liga Brasileira de Higiene Mental deve encetar e prosseguir no Brasil, por tôdas as suas filiais e por todos os meios ao seu alcance, visando prevenir e combater a loucura, que, entre nós, tem nos Centros espiritas um de seus fatores mediatos mais importantes.

A conferência recebeu encômios dos Profs. Henrique Roxo e Aduino Botelho e do Docente Dr. Francisco de Sá Pires.

Havendo o Prof. Aduino Botelho, em comentando a conferência do Docente Dr. Xavier de Oliveira, se referido à obra de profilaxia que o Serviço Nacional de Doenças Mentais vem realizando em todo o Brasil, obra de grande vulto, benéfica e patriótica, pro-

pôs o Sr. Presidente uma salva de palmas, que foi dada pela Assembléia, viva e longa, ao Sr. Vice-presidente desta Liga, Professor Aduino Botelho, Diretor do Serviço Nacional de Doenças Mentais.

O Sr. Presidente enalteceu o valor dos estudos do conferencista e prometeu tomar em consideração o assunto.

O Dr. Francisco de Sá Pires também louvou a oportunidade do trabalho do Dr. Xavier de Oliveira, pedindo em seguida a sua inscrição para a próxima sessão, a fim de, atendendo ao pedido do Prof. Henrique Roxo, fazer uma conferência nesta Liga.

O Dr. Sá Pires falará sobre o tema "Psiconeurose, doença funcional do bancário".

As 18 horas e 20, como ninguém mais quisesse usar da palavra, o Sr. Presidente encerrou a sessão.

Aprovada na Assembléia-geral de 6 de junho de 1944.

1945
IMPRESA NACIONAL
RIO DE JANEIRO - BRASIL



AVISO

A LIGA BRASILEIRA DE HIGIENE MENTAL mantém consultórios gratuitos, para as pessoas reconhecidamente pobres, os quais funcionam na Clínica Psiquiátrica, no Hospital Psiquiátrico e na sede da Liga, que é no Edifício Odeon.

Os médicos especialistas que dirigem estes ambulatórios, dão conselhos, orientam os doentes, fazem a diagnose e o tratamento de quantos os procurem.